

**UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE – UNIVALE  
MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO – GIT**

**Jacqueline Míriam Maciel Junqueira**

HORTAS COMUNITÁRIAS: uma análise dos significados atribuídos por  
agricultores urbanos no território valadarense

Governador Valadares – MG

2018

**JACQUELINE MÍRIAM MACIEL JUNQUEIRA**

HORTAS COMUNITÁRIAS: uma análise dos significados atribuídos por  
agricultores urbanos no território valadarense

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Gestão Integrada do Território.

Orientador: Prof. Dr. Thomas Werner Jeffré

Governador Valadares – MG

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

J95h

Junqueira, Jacqueline Míriam Maciel.  
Hortas comunitárias: uma análise dos significados atribuídos por agricultores urbanos no território valadarense. / Jacqueline Míriam Maciel Junqueira. – Governador Valadares : UNIVALE, 2018.  
157 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Thomas Werner Jeffré.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce.

1. Agricultor Urbano. 2. Horta Comunitária. 3. Interdisciplinaridade. 4. Topofilia. 5. I. Jeffré, Thomas Werner. II. UNIVALE. III. Título.

CDU: 631/635

Ficha catalográfica elaborada por:  
Bibliotecária Sônia Miranda de Oliveira – CRB 6 / 1381

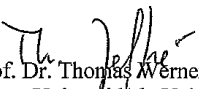



**UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE**  
**Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território**


JACQUELINE MÍRIAM MACIEL JUNQUEIRA

“HORTAS COMUNITÁRIAS: uma análise dos significados atribuídos por agricultores urbanos no território valadarense”

Dissertação aprovada em 31 de outubro de 2018,  
pela banca examinadora com a seguinte  
composição:

  
Prof. Dr. Thomas Werner Jeffré  
Orientador - Universidade Vale do Rio Doce

  
Prof.ª Dr.ª Maria Celeste Reis Fernandes de Souza  
Examinadora - Universidade Vale do Rio Doce

  
Prof.ª Dr.ª Maria Gabriela Parenti Bicalho  
Examinadora - Universidade Federal de Juiz de Fora



Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território - GIT

**ATA DA BANCA EXAMINADORA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**

**JACQUELINE MÍRIAM MACIEL JUNQUEIRA**


**Matrícula N° 75.482**

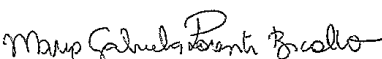
Aos trinta e um dias do mês de outubro de dois mil e dezoito (31/10/2018), às 15h (quinze horas), sala 12, Bloco PVA, da Universidade Vale do Rio Doce, reuniu-se a Comissão Examinadora da Dissertação de Mestrado intitulada **“HORTAS COMUNITÁRIAS: uma análise dos significados atribuídos por agricultores urbanos no território valadarense”**, Linha de Pesquisa: Território, Sociedade e Saúde, elaborada pela aluna Jacqueline Míriam Maciel Junqueira. A Comissão Examinadora foi composta pelos professores: Dr. Thomas Werner Jeffré (orientador) – UNIVALE, Dr.<sup>a</sup> Maria Celeste Reis Fernandes de Souza – UNIVALE e a Dr.<sup>a</sup> Maria Gabriela Parenti Bicalho – Universidade Federal de Juiz de Fora. Abrindo a sessão, o presidente da Comissão, Prof. Dr. Thomas Werner Jeffré, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulares do Trabalho Final, passou a palavra à mestranda Jacqueline Míriam Maciel Junqueira para apresentação de sua Dissertação. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestranda e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora consideraram por unanimidade a Dissertação aprovada. Resalta-se a relevância do trabalho e indica-se a observação das sugestões feitas pela banca

Em seguida, o resultado foi comunicado publicamente à candidata pelo presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou-se a presente Ata, que será assinada por todos os membros da Comissão Examinadora.

Governador Valadares, 31 de outubro de 2018.

  
Prof. Dr. Thomas Werner Jeffré  
Orientador

  
Prof.ª Dr.ª Maria Celeste Reis Fernandes de Souza  
Examinadora

  
Prof.ª Dr.ª Maria Gabriela Parenti Bicalho  
Examinadora

Dedico este trabalho aos meus amados, presentes de Deus em minha vida, por esse amor incondicional que me faz crescer como ser humano.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me concedeu o presente da vida e as oportunidades.

Àqueles que tornaram possível a concretização deste estudo expresso aqui os meus mais sinceros agradecimentos:

Ao Professor Doutor Thomas, por sua orientação científica e pelo voto de confiança.

Aos convidados para compor a banca de avaliação deste trabalho: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Celeste Reis Fernandes de Souza, que contribuiu desde a qualificação, e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Gabriela Parenti Bicalho, muito obrigada por aceitarem o convite.

Aos professores do Programa de Mestrado Gestão Integrada de Território e as meninas da secretaria, recebam meus agradecimentos.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gulnara Patrícia Borja Cabrera que me acolheu na UNIVALE e no Equador.

Ao meu amado companheiro Ivo, pelo apoio incondicional na concretização desse objetivo tão sonhado.

Ao meu irmão Claudio e minha inspiradora irmã Carmem, sempre prontos a ajudar.

À minha filha Lívia e minha querida Isabella, filha de coração, sempre presentes em minha vida, apoiando nas atividades dessa pesquisa. Ao meu filho Victor, que mesmo à distância, me incentivou e apoiou nessa conquista. À Fernanda e ao Leonardo, filhos do coração, pelo apoio e compreensão da minha ausência.

Aos agricultores e agricultoras urbanos (as) que livremente aceitaram participar dessa pesquisa.

À Secretaria Municipal de Saúde apoio e concessão da licença de três meses para capacitação, período em que pude imergir para redação dessa dissertação.

À Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Agricultura pela disponibilização de materiais e informações necessários a esse estudo.

Aos colegas de trabalho pelo suporte em minha ausência em razão da imersão para dissertar.

Aos colegas e funcionários do Programa de Gestão Integrada de Território.

A todos que de alguma forma contribuíram para realização das etapas necessárias.

## CATADOR DE LINDEZAS

*“Eu venho de lá, onde o bem é maior. De onde a maldade seca, não brota.*

*De onde é sol, mesmo em dia de chuva e a chuva chega como benção.*

*Lá sempre tem uma asa, um abrigo para proteger do vento e das tempestades. Eu venho de um lugar que tem cheiro de mato, água de rio logo ali e passarinho em todas as estações.*

*Eu venho de um lugar em que se divide o pão, se divide a dor e se multiplica o amor. Eu venho de um lugar onde quem parte fica para sempre, porque só deixou boas lembranças.*

*Eu venho de um lugar onde criança é anjo, jovem é esperança e os mais velhos são confiança e sabedoria. Eu venho de um lugar onde irmão é laço de amor e amigo é sempre abraço. Onde o lar acolhe para sempre, como o coração de mãe.*

*Eu venho de um lugar que é luz mesmo em noite escura. Que é paz, fé e carinho. Eu venho de lá e não estou sozinho, “sou catador de lindezas”, sobrevivo de encantamento, me alimento do que é bom, do bem. Procuo bonitezas e bem querer, sobrevivo do que tem clareza e só busco o que aprendi a gostar.*

*Não esqueço de onde venho e vou sempre querer voltar. Meu lugar se sustenta do bem que encontro pelo caminho, junto a maços de alfazema e alecrim.*

*Assim, sou como passarinho carregando a bagagem de bondade, catando gravetos de cheiro, para esquentar e sustentar o ninho...*

*Talvez a vida tenha feito você acreditar que este lugar não existe. Te digo: tem sim, é fácil encontrar.*

*Silencie, respire, desarme-se, perceba, é pertinho... Este lugar que pulsa amor é dentro da gente, é essência, está em cada um de nós. Basta a gente buscar.”*

(MADAINA, 2017)



## RESUMO

Esta investigação teve como objetivo compreender os significados atribuídos, pelos agricultores urbanos, às hortas comunitárias, em Governador Valadares - MG, sob uma perspectiva interdisciplinar. Mais especificamente, identificar e localizar as hortas comunitárias urbanas, ativas até julho de 2018, desvelar quais sentimentos os agricultores urbanos demonstraram sentir pelo lugar das hortas comunitárias, identificar os significados atribuídos às hortas comunitárias e como esses significados se mostraram presentes no modo de vida deles. Trata-se de um estudo de caso, com uma abordagem quali-quantitativa. Foram realizadas: coleta de dados documentais, visitas técnicas para o geoprocessamento das hortas comunitárias e entrevistas estruturadas com agricultores urbanos responsáveis pelas hortas comunitárias. Os dados foram categorizados e analisados de acordo com a Análise de Conteúdo como proposto por Bardin (2014). Nos sustentamos teoricamente no pensamento da geografia humanista fundamentada em Yi-Fu Tuan (1980, 1983). Como resultados compreendemos que, ao experimentar e sentir o “lugar” na horta comunitária, o sentimento de topofilia foi despertado nos sujeitos. A partir desse sentimento de amor ao lugar foram atribuídos os significados às hortas comunitárias. Esses significados foram expressos no modo de vida dos agricultores urbanos como sentimento de: saúde, bem-estar, alívio das tensões e prazer em estar naquele lugar.

**Palavras-Chave:** Agricultor Urbano. Horta Comunitária. Interdisciplinaridade. Topofilia.

## ABSTRACT

This research aimed to understand the meanings attributed by the urban farmers to community vegetables farms in Governador Valadares - MG, from an interdisciplinary perspective. Specifically, we identified and located the urban community vegetables farms actives until July 2018 to reveal which feelings are demonstrated by the urban farmers and how these meanings influence their way of life. In this case study case study we used a quantitative-qualitative approach. Data collection, technical visits for geoprocessing of community vegetables farms and semi-structured interviews with urban farmers responsible for community farms were carried out. The data were categorized and analyzed according to the content analysis method proposed by Bardin (2014). We based ourselves theoretically on the thought of humanistic geography proposed by Yi-Fu-Tuan (1980, 1983). As a result we understand, when experiencing and feeling the "place" in the community garden, the feeling of topophilia was awakened in the affairs. From this feeling of a place were placed the meanings to the communal gardens. Meanings, express, in the way of life of the urban farmers like feeling, health, well-being, pleasure of the tensions and pleasure in being there place.

**Keywords:** Urban Farmer. Community Vegetable Farms. Interdisciplinarity. Topophilia.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Perímetro urbano do distrito sede do município de Governador Valadares.....	20
Figura 2 - Tipologias com Potencial para AU por hectare em 2003 .....	24
Figura 3 - Principais projetos e intervenções de AU em países da América Latina e Caribe.....	32
Figura 4 - Blocos conceituais da definição de Agricultura Urbana.....	34
Figura 5 - Diagrama com elementos que constituem a experiência .....	48
Figura 6 - Localização das hortas comunitárias no perímetro urbano de Governador Valadares em julho de 2018.....	83
Figura 7 - Horta Comunitária Bom Pastor .....	84
Figura 8 - Horta comunitária Vitoriosa.....	86
Figura 9 - Horta comunitária Santa Helena.....	87
Figura 10 - Horta Comunitária São Francisco .....	89
Figura 11 - Horta Comunitária Cantinho do Céu Maria Geralda da Silva.....	90
Figura 12 - Horta Comunitária Renascer .....	92
Figura 13 - Horta comunitária Pai e Filho .....	93
Figura 14 - Horta Comunitária Menino Jesus de Praga.....	94
Figura 15 - Horta Comunitária Nossa Senhora do Bom Conselho.....	95
Figura 16 - Horta Comunitária Esperança .....	96
Figura 17 - Horta Comunitária Figueira.....	98
Figura 18 - Horta Comunitária Mãos na Terra .....	99
Figura 19 - Situação de trabalho até 65 anos .....	102
Figura 20 - Situação de trabalho dos sujeitos com mais de 65 anos de idade.....	103
Figura 21 - Dias dedicados a horta comunitária por semana .....	105
Figura 22 - Nível de escolaridade dos sujeitos .....	106
Figura 23 - Origem dos sujeitos .....	107

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 - Hortas comunitárias em atividade até julho de 2018 .....</b>	<b>78</b>
<b>Tabela 2 - Número de sujeitos por faixa etária e sexo .....</b>	<b>101</b>
<b>Tabela 3 - Número de citações e grau de importância .....</b>	<b>108</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APP – Área de Preservação Permanente

AU – Agricultura Urbana

AUHCOMUT – Associação Unificada das Hortas Comunitárias União e Trabalho

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

CCF – Cidades Cultivando para o Futuro

CMP – Central dos Movimentos Populares

COHAB Minas – Companhia de Habitação de Minas Gerais

CONSEA – MG - Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional de Minas Gerais

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

DF – Distrito Federal

DHAA – Declaração dos Direitos Humanos à Alimentação Adequada

FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

FMSAN – Fórum Mineiro de Segurança Alimentar e Nutricional

GIT – Gestão Integrada do Território

GV – Governador Valadares

HC – Hortas Comunitárias

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDRC – Centro Internacional de Investigação para o Desenvolvimento Canadá

IPES – Instituto Peruano para a Promoção do Desenvolvimento Sustentável

IPTU – Imposto Predial Territorial Urbano

LTDA – Limitada

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MG – Minas Gerais

MS – Mato Grosso do Sul

ONG – Organização Não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PAVS – Programa Ambiente Verde e Saudável

PB – Paraíba

PEA – População Economicamente Ativa

PGU - ALC – Programa de Gestão Urbana para América Latina e Caribe

PI – Piauí

PIC – Práticas Integrativas e Complementares

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNPIC – Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares

PROAGRU – Programa de Agricultura Urbana

RJ – Rio de Janeiro

SAAE – Serviço Autônomo de Água e Esgoto

SAN – Segurança Alimentar e Nutricional

SCIELO – *Scientific Electronic Library Online*

SEMA – Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento

SEPLAN – Secretaria Municipal de Planejamento

SIG - Sistema de Informações Geográficas

SMO – Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos

SP – São Paulo

SSVP – Sociedade São Vicente de Paula

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UBS – Unidades Básicas de Saúde

UM-HABITAT - Nações Unidas para os Assentamentos Humanos

UNIVALE – Universidade Vale do Rio Doce

UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>2</b>	<b>HORTA COMUNITÁRIA E TERRITÓRIO.....</b>	<b>30</b>
<b>2.1</b>	<b>Conexões entre projetos de agricultura urbana.....</b>	<b>30</b>
<b>2.2</b>	<b>Sobre o conceito de agricultura urbana .....</b>	<b>34</b>
<b>2.3</b>	<b>Revisão da literatura a respeito da horta comunitária.....</b>	<b>38</b>
<b>3</b>	<b>TERRITÓRIO E SUJEITO .....</b>	<b>47</b>
<b>3.1</b>	<b>Amor ao lugar.....</b>	<b>51</b>
<b>3.2</b>	<b>Terapia .....</b>	<b>52</b>
<b>3.3</b>	<b>Doação .....</b>	<b>54</b>
<b>3.4</b>	<b>Saúde .....</b>	<b>55</b>
<b>3.5</b>	<b>Alimentação saudável .....</b>	<b>57</b>
<b>3.6</b>	<b>Trabalho.....</b>	<b>58</b>
<b>3.7</b>	<b>Lazer.....</b>	<b>59</b>
<b>3.8</b>	<b>Ocupação.....</b>	<b>60</b>
<b>3.9</b>	<b>Renda .....</b>	<b>61</b>
<b>4</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>62</b>
<b>4.1</b>	<b>Tipo de estudo.....</b>	<b>62</b>
<b>4.2</b>	<b>Local do estudo.....</b>	<b>63</b>
<b>4.3</b>	<b>Sujeitos da pesquisa .....</b>	<b>64</b>
<b>4.4</b>	<b>Coleta de dados e etapas de realização da pesquisa .....</b>	<b>64</b>
<b>4.4.1</b>	<b>Coleta de dados documentais .....</b>	<b>64</b>
<b>4.4.2</b>	<b>Geoprocessamento das hortas comunitárias .....</b>	<b>65</b>
<b>4.4.3</b>	<b>Entrevista estruturada.....</b>	<b>67</b>
<b>4.5</b>	<b>Apresentação e análise dos dados .....</b>	<b>73</b>
<b>5</b>	<b>HORTA COMUNITÁRIA: UM LUGAR NA CIDADE.....</b>	<b>75</b>
<b>5.1</b>	<b>Documentos analisados.....</b>	<b>75</b>
<b>5.1.1</b>	<b>Cadastro da Horta.....</b>	<b>76</b>
<b>5.1.2</b>	<b>Termos de adesão e compromisso do produtor urbano.....</b>	<b>76</b>
<b>5.1.3</b>	<b>Relatórios de visita técnica.....</b>	<b>77</b>
<b>5.2</b>	<b>Identificação das hortas .....</b>	<b>77</b>
<b>5.3</b>	<b>Localização das hortas comunitárias .....</b>	<b>82</b>

5.3.1	Bom Pastor.....	84
5.3.2	Vitoriosa.....	86
5.3.3	Santa Helena.....	87
5.3.4	São Francisco.....	89
5.3.5	Cantinho do Céu Maria Geralda da Silva .....	90
5.3.6	Renascer.....	91
5.3.7	Pai e Filho .....	93
5.3.8	Menino Jesus de Praga .....	94
5.3.9	Nossa Senhora do Bom Conselho .....	95
5.3.10	Esperança.....	96
5.3.11	Figueira .....	97
5.3.12	Mãos na Terra.....	99
6	EXPERIÊNCIA DO LUGAR.....	101
6.1	Da caracterização do sujeito.....	101
6.1.1	Sobre a faixa etária e sexo .....	101
6.1.2	Sobre a situação de trabalho .....	102
6.1.3	Sobre o tempo dedicado .....	105
6.1.4	Sobre a escolaridade .....	105
6.1.5	Sobre a origem.....	106
6.2	Das evocações .....	107
6.3	Dos significados .....	109
6.3.1	Categoria: Amor ao Lugar.....	109
6.3.2	Categoria: Terapia.....	113
6.3.3	Categoria: Doação .....	115
6.3.4	Categoria: Saúde.....	117
6.3.5	Categoria: Alimentação Saudável .....	119
6.3.6	Categoria: Trabalho .....	121
6.3.7	Categoria: Lazer.....	123
6.3.8	Categoria: Ocupação .....	124
6.3.9	Categoria: Renda .....	126
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
	REFERÊNCIAS .....	138
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	148
	APÊNDICE B – PLANILHA DE CONTATO DAS HORTAS COMUNITÁRIAS.....	150



<b>APÊNDICE C – ROTEIRO ESTRUTURADO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>151</b>
<b>APÊNDICE D – GRELHA DE SIGNIFICADOS.....</b>	<b>153</b>
<b>ANEXO A – CADASTRO DA HORTA .....</b>	<b>154</b>
<b>ANEXO B – TERMO DE ADESÃO E COMPROMISSO .....</b>	<b>156</b>
<b>ANEXO C – RELATÓRIO DE VISITA TÉCNICA .....</b>	<b>157</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação surgiu do meu interesse em investigar sobre os significados das hortas comunitárias para os agricultores urbanos. Tal motivação tem origem no meu trabalho como voluntária na Pastoral da Criança, que é um organismo de ação social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Trabalhei por 13 anos como líder e Coordenadora Diocesana da Pastoral da Criança em Governador Valadares. No período de 2001 a 2005 participei de articulações e mobilizações para implementação de políticas e ações públicas de Agricultura Urbana, que resultaram na criação de hortas comunitárias no Município de Governador Valadares.

Uma relevante experiência foi o desenvolvimento de projetos políticos de intervenção social, que foram também projetos de pesquisa e extensão, realizados em articulação com parceiros municipais e internacionais. A essa atividade soma-se a experiência vivenciada no ensino fundamental, quando tive a oportunidade de estudar no Colégio Polivalente, em João Monlevade - MG, onde foi possível construir alguns conhecimentos sobre técnicas agrícolas. Esse conhecimento apropriado por mim foi colocado em prática ao longo da minha vida. A proximidade e interesse pelo tema fez surgir alguns questionamentos e curiosidades e o meu exercício profissional na área da saúde contribuíram para a opção de desenvolver essa pesquisa com abordagem interdisciplinar.

Essa experiência de vida e o ingresso no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Gestão Integrada do Território (GIT) da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE) permitiram-me realizar o sonho de compreender um pouco mais a respeito do tema, o que se expressa nessa pesquisa. Na trajetória do curso integralizei os créditos, cumpri as exigências da qualificação, submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa<sup>1</sup>, realização da pesquisa de campo, redação da dissertação e submissão à defesa desse trabalho, com aprovação pela comissão examinadora. Ao longo do percurso, muitas transformações ocorreram no meu modo de pensar, na construção da pesquisa, na forma de compreender os processos metodológicos que possibilitaram atingir os objetivos pretendidos e condições para a escrita final.

---

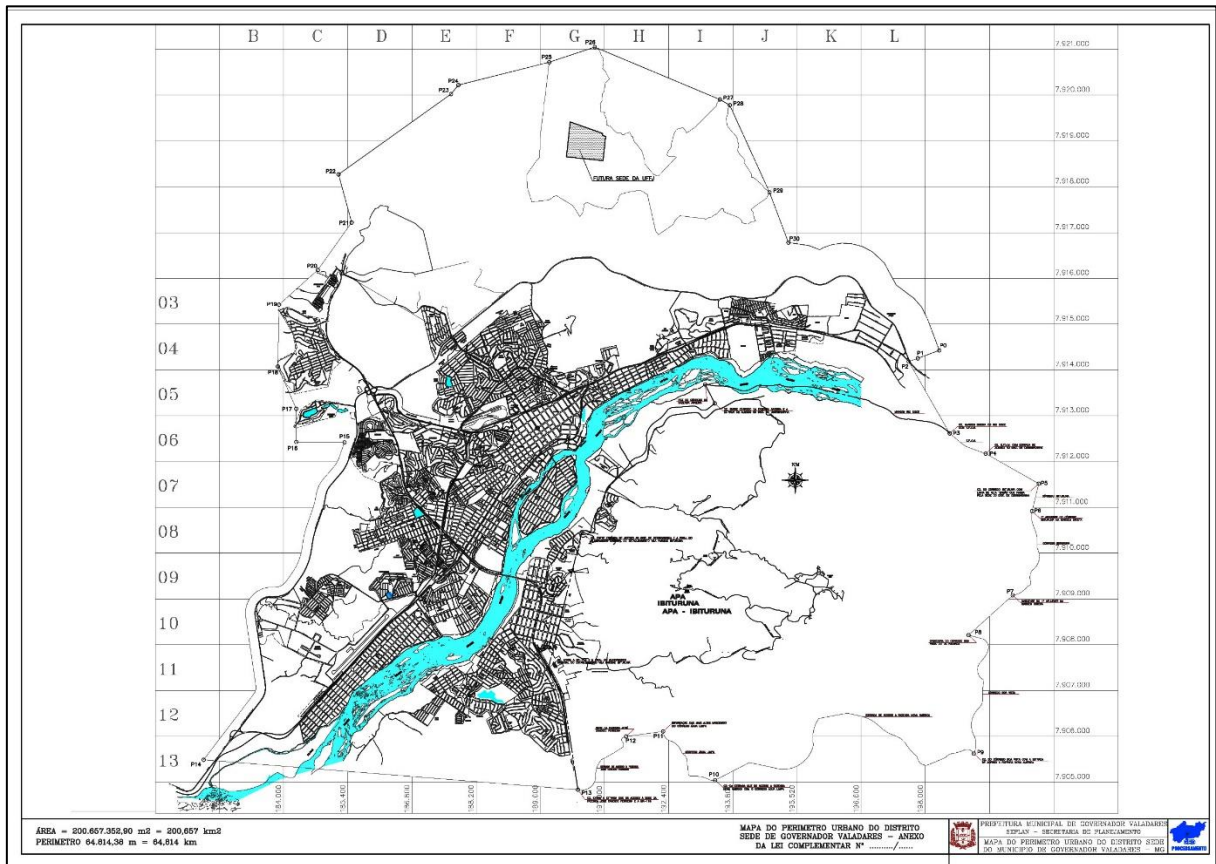
<sup>1</sup> Parecer nº 2.756.131 Aprovado em 5 de julho de 2018.

Concomitantemente a esse período de crescimento, com a construção de conhecimento e articulação de elementos conceituais e empíricos concernentes à abordagem territorial no GIT, em meu ambiente de trabalho, também tive a oportunidade de retomar o contato com algumas hortas comunitárias. Essa situação tornou-se então uma condição oportuna e fundamental para concretizar a realização dessa pesquisa. A aproximação propiciada pelo Programa, que é interdisciplinar, faz emergir o interesse em investigar os significados atribuídos pelos agricultores urbanos às hortas comunitárias.

O Município de Governador Valadares está situado na região leste do Estado de Minas Gerais Sudeste do Brasil, com área de 2.342.325 km<sup>2</sup> e distante, aproximadamente, 320 km da capital mineira. De acordo com as informações disponibilizadas no site do Instituto Brasileiro de Pesquisas Estatísticas (IBGEa), no censo de 2010, a cidade possuía 263.689 habitantes. No que se refere às pessoas residirem ou em área urbana ou em área rural, os dados disponibilizados mostram que 244.716 pessoas residiam em área urbana na sede municipal e 18.973 pessoas residiam em área rural (IBGEc).

A Figura 1 mostra o perímetro urbano do distrito sede do Município de Governador Valadares com área de 64.814 km<sup>2</sup>.

**Figura 1 - Perímetro urbano do distrito sede do município de Governador Valadares**



Fonte: GOVERNADOR VALADARES (2018).

Conhecer a evolução da estrutura urbana, entendida como relação mutável e contínua, é fundamental para perceber como é que o passado condicionou o crescimento urbano da cidade, até os dias de hoje. A cidade é, portanto, um lugar construído ao longo do tempo no qual cada época é registrada. Segundo Espíndola (1999), os registros mostram que no séc. XIX, o Vale do Rio Doce foi repartido em Divisões Militares como estratégia de guerra ofensiva aos índios Botocudos. A primeira ocupação foi na região de Baguari, hoje um distrito de Governador Valadares, onde foi instalado o primeiro dos Quartéis, o da 1<sup>o</sup> Divisão Militar do Rio Doce. O segundo quartel, o da 6<sup>o</sup> Divisão Militar, foi instalado pouco quilômetros abaixo de Baguari com o nome de Dom Manoel. Em torno desse quartel funcionou o Porto de Canoas, lugar onde deu origem ao distrito de Figueira, em 1882.

De acordo com Espíndola (1999), em 1915 foi tomada a decisão de fazer a primeira planta geral de Figueira, garantindo para o futuro um traçado urbano moderno, espelhado nos moldes que ocorreu com Belo Horizonte, a capital do Estado.

Na década de 1920 o povoado contava com apenas três ruas. Nessa região, hoje se localiza o centro de Governador Valadares.

Em 31 de dezembro de 1937, foi criado o Município de Figueira, desmembrado de Peçanha por ato do governador Benedito Valadares. O Decreto-lei, estadual, nº 148, de 17 de dezembro de 1938, mudou o nome para Governador Valadares. A abertura de estradas, ligando a cidade aos municípios de Itambacuri e Peçanha, impulsionou e incrementou a pecuária na região. O extrativismo de recursos naturais tais como: madeira, pedras preciosas, mica, entre outros proporcionou um significativo crescimento regional.

Nos anos da década de 1970, a base extrativista da economia tinha se esgotado, a opção do capital foi migrar para outras regiões, não havendo capacidade de reconversão econômica, de polo de atração e crescimento converteu-se, gradativamente, em reservatório de mão de obra industrial e de trabalho doméstico. A população iniciou um processo migratório, deixando a região em busca de novas fronteiras agrícolas e de outros centros industriais em crescimento. Em 1993, calcula-se que cerca de 27.000 valadarenses, na faixa etária de 16 e 35 anos, emigraram para o exterior, particularmente, para os Estados Unidos. (ESPÍNDOLA, 1998).

No início da constituição da cidade a agricultura no perímetro urbano de Governador Valadares constituía-se, basicamente, na produção de alimentos para o próprio sustento e comercialização do excedente. Também era comum a criação de pequenos animais e cavalos, que eram utilizados em transporte por tração animal. (LOVO, 2003).

A partir de então destacamos alguns marcos legais na Política de Desenvolvimento e de Expansão Urbana do Município:

- a) Lei Complementar nº 002/92, integrante do Plano Diretor de Governador Valadares, que dispõe sobre o parcelamento do solo urbano (GOVERNADOR VALADARES, 1992);
- b) Lei Complementar nº 03, de junho de 1993, que institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Governador Valadares, fundamentado na Constituição Federal, na Constituição do Estado de Minas Gerais e na Lei Orgânica do Município (GOVERNADOR VALADARES, 1993);

- c) Lei Complementar nº 004/93, que dispõe sobre o uso e a ocupação do solo urbano no Município de Governador Valadares e dá outras providências. Esta lei dividiu a cidade em 17 zonas e tem como principais características a preocupação ambiental, a flexibilidade dos usos e a não utilização do coeficiente de aproveitamento do solo (GOVERNADOR VALADARES, 1993);
- d) Lei Municipal nº 4.526, de 05 de agosto de 1998, que dispõe sobre a implementação de Hortas Comunitárias. Destinadas ao cultivo de hortaliças, legumes e plantas medicinais. Visa o abastecimento de escolas municipais, creches, asilos, e demais entidades assistenciais como também ao atendimento alimentar das comunidades periféricas e comercialização dos produtos (GOVERNADOR VALADARES, 1998).

Em 2001, segundo Lovo; Pessoa e Costa (2008) iniciou-se um apoio pontual do poder público às iniciativas de grupos comunitários para a estruturação de hortas comunitárias. Esse apoio foi assumido pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico por meio do setor de Agricultura. A mobilização e participação popular em prol da Agricultura Urbana (AU) buscou conhecer o território no perímetro urbano de Governador Valadares e identificar os potenciais para desenvolvê-la no município. Com toda essa mobilização, a AU é então incluída na agenda pública da gestão municipal. As autoras consideram que AU constituiu-se em um potencial para fortalecer e diversificar estratégias de gestão urbana objetivando o desenvolvimento sustentável da cidade, que resgata e integra o cidadão e promove a Segurança Alimentar e Nutricional<sup>2</sup> (SAN), bem como a geração de trabalho e renda.

De acordo com Lovo (2003), o primeiro apoio à implementação de hortas foi por meio de um convênio com a Pastoral da Criança, com o objetivo de ampliar o trabalho com hortas comunitárias e iniciar a discussão com a sociedade civil e o governo sobre SAN. Como resultado desse convênio, em 2003 foram implantadas 22 hortas, sendo 14 comunitárias em áreas públicas e privadas e oito em creches e escolas. A Prefeitura Municipal de Governador Valadares apoiou a implantação

---

<sup>2</sup> A Lei nº 11.346 de 15 de setembro de 2006 define que “[...] a segurança alimentar e nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis.”. (BRASIL, 2006).

dessas hortas oferecendo assistência técnica e disponibilizando serviços e equipamentos para preparar o terreno para formar canteiros.

A autora descreve, também, que foi inaugurada em seis de junho de 2003 a Feira do Produtor Familiar, dentro do Programa de Abastecimento da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento. A Associação Unificada das Hortas Comunitárias União e Trabalho (AUHCOMUT) foi contemplada com a disponibilização de um espaço para comercialização dos produtos das hortas comunitárias de Governador Valadares.

Outra parceria registrada foi com o Programa de Saúde da Família, em que os agentes de saúde comunitária estimularam a formação de hortas tanto no setor rural quanto no urbano. Essa articulação consolidou em uma parceria efetiva entre as Secretarias Municipal de Saúde e a de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento. (LOVO, 2003)

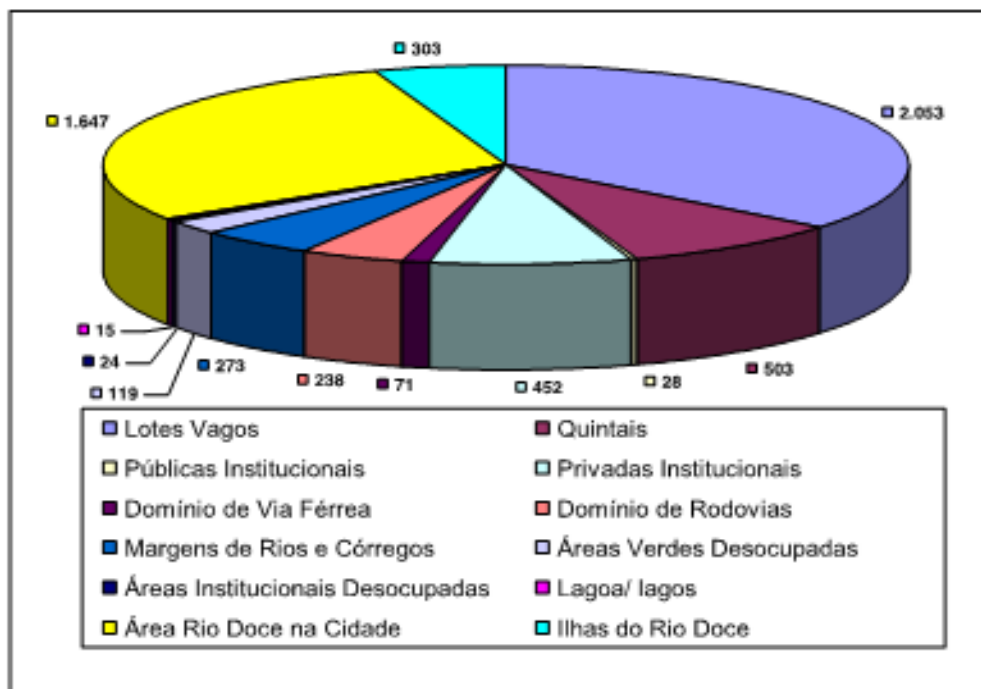
Segundo Lovo e Costa (2005), em 2003 foi executado o projeto Cidade Verde, significando otimização do uso de espaços vazios com a disponibilização dos mesmos para Agricultura Urbana através de planos participativos, planificação e gestão para promover a SAN e governabilidade participativa municipal. Esse projeto consistiu-se na implantação e desenvolvimento da agricultura urbana no município de Governador Valadares, Minas Gerais, como estratégia para: gerar renda, melhorar a SAN, reciclar resíduos urbanos e reduzir a pobreza.

Esse Projeto foi desenvolvido concomitantemente em duas cidades localizadas na América Latina e uma no Caribe, sendo Governador Valadares no Brasil, Rosário na Argentina e Cienfuegos em Cuba. Em Governador Valadares, o Cidade Verde foi executado a partir de ações integradas e colaborativas entre instituições internacionais, nacionais, gestores públicos municipais e entidades da sociedade civil. As instituições internacionais foram: Centro Internacional de Investigação para o Desenvolvimento Canadá (IDRC), programas das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (UN-HABITAT), Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO/ONU), Programa de Gestão Urbana para América Latina e Caribe (PGU-ALC) e Instituto Peruano para a Promoção do Desenvolvimento Sustentável (IPES). As instituições nacionais foram: UNIVALE e Doce Rio Consultoria, Assessoria e Projetos LTDA. Os gestores governamentais foram: Secretaria Municipal de Planejamento (SEPLAN), Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento (SEMA) e Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos (SMO).

As entidades da Sociedade Civil foram: Central dos Movimentos Populares (CMP), Pastoral da Criança; AUHCOMUT e Associação Habitacional Nova Terra/GV. (LOVO; PESSOA; COSTA, 2008).

Cabe listar como resultado desse projeto, de acordo com Lovo; Pessoa e Costa (2008) que, mediante estudo das tipologias, foi identificado que 37% da área do perímetro urbano do Município possuía potencial para desenvolver experiências de AU, como mostra a Figura 2:

**Figura 2 - Tipologias com Potencial para AU por hectare em 2003**



Fonte: Lovo; Pessoa; Costa (2008).

Outros resultados relevantes desse projeto foram: organização do Fórum Municipal de AU e SAN, criação do Programa de Agricultura Urbana (PROAGRU) de Governador Valadares em 2003, realização de sete Encontros Municipais no período de 2003 a 2005, mobilização da sociedade civil e governo para aprovação:

- a) Lei Complementar nº 051, de 29 de dezembro de 2003 que altera dispositivos da Lei Complementar Municipal Nº 34, de 14 de dezembro de 2001 (Código Tributário Municipal) que altera o Código Tributário Municipal com a concessão de redução da alíquota do Imposto



Territorial Urbano (IPTU), de 3% para 0,6%, de lotes vagos destinados a AU (GOVERNADOR VALADARES, 2003);

- b) Lei no 5.335, de 14 de julho de 2004 que reestrutura o Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE), regulamentando a isenção de pagamento das taxas de: água, lixo e esgoto para hortas comunitárias cadastradas no PROAGRU (GOVERNADOR VALADARES, 2004);
- c) Lei Complementar nº 068, de 17 de novembro de 2004, que altera o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano com a inclusão da AU na legislação do Município de Governador Valadares (GOVERNADOR VALADARES, 2004).

Em 2003 o Município recebeu a Caravana Metropolitana Dignidade e Vida de AU e SAN, realizada pelo Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional de Minas Gerais (CONSEA-MG) e pelo Fórum Mineiro de Segurança Alimentar e Nutricional (FMSAN). Essa caravana percorreu a Região leste do Estado, objetivando destacar e dar visibilidade na imprensa local para as experiências a AU e SAN.

Em 2005, a Fundação RUAFL lançou a convocatória para o Programa Global Cidades Cultivando para o Futuro (CCF). Segundo Lovo (2011) no Brasil a cidade piloto foi Belo Horizonte e as cidades sócias foram Contagem - MG, Governador Valadares - MG, Macaé - RJ, São Paulo - SP e Santa Maria - RS. O programa CCF teve como base de trabalho a promoção da interação entre poder público e sociedade civil. Inicialmente foi realizada uma capacitação no Peru, para pessoas dessas cidades, para atuarem como multiplicadores e facilitadores.

A execução desses programas, Cidade Verde, Cidade Cultivando para o Futuro, bem como a Caravana Dignidade e Vida, possibilitou o fortalecimento e apoio ao PROAGRU, com aprovação da Lei nº 5.439, de 18 de maio de 2005 que reestrutura o Programa de Agricultura Urbana do Município de Governador Valadares. Essa Lei vincula o Programa à Secretaria de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento (SEMA) e define os seguintes incentivos fiscais para estimular a AU no município: redução nas alíquotas do IPTU, isenção do pagamento das taxas de água, lixo e esgoto.

No relatório do PROAGRU (GOVERNADOR VALADARES, 2006) consta que, no início de 2006, havia 41 hortas no perímetro urbano de Governador Valadares em

atividade, de acordo com os dados deixados pelo programa Cidade Verde. Sendo 22 hortas comunitárias, 18 hortas institucionais e uma horta de plantas medicinais.

Nesse sentido, evidencia-se a importância dessas ações e projetos de política local de desenvolvimento da AU no município, e a existência de uma lacuna nos dados disponíveis quanto às hortas comunitárias, fato que justifica a realização da pesquisa ora proposta.

Diante do exposto é que nos interessamos em saber: que significados os agricultores urbanos, de Governador Valadares, atribuem às hortas comunitárias? E como questões norteadoras:

- a) quantas e quais são as hortas comunitárias ativas, no perímetro urbano de Governador Valadares, até julho de 2018?
- b) que relações com o lugar compõem nos significados atribuídos pelos sujeitos às hortas comunitárias?
- c) como os significados atribuídos pelos agricultores urbanos se manifestam em seus modos de vida?

Este trabalho tem como objetivo geral: compreender os significados atribuídos pelos agricultores urbanos às hortas comunitárias em área urbana do Município de Governador Valadares - MG. Os objetivos específicos são:

- a) identificar e localizar as hortas comunitárias urbanas, ativas até julho de 2018, na cidade de Governador Valadares;
- b) identificar que sentimentos os agricultores urbanos expressam sentir pelo lugar das hortas comunitárias;
- c) identificar os significados atribuídos pelos agricultores urbanos às hortas comunitárias;
- d) identificar como esses significados se mostram presentes no modo de vida desses agricultores urbanos.

Para tanto, buscamos na literatura pertinente informações que se apresentaram relevantes para esse estudo. Realizamos uma revisão da produção acadêmica publicada nos últimos cinco anos, referente ao tema dessa pesquisa, a partir da qual construímos a fundamentação teórica que se sustenta na geografia

humanista. Nossas reflexões se originaram dessas leituras e delas construímos um planejamento no sentido de proceder um levantamento investigativo.

Essa pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso e segue uma abordagem quali-quantitativa. O *lócus* de nossa pesquisa foi o das hortas comunitárias em funcionamento até julho de 2018, na área urbana do Município de Governador Valadares.

Nessa pesquisa utilizamos várias técnicas para a obtenção dos dados. A associação dessas modalidades, bem como de métodos de análises que lhes são próprios produziu uma complementaridade, trazendo significativas contribuições a essa investigação. Realizamos a coleta de dados documentais junto à Prefeitura Municipal de Governador Valadares, o geoprocessamento das 12 hortas comunitárias que identificamos em funcionamento nesse período investigado e entrevistas com 26 agricultores urbanos, maiores de 18 anos, de ambos os sexos.

Após a coleta dos dados de nossa pesquisa iniciamos o procedimento de análise desses de acordo com a proposta de Bardin (2014): a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados e a interpretação, seguida pelo processo de categorização.

Ancorados na Geografia Humanista, em sua vertente fenomenológica, descrevemos cada categoria fundamentando-as em Tuan (1980 e 1983) e complementadas em estudiosos que também se interessam pelas questões humanistas relacionadas ao tema de como o ambiente é percebido, sentido e vivido pelas pessoas. Nesse sentido, nos apoiamos em uma perspectiva humanista, que reconhece os sujeitos como portadores de sentimentos e afetos pelo lugar, respeitando, pois, seus sentimentos, crenças e valores diante de suas experiências vividas no território.

Os resultados sinalizam que a horta comunitária é percebida pelos sujeitos como um lugar envolvente, que provê tanto necessidades materiais e emocionais quanto espirituais. A partir dessa experiência, das relações sociais é que o espaço é constituído como lugar. E por meio dessa experiência, os agricultores urbanos desenvolvem um sentimento amoroso pelo lugar que remete à topofilia definida por Tuan (1980). Imbuídos por esse sentimento topofilico agricultores urbanos dão sentido ao lugar e atribuem significados à horta comunitária.

Esta dissertação encontra-se organizada em seis capítulos.

No capítulo 1 apresentou-se a introdução. No capítulo 2 fizemos algumas conexões entre horta comunitária e o Território. Apresentamos algumas experiências de hortas comunitárias e projetos de intervenção de âmbito internacional, apresentamos o conceito de agricultura urbana, relacionamos como as hortas comunitárias estão inseridas na agricultura urbana e apresentamos uma revisão da literatura de produções acadêmicas nacionais no período de 2013 a 2017, referentes à horta comunitária das diversas áreas do conhecimento definidas pela CAPES (2017)<sup>3</sup>.

No capítulo 3 entrelaçamos o território e o sujeito. Apresentamos alguns elementos das discussões acerca das concepções de Território, buscando explorar as perspectivas que encontramos como referencial teórico fundamentando-as em Tuan (1980; 1983) e complementadas com outros estudiosos do tema, para a compreensão dos significados que os agricultores urbanos atribuem as hortas comunitárias.

No capítulo 4 descrevemos o percurso metodológico subdividindo em: tipo de estudo, local do estudo, sujeitos da pesquisa, detalhamento de como se deu a coleta de dados e etapas de realização da pesquisa, tais como coleta de dados documentais, geoprocessamento das hortas comunitárias, entrevistas com os sujeitos da pesquisa e apresentação e análise dos dados.

No capítulo 5 apresentamos a horta comunitária na perspectiva de lugar. Apresentamos alguns dados dos documentos analisados: cadastro da horta, termos de adesão e compromisso do produtor urbano, relatórios de visita técnica e identificação das hortas, bem como apresentamos a localização e geoprocessamento das hortas comunitárias que estavam ativas até julho de 2018, as apresentamos em mapas com um breve relato histórico de cada uma.

No capítulo 6 apresentamos os dados e a análise sobre a experiência do sujeito com o lugar, da caracterização do sujeito, das evocações feitas pelos sujeitos relativas aos significados atribuídos por eles ao lugar da horta comunitária. Na sequência, descrevemos as categorias de significados fundamentando-as em Tuan (1980 e 1983) e complementadas com estudiosos que também se interessam pelas questões humanistas relacionadas aos estudos de como o ambiente é percebido, sentido e

---

<sup>3</sup> A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal (CAPES) definiu as Tabela de Áreas do Conhecimento. Nessa revisão da literatura é possível identificar produções acadêmicas das seguintes áreas: Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais, Ciências Humanas (CAPES, 2017).

vivido pelas pessoas. Apresentamos fragmentos das narrações dos sujeitos como corroboração de nossa categorização.

Por fim, nas considerações finais retomamos, de forma sucinta, a motivação em realizar esta pesquisa, o método utilizado e os resultados relevantes que emergiram dessa investigação, bem como tecemos algumas considerações relativas à importância de compreender as relações do indivíduo com o território, que se configura como lugar, constituído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo o sentimento topofílico, definido por Tuan (1980), que proporciona a sensação de saúde, bem-estar, alívio das tensões e prazer em estar naquele lugar.

## 2 HORTA COMUNITÁRIA E TERRITÓRIO

### A HORTA

*Horta como o lugar onde crescem as coisas que, no momento próprio, viram saladas, refogados, sopas e suflês. Também isso. Mas não só. Gosto dela, mesmo que não tenha nada para colher. Ou melhor: há sempre o que colher, só que não para comer. Pois é, horta é algo mágico, erótico, onde a vida cresce e também nós, no que plantamos. Daí a alegria. E isso é saúde, porque dá vontade de viver. Saúde não mora no corpo, mas existe entre o corpo e o mundo - é o desejo, o apetite, a nostalgia, o sentimento de uma fome imensa que nos leva a desejar o mundo inteiro.*  
(ALVES, 1995)

### 2.1 Conexões entre projetos de agricultura urbana

Os primeiros registros da agricultura feitos pela arqueologia foram por volta de oito mil anos antes de Cristo, agricultura de subsistência, praticada até o séc. XVIII. (BRASIL, 2007). Em função dos avanços científicos e tecnológicos, se tornou possível produzir insumos e máquinas para a agricultura, sementes melhoradas e agroquímicos, incentivando o uso em larga escala de fertilizantes e agrotóxicos. No entanto, há uma tendência global por agro ecossistemas com uma mínima dependência de insumos agroquímicos, para atender uma clientela cada vez mais consciente, ou seja, “[...] uma agricultura produtiva, voltada para a ética, a segurança alimentar dos povos e a qualidade ambiental.”. (BRASIL, 2007).

Com o crescimento da urbanização novas formas de produção surgiram também dentro da área urbana, nessa busca por processos de produção mais limpos, cultivos em menor escala e produtos agrícolas de qualidade. De acordo com Mougeot (2006) agricultura urbana (AU) ocupa um espaço crescente na agenda internacional, ganha espaço político e se fortalece no ambiente acadêmico a partir dos resultados alcançados com projetos de desenvolvimento na África e na Ásia, durante os anos de 1970. Para o autor, há também um crescente reconhecimento do valor da agricultura urbana na África e na América Latina e muitas cidades estão procurando formas positivas de desenvolvimento sustentável.

Mougeot (2006) relata que, por mais de 20 anos, o IDRC, no Canadá, apoia formalmente as pesquisas internacionais em AU. Esse Centro tem sido associado a muitos, se não à maioria dos programas das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (UN-HABITAT) sobre AU. Apoiou a FAO/ONU no desenvolvimento e consolidação de sua própria programação relacionada ao tema.

Como resultado da mobilização dessas instituições, em 2000, representantes de 27 cidades de 10 países da América Latina aprovaram a Declaração de Quito – Equador (CABANNES, 2000), na qual reafirmaram seu compromisso político de promover projetos, programas e políticas de agricultura urbana que fortaleçam a segurança alimentar e nutricional, abordando a pobreza urbana, melhorando a gestão do ambiente urbano, a saúde e desenvolvendo a boa governança de forma mais participativa e menos excludente, e protegendo a biodiversidade urbana. (CABANNES, 2000).

Segundo Mougeot (2006), em 1998 o IDRC iniciou uma experiência pioneira, em apoio a um projeto regional, cofinanciado pelo PGU-ALC e pelo Instituto Peruano para a Promoção do Desenvolvimento Sustentável (IPES), uma Organização Não Governamental (ONG) regional, que articulou 10 cidades nos países Argentina, Brasil, Cuba, Equador, Honduras, México e Uruguai. O projeto estudou e documentou como as políticas de AU eram desenvolvidas em nível local, quem eram os agricultores urbanos e quais dificuldades para cultivar alimentos e criar animais. As experiências combinadas das 10 cidades forneceram muitos elementos para uma nova estrutura de políticas públicas.

A Figura 3 mostra o mapa dos principais projetos e intervenções de AU desenvolvidos em países da América Latina e Caribe.

**Figura 3 - Principais projetos e intervenções de AU em países da América Latina e Caribe**



Fonte: FAO (2008).

Mougeot (2006) declara que um novo projeto com o apoio do IDRC foi iniciado em outras 3 cidades. O objetivo era projetar e testar ferramentas e métodos de planejamento que as cidades precisariam para implementar o plano de ação produzido pelo projeto implementado nas 10 cidades. As 3 cidades escolhidas,



diferentes em tamanho e circunstância, mas semelhantes em seu reconhecimento oficial de desenvolvimento da AU, foram: Cienfuegos, em Cuba, Governador Valadares, no Brasil e Rosário, na Argentina.

Esses projetos e intervenções foram desenvolvidos com articulação e parcerias firmadas entre: Instituto Peruano para a Promoção do Desenvolvimento Sustentável (IPES), FAO, diversos órgãos governamentais, instituições e organizações como parceiros regionais e locais. No que se refere ao Brasil, os projetos foram coordenados pelo IPES em quatro cidades que integraram esse programa: Belo Horizonte – MG, Contagem – MG, Governador Valadares – MG e Macaé - RJ. (FAO, 2008).

O Programa CCF, de acordo com Belo Horizonte (2007), visou a formulação de políticas públicas para a Agricultura Urbana, por meio de uma metodologia desenvolvida internacionalmente pela Rede Internacional de Centros de Recursos em Agricultura Urbana e Segurança Alimentar (Fundação RUAF). O CCF previu ações na América Latina, África, Ásia e Oriente Médio.

Lovo (2011), relata que o CCF, executado no período de 2005 a 2008, foi coordenado pelo IPES na América Latina e no Caribe. As cidades inicialmente selecionadas para serem pilotos na implantação do Programa foram: Vila Maria del Triunfo em Lima no Peru; Bogotá na Colômbia; e Belo Horizonte em Minas Gerais, no Brasil. Além dessas cidades piloto, foram selecionadas também cidades sócias, que correspondiam a municípios interessados no tema, e com potencial de multiplicar a metodologia ou parte dela, de acordo com realidades das mesmas. No Brasil, as cidades sócias foram Contagem - MG; Governador Valadares - MG; Macaé - RJ; São Paulo – SP e Santa Maria - RS.

Em 2007 a Declaração de La Paz (DECLARAÇÃO, 2003) aprovada por representantes de governos nacionais, municipais e organizações de cooperação e sociedade civil de 13 países ratificaram esse compromisso, elaborando um plano de ação com foco na agricultura urbana na região. Essa Declaração enfatiza a importância de formular e implementar políticas públicas nos níveis nacional e local (FAO, 2008).

De acordo com o exposto, a AU contemporânea vem ganhando destaque no cenário mundial e nacional, reafirmando-se como um fator permanente nos processos de desenvolvimento sustentável e de gestão do ambiente urbano. A sistematização das experiências desses projetos e programas que utilizam a AU em ações de políticas públicas, podem servir de referência para novas iniciativas.

## 2.2 Sobre o conceito de agricultura urbana

Segundo Mougeot (2000), o termo agricultura urbana foi uma expressão inicialmente utilizada nos meios acadêmicos e na mídia. Em seguida ganha reconhecimento e passa ser amplamente utilizado por diversos segmentos e grupos multidisciplinares. O autor considera a história das pesquisas no campo da agricultura urbana e propõe que a definição seja feita pela construção de blocos conceituais comuns.

A Figura 4 mostra os blocos conceituais da definição de AU inicialmente utilizados:

**Figura 4 - Blocos conceituais da definição de Agricultura Urbana**



Fonte: Mougeot (2000).

A figura 4 mostra os blocos conceituais apresentados por Mougeot (2000) como determinantes da definição de AU. Os tipos de atividade econômica propostos: produção (processamento e comercialização), a localização da atividade (urbana ou periurbana ou rural), o tipo de área onde é praticada (na residência ou fora), se edificado ou baldio, de proprietário ou cedido, escala de produção os tipos (categoria

e subcategoria de produtos alimentares e não alimentares), o caráter e a destinação da produção.

Dessa forma, esse autor, de acordo com as proposições anteriores, elabora uma definição geral, que descreve a agricultura urbana (AU) como aquela que se integra ao sistema econômico e ecológico urbano, ou seja, ao “ecossistema” urbano. Esse autor conceitua AU como o cultivo de plantas, criação de animais, produção, processamento e distribuição de produtos alimentícios ou não, tanto dentro, quanto na periferia de uma área urbana.

A agricultura urbana pode promover a mudança de hábitos comportamentais e a consciencialização para as questões ambientais. Pinto (2007) considera que a AU pode constituir-se em um instrumento de desenvolvimento urbano ao trazer benefícios econômicos, sociais e ambientais para as cidades e revelar-se em uma nova função da cidade. Função essa que tem necessidades, relações e potencialidades, muito para além da produção de alimentos e que, por tal, deve ser considerada no planejamento urbano, atendendo à sua relação benéfica com os outros componentes do ambiente urbano, tais como os serviços, as áreas verdes, os espaços de recreio e lazer, os edifícios, a economia, a paisagem, entre outros.

Essa diversidade aponta para a definição da agricultura urbana como um processo em constante elaboração, de forma a possibilitar expressar especificidades de acordo com as necessidades dos contextos, sendo necessário conceituar o referido termo, como observado em Santandreu e Lovo (2007). Para os autores a multifuncionalidade da agricultura pode ser identificada em cinco categorias: produção (animais e Plantas); processamento de alimentos; comercialização direta ao consumidor; autoconsumo, permuta ou doação; e ensino e pesquisa.

Lovo (2011) faz referência à AU como uma das possibilidades da práxis, em que os princípios da ecologia estão associados ao contexto social das relações humanas. “Não se trata de uma ecologia social, e sim de uma possibilidade de experienciar o somatório entre o humano e a natureza, buscando resultados mais equilibrados para o convívio no ambiente urbano.” (LOVO, 2011, p. 40).

Por sua vez, Lovo *et al.* (2015) entendem a AU como uma estratégia que pode melhorar a gestão ambiental e territorial, promover hábitos saudáveis de alimentação por facilitar o acesso, bem como aumentar o consumo por parte dos agricultores e da comunidade no entorno da unidade produtiva. Os autores destacam a importância da AU no desenvolvimento dos circuitos locais de produção, comercialização e aumento

da renda dos participantes, como também na promoção da alimentação saudável, de forma geral, da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN).

Na legislação do Município de Governador Valadares, a Lei no 5439, de 18 de maio de 2005, no paragrafo primeiro do Artigo primeiro, consta que

[...] entende-se agricultura urbana toda a atividade destinada ao cultivo de hortaliças, plantas anuais e semi-perenes, plantas medicinais, plantas frutíferas e para floricultura e paisagismo, bem como a criação de animais de pequeno porte, aquicultura e a produção artesanal de alimentos e bebidas para consumo humano no âmbito do perímetro urbano da sede do município e dos seus distritos. (GOVERNADOR VALADARES, 2005).

Nesse sentido, AU compreende várias outras atividades além da agrícola como consta em várias referências citadas. Marques (2018) ressalta a importância da AU e a existência de poucos dados sistematizados sobre essa atividade agrícola. Para a autora essa temática da AU é complexa em si e rica pela diversidade dos espaços e dos sujeitos envolvidos. Os espaços onde esta atividade agrícola da AU pode ser desenvolvida variam desde pequenos quintais, terraços, pátios, espaços comunitários, praças, canteiros centrais de vias públicas, espaços públicos não ocupados por edificações ou até mesmo em elementos estruturais da edificação como telhado e paredes.

A atividade de cultivo em horta é, portanto, uma das atividades agrícolas incluídas na AU. De acordo com Pinto (2007) os romanos identificavam como *hortus* as áreas próximas das casas que eram destinadas exclusivamente ao cultivo de plantas para alimentação da família. Normalmente com plantas de pequeno porte, hortaliças, legumes, frutas e, por vezes, plantas medicinais e flores.

A autora afirma que atualmente a horta é compreendida como lugar onde se cultivam essas mesmas plantas, porém, nem sempre referenciada à proximidade da residência. Existem vários tipos de hortas que se diferenciam por algumas características como: localização, composição e finalidade da atividade. Dessa forma, podem ser hortas domiciliares; privadas; institucionais como clínicas para fins terapêuticos, medidas socioeducativas ou de ressocialização, produção de plantas medicinais; escolares ou comunitárias.

Para Altieri (2012) o sistema de cultivo de hortas na área urbana deve evitar conflitos pelo uso de água entre as atividades agrícolas, urbanas e industriais. O autor

cita exemplos de hortas comunitárias no México, Indonésia e Amazonas que exibem formas altamente eficientes de uso do solo, incorporando cultivos variados com distintos hábitos de crescimento localizadas em áreas e lotes agro florestais, que geralmente contêm mais de 100 espécies por campo de cultivo, proporcionando lenha, ferramentas, medicamentos, alimentos para animais e para o consumo humano.

De acordo com Brasil (2007) a implantação de Hortas Comunitárias (HC) pode possibilitar melhoria das condições de vida de grupos sociais, em especial os que vivem em situação de insegurança alimentar e nutricional, podendo também gerar renda e oportunidade de trabalho. As hortas comunitárias têm como característica principal:

[...] serem conduzidas por grupos de pessoas que dividem as áreas de cultivo, o trabalho, as despesas e a produção de hortaliças. Possibilitam maior oferta de alimento de qualidade, contribuem para o aumento de seu consumo e para a redução do preço final desses produtos. [...] É uma atividade que, além de dar-lhes prazer, é sinônimo de saúde e economia na renda familiar. Isso mostra que a agricultura urbana pode ser praticada por qualquer classe social, que hortas comunitárias aproximam as pessoas e que possibilitam mais saúde e economia. (BRASIL, 2007)

De modo diferente, Medeiros (2014) escreve que as hortas podem estar em área ou urbana ou rural, pertencer a um núcleo familiar, a um único indivíduo ou a um grupo que se une para cultivar motivados por um objetivo comum. As denominadas hortas urbanas comunitárias podem ser de iniciativas de diferentes atores sociais: poder público, ONGs e grupos organizados e a sociedade civil. Afirma ainda que:

O poder público utiliza as hortas urbanas comunitárias geralmente como uma estratégia para melhoria da qualidade de vida urbana, criando políticas públicas para estimular o plantio nas cidades. Já as ONGs e grupos organizados, oferecem apoio técnico e científico na elaboração de políticas e projetos de hortas, podendo direcionar seu trabalho ao poder público ou a comunidades interessadas. A sociedade civil, por sua vez, pode vir a se articular para implantação de uma horta urbana comunitária, pedindo ou não auxílio ao poder público e aos grupos organizados. (MEDEIROS, 2014, p. 51).

Nesse trabalho, a HC é considerada como aquela que se caracteriza por um trabalho comunitário, ou seja, produção de cunho coletivo, em que as pessoas dividem a área de cultivo, as atividades, a produção e despesas. Podem funcionar em terrenos cedidos pelo poder público ou por proprietários particulares. Os agricultores,

normalmente, estão organizados em associações, cooperativas ou até mesmo em grupos informais. Essa atividade pode funcionar como geradora de renda, cultivo de alimentos e de plantas medicinais, terapia ocupacional, espaço de troca de saberes, dentre outras possibilidades. Então a produção pode ser para fins de consumo próprio, comercialização, troca ou doação.

### **2.3 Revisão da literatura a respeito da horta comunitária**

Nesse tópico, apresentamos uma revisão da literatura de produções acadêmicas nacionais dos últimos cinco anos, período de 2013 a 2017, referentes à horta comunitária das diversas áreas do conhecimento, disponíveis nas bases de dados de plataformas virtuais: CAPES, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Microsoft Academic* e *Google Scholar*.

O estudo de Martins e Almeida (2013) discute a experiência de produzir sementes agro ecológicas em uma HC, no campus central da Universidade Federal de Santa Catarina, afirmando que essa produção foi fundamental para sustentabilidade dos plantios e fomento de novas iniciativas da agricultura urbana no município.

Abreu *et al.* (2013) por sua vez divulgaram metodologias participativas de práticas agro ecológicas desenvolvidas na área urbana do município de Biguaçu - SC e observaram que houve fortalecimento do grupo, aumento no número de HC no bairro, maior diversificação dos cultivos e intercâmbio entre as comunidades, servindo de referência em AU na região.

Amaral e Von Simson (2013) relataram o processo de implantação da HC orgânica Vila Esperança em Campinas - SP. Reconstruíram a memória da HC de forma compartilhada e participativa. Identificaram resultados positivos como economia nas compras de produtos da HC, procura de ervas para remédios caseiros, atividade de lazer e terapia. E também negativos como a ocorrência de furto de produtos, depredação da horta e a avaliação do trabalho agrícola como de pouco valor.

A investigação realizada por Sodré *et al.* (2013) em uma HC de uma associação de mulheres, no povoado de Lagoa da Volta, Município de Porto da Folha, Sergipe, teve como objetivo fortalecer a organização social e o processo produtivo, por meio

de práticas da compostagem e da minhocultura, somadas ao uso de tecnologias como o sistema de irrigação e cisternas. Os resultados demonstraram que essas ações possibilitaram às famílias aumento da produção de alimentos e acesso a uma alimentação mais saudável. Além disso, a disponibilidade de produtos para a comercialização tem garantido o aumento da renda e melhor condição de vida, associada à melhoria na qualidade do solo. Os autores ressaltaram a capacidade organizativa das mulheres vinculadas à associação, para obtenção dos resultados.

Porto e Silva (2013) realizaram estudo com o objetivo de descrever as práticas etnobotânicas da população que trabalha como horticultores, bem como seus clientes consumidores da espécie pimenta malagueta, cultivada na HC municipal da Vila Poti, Teresina - PI. Eles constataram que as informações sobre a utilização dessa pimenta para fins farmacológicos constituem saberes tradicionais e fortes elementos antropológicos que transcendem os conhecimentos da ciência sistematizada sendo, assim, marca indenitória na relação humana de interação e adaptação ao ambiente de produção da cultura.

Em forma de relato, Horta e Miranda (2014) descreveram a experiência da participação de acadêmicos de enfermagem no projeto de HC da Vila Pinho, na região do Barreiro, em Belo Horizonte - MG. As autoras concluíram que essa experiência possibilitou um olhar ampliado e também compartilhamento de experiências e saberes, tanto de cunho técnico-científico, quanto de saberes populares, contribuindo para a formação profissional.

Uma pesquisa de campo foi levada a efeito por Feitosa *et al.* (2014) no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) I de Lavras da Mangabeira - CE que teve como finalidade integrar à natureza, pessoas portadoras de transtornos mentais, por meio da utilização de experiências em HC. Os autores concluíram que as práticas de terapia psicossocial que envolvem a mudança de hábito e adoção de práticas integrativas e complementares na atenção possibilitam benefícios a essas pessoas. Desse modo, propiciam integração com melhor qualidade de vida, bem como desenvolvimento da autonomia do indivíduo.

Por sua vez, Ferreira *et al.* (2014) avaliaram a percepção ambiental dos agricultores nas HC em Terezina - PI, em relação ao uso de agrotóxico e observaram a racionalidade ambiental de diferentes grupos de agricultores em seus respectivos sistemas de produção. Concluíram que alguns horticultores sabem o que é agrotóxico, dizem conhecer o conceito, e grau de importância para a contaminação, entretanto,

utilizaram o produto, mesmo que em pouca quantidade, para o combate de pragas e ervas daninhas.

O'Reilly e Rossi (2014) apresentaram no trabalho de conclusão da graduação, um estudo de caso realizado em uma das ações do projeto de HC que se localiza dentro do bairro de Manguinhos, HC na comunidade Vila Turismo, Rio de Janeiro - RJ. Os objetivos do trabalho foram disseminar a importância da AU dentro de um planejamento urbano integrado e subsidiar a formulação de políticas públicas específicas em AU. As autoras perceberam a importância de a AU ser incluída no planejamento urbano das cidades, por ser uma experiência que promove o processo de sustentabilidade econômica, social e ecológica.

No estudo de Fortunato e Neffa (2014) eles analisaram as potencialidades e as possibilidades do turismo solidário<sup>4</sup> contribuir para o desenvolvimento local, na HC do Morro da Coroa, no Bairro Santa Teresa, Rio de Janeiro, RJ. Atividade essa, influenciada pelas concepções da Rede Brasilidade Solidária<sup>5</sup>. Os autores constataram que a formação de redes como uma estratégia de ação política é um importante instrumento capaz de fortalecer iniciativas voltadas para o desenvolvimento local.

O trabalho de conclusão de curso de graduação de Medeiros (2014) teve como objetivo elaborar diretrizes para a implementação de projetos de horta urbana comunitária na cidade de Natal, RN, para que fossem funcionais do ponto de vista social, político-administrativo, ambiental e econômico. O autor identificou alguns tipos e características de hortas urbanas comunitárias, analisando as experiências na horta de Gramorezinho, na HC da Praça Garotinho da Copa e na horta escolar da Escola Estadual Aldo Fernandes. A autora elaborou orientações para implementação de HC no município de Natal com sugestões para criar programas, políticas públicas e redes de apoio às essas hortas.

Na investigação realizada por Santos *et al.* (2014), os mesmos avaliaram a HC como instrumento motivador do processo ensino-aprendizagem, de sensibilização socioambiental e de conscientização das mudanças de hábitos alimentares de estudantes do Ensino Fundamental II. Os autores concluíram que as atividades na HC

---

<sup>4</sup> Fortunato e Neffa (2014), citam o turismo solidário utilizando uma abordagem complexa dos "6 Vs": visitação, vivências, vendas, vínculos, veicula o e valida o, como pilares conceituais do termo, que surgiu no movimento metodológico de uma pesquisa com base fenomenológica sobre turismo solidário no Vale do Jequitinhonha, MG.

<sup>5</sup> Maiores informa es sobre esse projeto podem ser obtidas no site: [www.brasilidadesolidaria.com](http://www.brasilidadesolidaria.com)



escolar contribuíram para elevar a conscientização dos estudantes sobre os problemas ambientais colaborando para a compreensão do que seja sustentabilidade. Relataram ainda que os estudantes perceberam a importância do uso das hortaliças como alimento saudável e modificaram o hábito alimentar após as atividades na HC escolar, usufruindo das hortaliças na própria alimentação escolar.

Em seu trabalho de conclusão do curso de pós-graduação Nocete (2015) investigou a HC escolar agroecológica como incentivadora do processo ensino-aprendizagem e de mudanças de hábitos alimentares no ensino fundamental do Colégio Estadual Semíramis de Barros Braga, Pinhais - PR. A autora descreve que os estudantes também perceberam a importância do uso das hortaliças como alimento saudável e modificaram o hábito alimentar após conduzirem as atividades na HC escolar e incluírem as hortaliças na alimentação escolar.

Silva e Jorcelino (2015), também no trabalho de pós-graduação, relataram o projeto realizado com adultos e idosos na HC Girassol, São Sebastião - DF. Descreveram que esse projeto oportunizou o fortalecimento do bem-estar social, a escolarização e profissionalização, promovendo ganhos financeiros para os agricultores. Também melhorou a qualidade de vida, valorizando a biodiversidade e promovendo a educação ambiental em meio urbano.

Em uma perspectiva dialética, Costa *et al.* (2015) buscaram identificar significados e repercussões da experiência de HC em Unidades Básicas de Saúde (UBS), no município de Embu das Artes - SP, enquanto uma atividade de promoção da saúde. Concluíram que a dimensão terapêutica da HC a caracteriza como uma atividade alinhada às práticas integrativas e complementares pela possibilidade de combinar a medicina alternativa com a medicina convencional e sistemas antigos de cura com a biomedicina moderna. Atentaram também para necessidade de incorporá-la no processo de educação permanente junto aos profissionais de saúde e demais segmentos da gestão municipal.

Como uma atividade educativa e complementar, Correa e Panachuki (2015) implantaram uma HC no asilo São Francisco, Aquidauana - MS. Os moradores participaram ativamente da HC, aumentaram o consumo de hortaliças, receberam informações sobre o manejo na HC e consideraram essa prática também como um lazer.

Araújo *et al.* (2015) registraram a experiência desenvolvida no Instituto Federal da Paraíba, Município de Sousa - PB, em que se utilizou práticas ecológicas de

produção e sem nenhum tipo de agrotóxico e adubo químico. Para eles o projeto de HC possibilitou aos educadores trabalharem os conceitos de sustentabilidade urbana, alimentação saudável e vivência em comunidade. Os autores constataram que o coentro e o pimentão apresentaram melhor produtividade, por outro lado, a cebolinha e a alface apresentaram uma menor produtividade, apesar de considerarem que possuíam maior importância na preparação dos alimentos da comunidade local.

No estudo de Quevedo *et al.* (2015), sobre a Operação Jenipapo do Projeto Rondon, realizada em 15 municípios no estado do Maranhão, foram capacitados multiplicadores ambientais em agroecologia. Aconteceu a exposição dos conceitos e metodologias de HC e de reutilização de resíduos orgânicos e água da chuva, mostrando que essas ações podem se tornar alternativa para redução de custos no manejo de HC, nas regiões menos favorecidas economicamente, além de promover a sensibilização e o desenvolvimento de competências. Os autores consideraram que as tecnologias sociais e as ações realizadas contribuíram para o crescimento da perspectiva de desenvolvimento da comunidade, por meio de ações práticas de educação ambiental. Essa ação educativa fortaleceu o elo entre o ensino, a pesquisa e a extensão junto às comunidades.

Em outro estudo, Araújo e Assis (2015) analisaram a experiência da Associação dos Produtores de Hortaliças da COHAB<sup>6</sup> de Lavras/MG, com o objetivo de identificar a potencialidade da AU na promoção da SAN das famílias dos agricultores urbanos e identificar o perfil desses agricultores. Relacionaram a interferência das políticas públicas na condição de produção de alimentos. Concluíram que a HC da COHAB promoveu o acesso à alimentação de maneira constante, pela produção diversificada para autoconsumo, comercialização, e doação, tanto para as famílias quanto para os moradores do bairro. A partir da análise dos dados, evidenciaram o vínculo da AU com a promoção da SAN e melhoria da alimentação das famílias.

Já Feniman e Araújo (2015) analisaram as percepções, simbolismos e valores expressos por titulares de direitos, referentes à alimentação, em dois programas de HC implementados no município de Maringá - PR. As autoras perceberam que as HC aparecem positivamente associadas com a melhoria da qualidade de vida da população, prazer em cultivar, acesso ao alimento, complementação da renda e

---

<sup>6</sup> COHAB MINAS Companhia de Habitação de Minas Gerais.

tinham também um caráter terapêutico. Citaram ainda, que os aspectos negativos versam sobre as dificuldades e desafios envolvidos no trabalho.

Em um projeto piloto de pesquisa de campo, Sperandio *et al.* (2015) apresentaram e discutiram os resultados obtidos no bairro Jardim Planalto, na cidade de Conchal - SP. Os autores relataram que a experiência da HC é uma opção para a ocupação de vazios urbanos, na concepção do saudável, que permite restabelecer relações intrínsecas no território, as quais são fundamentais para o estabelecimento da função social da propriedade pública. Essa experiência também possibilitou a participação social, o sentimento de topofilia<sup>7</sup>, a intersetorialidade, potencializando a governança local.

Nesse mesmo projeto, Sperandio *et al.* (2016), realizaram um diagnóstico da reverberação após implementação da HC no território e identificaram os aspectos sociais referentes à qualidade de vida dos moradores contemplados com canteiros na horta. Apontaram a relação estabelecida entre as pessoas envolvidas e a manutenção de um espaço saudável. Concluíram que esse tipo de intervenção urbana possui potencial de reverberação positiva nos usuários diretamente envolvidos, no território urbano e na relação entre ambos. Também promoveu a integração e participação social, bem como, contribuiu para que a ocupação de um espaço urbano favoreça o sentimento de pertencimento a um lugar saudável.

Por sua vez Pires (2016) analisou a importância e a influência da AU no desenvolvimento econômico e social dos integrantes das HC que atuam na Região Metropolitana de Maringá, PR. O autor identificou 17 HC em funcionamento em Maringá, 7 em Sarandi e 6 em Paiçandu e percebeu que essa experiência ofereceu significativas contribuições para o desenvolvimento econômico e social dos agricultores envolvidos. Promoveu alimentação saudável, gerou renda, qualidade de vida, favorecendo as relações interpessoais com ações para o bem comum, apresentando também caráter terapêutico.

Em seu trabalho de conclusão da graduação, Paula (2016) descreveu que AU planejada pode contribuir com ações de cunho social e econômico dentro das comunidades. Seu estudo objetivou identificar o estado da estrutura, o apoio técnico e aplicação da legislação no município de Governador Valadares - MG. O autor constatou 8 HC ativas no município, no entanto, por falta de assistência técnica ou por

---

<sup>7</sup> Segundo Tuan (1980, p. 5) “topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”.

apresentarem alta dependência de ações do poder público municipal, não conseguem ampliar a produção. Inferiu que os agricultores estão abandonando a atividade por falta de uma política de continuidade para as HC.

O estudo de Costa; Pereira e Costa (2016) sobre educação ambiental teve a finalidade de disponibilizar informações de promoção da integração do ser humano ao ambiente. Eles analisaram a aplicação do Programa Ambiente Verde e Saudável (PAVS) em uma HC na escola da rede estadual localizada no município de São Paulo, por meio da verificação da percepção dos professores envolvidos no referido programa. Constataram que os professores aprovaram e aderiram ao Programa por perceberem aumento no consumo de hortaliças pelos alunos e ter proporcionado a criação de outros subprojetos sustentáveis.

Coelho e Bógus (2016) buscaram compreender a produção de sentidos da alimentação, entre os educadores, decorrente do envolvimento com a horta, em escolas no município de Embu das Artes, SP. Eles ressaltaram que as HC escolares podem ser uma importante estratégia pedagógica, contando com um aprendizado baseado no contato direto com o alimento e a natureza.

Nagib (2016) apresenta o caso da Horta das Corujas no território da Subprefeitura de Pinheiros, São Paulo - SP, como expressão ativista. O autor relatou que a atuação da rede Hortelões Urbanos e a materialização da Horta das Corujas, HC em praça pública, impulsionaram mudanças legislativas em favor da AU e estimularam a composição de conselhos participativos. Segundo o autor, na utopia das “revoluções tranquilas”, a referida HC sinalizou outra maneira de se apropriar do espaço público e de viver a cidade, pautada na experiência comunitária de caráter solidário.

Na investigação realizada por Moura *et al.* (2016), avaliaram as características físico-química da alface roxa, colhidas em diferentes idades, em uma horta comunitária urbana no município de Sete Lagoas - MG. Consideraram o alto conteúdo de carotenoides observado aos 40 dias após as mudas serem transplantadas e concluíram em seus achados que a colheita deve ser nesta idade.

A investigação realizada por Lopes; Freitas e Gervásio (2016) eles avaliaram a adoção de um kit de irrigação por gotejamento em HC agroecológica, no Espaço Plural - UNIVASF, em Juazeiro, BA e identificaram que a forma de abordagem e apresentação da tecnologia é fundamental para aceitação e utilização ou não dessa tecnologia por parte dos agricultores.

Por sua vez, Bizari e Cardoso (2016) avaliaram as possibilidades de reuso da água na horticultura urbana para a criação de cidades mais sustentáveis. Consideraram que a alternativa mais viável é sua utilização na produção de espécies ornamentais, incluindo os jardins, destinados a paisagismo, espécies não comestíveis. Por ainda ser limitado o conhecimento sobre os possíveis tratamentos de água para tal finalidade, seu uso deve ser monitorado, a fim de evitar inconvenientes problemas ambientais e de saúde pública.

Já o estudo de Moritz e Costa (2016) sobre a HC Semeando Saúde no Centro de Saúde Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis, SC, teve como objetivo estimular o cultivo e ingesta de alimentos saudáveis, modificando os hábitos de consumo da população local. Esse estudo revelou que a HC proporcionou o compartilhamento de saberes e o incremento da ingesta de alimentos saudáveis com a disseminação de bons hábitos, tornando-se um campo de trabalho para diferentes profissionais da unidade de saúde, bem como integração de seus usuários.

O estudo realizado por Correa Neta *et al.* (2016) na comunidade Nova Esperança do Ramal do Brasileirinho, Manaus - AM, teve como objetivo desenvolver atividades de HC na comunidade indígena do povo kokama, da Comunidade KunumiKawki. Os autores trataram a HC como locus propagador do conhecimento. Descreveram que o cultivo na HC utilizou práticas agroecológicas na produção de hortaliças, bem como contribuiu com a sustentabilidade e aproveitamento da terra. Além de disso, favoreceu a formação dos profissionais envolvidos e propiciou vivências interdisciplinares nas experiências da HC.

Bevilaqua (2017) realizou um trabalho de campo durante o mestrado em Antropologia no Museu Nacional acompanhando três indígenas que participaram de uma HC no Complexo do São Carlos, Rio de Janeiro - RJ. A autora relata que a HC funciona como um espaço de contato dos não indígenas e de propagação intergeracional da cultura indígena. O cultivo visou produzir alimento saudável com sustentabilidade ambiental e cultural. Relatou ainda que, frequentemente, os indígenas sofreram discriminação por estarem ali, usarem celulares e até questionaram a etnia dos mesmos.

Pinto *et al.* (2017) criaram e capacitaram um grupo de produção de hortaliças, visando geração alternativa de renda e promoção da SAN na horta comunitária de Parada Angélica em Duque de Caxias, RJ. O projeto foi realizado em parceria entre os cursos de nutrição da UERJ e da UFRJ, com a Prefeitura Municipal e os moradores

da Comunidade. Considerando os aspectos agronômicos e nutricionais identificados, perceberam que a construção da horta comunitária pode contribuir com a promoção da saúde, valorização da agricultura urbana e da agroecologia, além de incentivar o desenvolvimento de ecossistemas sustentáveis e a organização social local.

No âmbito das relações da interdisciplinaridade, as produções revelam que as hortas comunitárias possuem um caráter propício para dialogar com as mais diversas áreas, transitar na práxis, com troca de saberes científicos e populares. Os estudos identificam que agricultor de horta comunitária em área urbana tem a oportunidade de construir e reconstruir o espaço em que vive, ordenando o espaço físico, de modo a possibilitar um meio mais favorável à qualidade de vida com sustentabilidade.

Nesse capítulo tratamos de experiências relativas a hortas comunitárias em âmbito nacional e internacional. Procuramos compreender e apropriar conceitos de Agricultura Urbana e de Horta Comunitária, apresentados por estudiosos do tema. A partir daí, optamos por uma conceituação que atendesse aos nossos estudos. A revisão da literatura possibilitou compreender que a Horta Comunitária é uma das atividades inseridas na Agricultura Urbana, possuindo um caráter multifuncional e natureza interdisciplinar. Com esse entendimento procuramos estabelecer as bases para uma proposta metodológica favorável ao conhecimento do território, a partir das relações do Ser humano com o ambiente, em uma perspectiva fenomenológica, ajustada às propostas da geografia humanista.

### 3 TERRITÓRIO<sup>8</sup> E SUJEITO

Apresentamos, neste capítulo, alguns elementos das discussões acerca das concepções de Território, buscando explorar as perspectivas que encontramos como referencial teórico fundamentadas em Tuan (1980 e 1983) e complementadas com outros estudiosos afins para a compreensão de como os sujeitos experienciam as hortas comunitárias, tanto na geografia, quanto em outras áreas do conhecimento.

A palavra território, etimologicamente, *territorium* em latim, com frequência é utilizada por diversos autores em diferentes abordagens. Tuan (1980) questiona o que é um lugar, afirmando que os homens compartilham certos padrões de comportamento com outros animais. Faz uma analogia:

[...] animais não humanos também têm um sentido de território e lugar. Os espaços são demarcados e defendidos contra os invasores. Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação. (TUAN, 1983, p. 4).

O autor busca saber como o ser humano experiência e entende o mundo, sendo ao mesmo tempo no plano do animal, do racional e do imaginário.

Dada a visão inovadora de Tuan no campo da geografia, Pádua (2013) aprofundando nos estudos da sua vasta literatura<sup>9</sup> expõe que Tuan sugere como um dos temas para o foco da geografia humanista as noções de território e lugar. Enfatizando a compreensão de como espaços se transformam em lugares, ele se dedica, efetivamente, a definir, dar sentido, tipificar e exemplificar o lugar.

Marandola Júnior (2012) também reconhece a contribuição da literatura de Tuan para a ciência geográfica, constituindo uma nova vertente fenomenológica, a partir do sujeito em diálogo interdisciplinar com áreas como Antropologia, Psicologia, História, Filosofia, Religião e Arte. De acordo com Marandola Júnior (2012, p. 7) “Tuan explica que a Geografia, para ele, oferece esperança, pois a terra é o lar das pessoas, dos seres humanos.”.

---

<sup>8</sup> Neste trabalho, a partir da perspectiva de Tuan, território é compreendido como lugar.

<sup>9</sup> De acordo com Pádua (2013) a obra de Yi-Fu Tuan é composta por 21 livros e mais de uma centena de artigos e resenhas de 1957, até hoje.

Em seus estudos, Marques (2018) compreende o território como lugar a partir da perspectiva de Tuan (2012, 2013). Para a autora “o lugar é constituído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimentos e entendimentos, entrelaçados com a cultura, com a história, com as relações sociais e com a paisagem”. (MARQUES, 2018, p. 125).

Para Tuan (1983) espaço e lugar devem ser definidos mutuamente, pois é a partir da segurança e da estabilidade do lugar que temos ciência da amplitude e movimento do espaço. “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor.”. (TUAN, 1983, p. 6).

Marandola Júnior (2013) entende que Tuan ao aproximar e distanciar os conceitos de espaço e lugar, articulando-os a partir da experiência do sujeito, reconceitua epistemologicamente a geografia. Dessa forma, articula esses dois conceitos em suas aproximações e distanciamentos, intimidades e indiferenças, envolvimento ou não envolvimento.

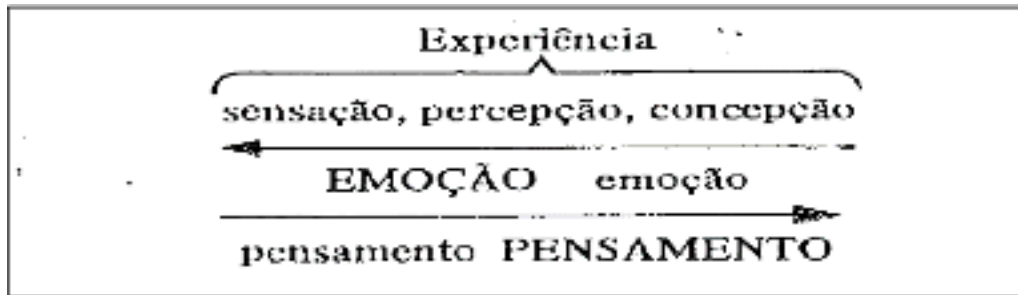
Seguindo nessa perspectiva, Comte-Sponville (2003), dialeticamente, define espaço e lugar como duas maneiras de pensar a extensão dos corpos. Trata-se de noções solidárias, em que, pela experiência inscrita em um limite, se tem a noção do lugar, e o espaço seria o contrário, ilimitado.

Para Pádua (2013, p. 46), o espaço e o lugar são frutos da experiência, sendo o lugar de uma experiência mais direta, percebida pelos sentidos e dotada de significação. Já o espaço resulta de uma experiência abstrata, do imaginário, da liberdade. A autora entende que os lugares são estabelecidos por meio da mente e da percepção, surgem da experiência e do sentido que temos nele, como: do sagrado, do carinho da avó, das relações com a vizinhos e amigos. O lugar tem espírito, porque carrega emoções.

Experiência para Tuan (1983, p. 9) “[...] é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade.”, e está voltada para o exterior. É a pausa que torna possível marcar este espaço na experiência; percebê-lo, deformá-lo, senti-lo de forma específica e significá-lo. Nesse sentido, no lugar a experiência ocorre de forma mais direta, percebida pelos sentidos e dotado de significação. O autor apresenta um diagrama com elementos que constituem a experiência o qual apresentamos na Figura 5.



**Figura 5 - Diagrama com elementos que constituem a experiência**



Fonte: TUAN, (1983, p. 9).

Para Tuan (1983) experiência está relacionada com a capacidade de aprender, sentir, ver e pensar, a partir da própria vivência. E é a partir dessa experiência e dos sentidos que o lugar é construído, envolvendo sentimento e entendimento.

De acordo com Marandola Júnior (2013), Tuan entende a pausa como a “chave” para marcar espaço na experiência e significá-lo, pois, é por meio dessa pausa que se torna possível deformá-lo e senti-lo de forma específica. É a partir da experiência que se torna possível transformar o espaço em lugar, devido ao valor atribuído a ele.

Pádua (2013), da mesma forma que Tuan, entende como necessário um tempo para se criar um lugar, pois o tempo é fundamental para que se possa acumular experiências e construir uma relação de afeto, que venha a significar aquele local. A experiência é ainda intencionalidade, atividade e exploração e não um ato passivo de mera contemplação. As pessoas buscam organizar seu mundo mediadas pelos sentidos:

Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele conhecimento. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento. (TUAN, 1983, p. 10).

Comte-Sponville (2003) define experiência como sendo tudo que vem a nós de fora e nos ensina algo. Assim, um ser desprovido de inteligência, não é capaz de aprender e adquirir experiência com nenhum fato.

Centrado na formação e natureza das atitudes positivas geradas pela experiência dos seres humanos com e no meio ambiente, Tuan (1980) define que,

[...] **percepção** é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra e são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. **Atitude** é primordialmente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior instabilidade do que a percepção e é formada por uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências [...]. **A visão do mundo** é a experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social, é uma atitude ou um sistema de crenças que estão estruturadas, por mais arbitrárias que as ligações possam parecer, sob uma perspectiva impessoal (objetiva). (TUAN, 1980, p.18-19, grifo nosso).

Assim, podemos entender que nossas percepções são dadas pelos sentidos, uma vez que percebemos por meio de todos eles. Marandola Júnior (2012, p. 11) destaca que a compreensão desses conceitos (percepção, atitudes e visão de mundo) trazidos por Tuan (1980) é necessária para ampliar e,

[...] sobretudo, ajudar a construir um pensamento humanista sobre o homem e o ambiente; um pensamento baseado nessa afeição e envolvimento com o lugar, que é geograficamente construído e manifesto na nossa existência, na nossa cultura, na nossa vida.

A ideia de lugar construída por Tuan (1983) é entendida por Maia (2013) como clara. Pois, essa construção se dá em função do sentido que atribuímos e da profundidade de nossos sentimentos em relação a ele. Enquanto pausa no movimento, o lugar parece só ter sentido quando os sujeitos envolvidos podem vivenciar a relação e a intimidade que construíram com e no lugar. Pela experiência o lugar torna-se carregado de sentido, investido de significados por aqueles que vivem ou que o descobrem. Dessa forma, Tuan (1983, p. 151) entende que “[...] o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado.”. Portanto, lugar é um mundo de significados construídos pelo indivíduo.

O termo significado nesse trabalho é utilizado com o mesmo entendimento de Tuan (1983), considerando sentido e significado como unívocos. De acordo com o autor o lugar com o passar do tempo pode adquirir profundo significado com um contínuo acréscimo de sentimento, transformando-se em um mundo ordenado de significado. Ou seja, um centro de significados, por excelência tornando-se um símbolo. Dessa forma o lugar se torna familiar repleto de significados demonstrando o que ele representa para o indivíduo.

Etimologicamente a palavra sentido origina-se do latim *sensus*, que remete à percepção, significado, sentimento, ou ao verbo *sentire*: perceber, sentir e saber.

Significado: *significātus, significāre*, dar a entender por sinais, mostrar, significar, aspecto de sentido. Comte-Sponville (2003), define sentido e significado como sinônimos. Para o autor, o significado é a realidade intelectual ou mental do signo (todo objeto capaz de representar outro), referindo-se às representações que o sujeito tem do significante (realidade material do signo).

De acordo com Tuan (1983, p. 221) “[...] espaço abstrato, carente de significado exceto pela estranheza, torna-se um lugar concreto, cheio de significado.”. Uma pessoa termina por identificar-se com o lugar, sente que é seu lar, seu lugar. Assim, “[...] o sentido de lugar é uma qualidade do equilíbrio do conhecimento entre sentir-se enraizado no lugar, que é inconsciente, e sentir-se estranho, que está associado a uma consciência exagerada.”. (TUAN, 1983, p. 224). Desse modo, o sujeito adquire gosto e se afeiçoa ao lugar. O arraigamento no lugar é abordado por Tuan (1983) como essencialmente do subconsciente em que os sentimentos e as experiências íntimas são rudimentares e ingovernáveis para a maioria das pessoas.

Para Tuan (1983, p. 37) “[...] lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos.”. Dessa forma, lugar terá significado de acordo com o valor que o indivíduo lhe atribui.

### 3.1 Amor ao lugar

Para Tuan (1980, p. 5), “[...] topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal.”. A etimologia da palavra: topo, do grego *tópos*, lugar + *filia*, sentimento amoroso. O próprio autor explica que é um neologismo e pode ser útil pela amplitude e, assim, incluir todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.

Conforme Tuan (1980), o lugar ou o meio ambiente são produtores de imagem para a topofilia, pois representam mais que um sentimento difuso, sem nenhuma ligação emocional. O meio ambiente fornece o estímulo sensorial que, ao percebermos a imagem recebida, a significamos dando forma às nossas alegrias e ideais de modo individual.

De acordo com Tuan (1980) essa relação de afeto é um determinante de valor atribuído ao espaço. Assim há diferença entre a visão do visitante e a do morador de

determinado espaço. Para o primeiro pode ser simplesmente estético e para o segundo, ser abrangente e significativo. O sentimento topofílico pode variar em decorrência das visões de mundo, que são peculiares aos que se “constroem” pelos grupos socioculturais, que vivem em determinados ambientes ou habitats humanos. Por exemplo, o sentimento topofílico do agricultor surge “[...] dessa intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança. A apreciação estética está presente, mas raramente é expressada.” (TUAN, 1980, p. 111).

A experiência é constituída de sentimento. Portanto, “sentir” um lugar se faz de experiências. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e de se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos. O autor compreende que apesar de sermos dotados de órgãos sensoriais comuns, pessoas têm noções de mundo diferentes, de acordo com a cultura na qual estão inseridas. No entanto, a criação de mundos individuais transcende a cultura, pois considera aspectos subjetivos individuais como a experiência vivenciada (TUAN, 1980).

A importância do lugar de origem é revelada nas experiências de cada um. Para Tuan (1983, p. 204) “[...] viver muitos anos em um lugar pode deixar na memória marcas que podemos ou desejaríamos lembrar; por outro lado, uma experiência intensa de curta duração pode modificar nossas vidas.”. O lugar onde o sujeito vive ou viveu pode significar muito para ele, mas para outras pessoas pode não ter tanto valor.

De acordo com Tuan (1983) há que considerar as diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretar espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos – muitas vezes ambivalentes. Por meio de todos os sentidos um ser humano percebe o mundo simultaneamente, e de modo variado, de acordo com o indivíduo e sua cultura. Mesmo que a informação potencialmente disponível seja imensa, o Ser humano pode utilizar pouco do seu poder inato para experienciar. Marques (2018, p 125) sintetiza: “[...] é no lugar, a partir da experiência, que a Topofilia acontece.”.

### **3.2 Terapia**

Conhecer o que está por trás de alguns dos traços de comportamento pode ser difícil e saber lidar com o problema, às vezes, mais difícil ainda. Para Tuan (1980, p. 52) o sistema endócrino do indivíduo causa variações de personalidade e temperamento e “[...] as atitudes em relação à vida e ao meio ambiente refletem necessariamente variações individuais bioquímicas e fisiológicas.”. O autor reconhece também que existem diferenças temperamentais entre as pessoas, de acordo com a perspectiva das mesmas, diante da vida. O estado gerado pela percepção de estímulos pode provocar sensação de bem-estar ou excitação emocional, com várias consequências sistêmicas. Essa variação na personalidade e temperamento ocorre quando glândulas endócrinas liberam hormônios no sangue.

De acordo com Machado (2003), durante um processo de estresse, o eixo hipotálamo, hipófise e glândulas supra-renais, desenvolvem uma série de respostas fisiológicas preparando-se para enfrentar o desafio. Aumentam a produção de adrenalina, a irrigação sanguínea da pele e dos órgãos é diminuída e o aporte sanguíneo para o coração, cérebro, músculos é aumentado. Nesse processo, o fígado converte em glicose as gorduras armazenadas, garantindo dessa forma mais energia para o corpo. A maneira de lidar com uma situação de stress é idiossincrática. Cada indivíduo irá reagir de acordo com sua natureza valorativa ao acontecimento e seus recursos mentais, emocionais, físicos, culturais e sociais.

Reconhecendo a existência dessas reações humanas, Marandola Júnior. (2012) diz que

[...] precisamos de filia, de aconchego, de proteção, de envolvimento e de uma outra consciência ambiental, que nos ajude a enfrentar os difíceis dias em que vivemos. [...] ainda precisamos encontrar ‘espaços felizes’ de topofilia para nos agarrarmos atualmente”. (MARANDOLA JÚNIOR, 2012, p. 7, aspas do autor).

O sentimento topofilico pode ser uma alternativa para essa necessidade humana de alívio das tensões geradas no cotidiano. Para Tuan (1980), o ser humano é predominantemente visual, porém o contato, o mexer com a terra e com as plantas, é uma experiência direta com o mundo, um sentido que fornece uma grande quantidade de sensações e informações sobre o mundo, pois,

O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas oferece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo em que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do

temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época. (TUAN, 1980, p. 129).

Cabe ressaltar que, de acordo com Tuan (1980), a topofilia pode se apresentar de várias formas e intensidades emocionais e, para construção do mundo ideal, imaginário, basta remover os defeitos do mundo real. O autor revela que algumas pessoas utilizam as oportunidades no meio ambiente natural, como podem, para se beneficiarem dela. Alguns ambientes naturais são considerados como um paraíso almejado. Os paraísos também diferem em excelências como: praias paradisíacas, ilhas perfumadas, pastagens abundantes e outros são florestas mágicas.

Para Feitosa *et al.* (2014) a horticultura, como uso sustentável dos recursos naturais, possui grande potencial terapêutico por possibilitar a diminuição da ociosidade, pela promoção do bem estar, da qualidade de vida e de uma boa alimentação. Bem como, pela promoção de práticas coletivas que promovam socialização, melhoria da autoestima e redução do estresse.

### 3.3 Doação

Para Tuan (1980) o Ser humano pode naturalmente desempenhar papéis polarizados tais como: o social-profano e o mítico-sagrado. Ele se expressa da seguinte forma: “[...] papéis podem ser representados por membros de diferentes classes ou castas, resultando uma estratificação social. Ou podem ser desempenhados por uma mesma pessoa em ocasiões diferentes.”. (TUAN, 1980, p. 149). Essa polarização, metaforicamente em um eixo vertical, está carregada de significado, lugar sagrado, repleto de relações transcendentais entre o céu e a terra.

O sentimento topofílico pode despertar valores que transcendem as tradições locais e remetem a um lugar sagrado, como o jardim citado por Tuan (1980). Um tipo de lugar sagrado, que atende à necessidade humana de religião e a ação de partilha que os fazem sentirem-se mais próximos da ação divina. O *status* de sagrado atribuído ao solo pode responder à necessidade humana por recreação bem como pela religião.

Tuan (1980) destaca que, na antiguidade, tanto a cidade quanto o campo podiam ser considerados sagrados. A cidade com os templos, onde residem os deuses locais e os heróis, o campo com os espíritos da natureza. O anseio pela simplicidade, adoção de valores culturais e religiosos, além de ficarem do lado do bem fazia com que esses lugares fossem centros de significados e repositórios de sentidos concebidos pela experiência.

Para Tuan (1980, p. 166) “Um símbolo é um repositório de significados. Estes emergem das experiências mais profundas que se acumularam através do tempo.”. Assim, pelas experiências adquiridas no lugar, e interpretações que as pessoas tem dos acontecimentos, por vezes, significam acontecimentos de caráter sagrado, extraterreno, mesmo quando elas se originam na biologia humana.

### 3.4 Saúde

O sentimento topofílico e o de saúde, em Tuan (1980), se relacionam e criam a sensação de bem-estar físico. Esse sentimento pode ser observado, naturalmente, quando expresso nas falas e atitudes das pessoas quando manifestam alegria e contemplam a natureza.

O autor destaca: “mas, o fato de que as palavras “saúde”, “totalidade”, e “integridade”, estejam etimologicamente ligadas, sugere um significado comum”. (TUAN, 1980, p. 113, aspas do autor). Integridade vem do latim *integritate*, que quer dizer: o facto de estar intacto, totalidade, estado são. Essa compreensão nos remete ao conceito ampliado de saúde, preconizado pela 8ª Conferência Nacional de Saúde, que define o conceito ampliado de saúde e propondo que o direito constitucional à saúde implica em garantir

[...] trabalho em condições dignas, com amplo conhecimento e controle do trabalhadores sobre o processo e o ambiente de trabalho; alimentação para todos, segundo as necessidades; moradia higiênica e digna; educação e informação plena; qualidade adequada do meio ambiente; transporte seguro e acessível; repouso, lazer e segurança; participação da população na organização, gestão e controle dos serviços e ações de saúde; direito à liberdade, à livre organização e expressão; acesso universal e igualitário aos serviços setoriais em todos os níveis. (BRASIL, 1986, p. 5).

Dessa forma, compreensão de saúde não se limita apenas a fatores intrínsecos, está condicionada também a fatores extrínsecos, tais como o ambiente em que vive o sujeito. Saúde é definida dentro dos princípios da promoção da qualidade de vida e possui como fatores condicionantes: educação, moradia, alimentação, renda, acrescidos de paz, justiça social, equidade na assistência à saúde, acesso a bens e serviços econômicos e sociais. Portanto, resulta de um processo de produção social que expressa a qualidade de vida de uma população, percebida individual ou coletivamente.

Com relação à percepção de saúde, Tuan (1980), entende que o sentimento topofílico pode promover essa percepção. O autor menciona que algumas culturas consideram que a vida no campo, o frescor da mata ou da praia fazem bem à saúde e, por vezes, as pessoas em convalescências vão para esses lugares. Explicita também que da mesma forma em algumas culturas, a água do mar é considerada como uma forma boa qualidade de saúde. Até mesmo os costumes sociais mudam, as pessoas vencem o recato e buscam a cura de alguns males nos banhos de mar e em térmicas. Outros lugares como parques, cachoeiras, entre outros, também são valorizados como favoráveis à saúde e geradores de bem-estar.

Considerando o indivíduo na sua totalidade, sem perder de vista a sua singularidade no processo saúde-doença, o Brasil adotou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), no Sistema Único de Saúde (SUS). Entre os objetivos da PNPIC, destacam-se o de contribuir para a resolubilidade do SUS, promover a racionalização das ações em saúde, estimulando alternativas inovadoras e sustentáveis voltadas para o cuidado continuado, humanizado e integral à saúde dos indivíduos. (BRASIL, 2006).

A horticultura, apesar de não estar, oficialmente, incluída nas práticas que compõem a PNPIC, segue os mesmos princípios que sustentam essas práticas. De acordo com Souza e Miranda (2017) a horticultura possui o potencial de tecnologia de reabilitação psicossocial e sugerem que a Horticultura Terapia seja integrada às Práticas Integrativas e Complementares (PIC), no intuito de fortalecer as redes de assistência saúde que propõem um espaço para produção alternativa de saúde, onde o sujeito é protagonista e produtor da sua saúde.



### 3.5 Alimentação saudável

O sentimento topofílico e o de saúde, como já mencionado, aparecem de maneira relevante na valorização da vida no campo e em contato com a natureza. Tuan (1980) destaca que o mais importante na evolução desse sentimento é a ideia de virtude. Assim, o que vem do campo tem valor diferenciado. Portanto,

[...] um ambiente físico e um meio de vida (a dos agricultores) assumiram implicações moralistas. A cidade simbolizava corrupção e completa esterilidade. Era o lugar onde os homens lutavam por poder e vaidade e, no entanto, sucumbiam às pequenas convenções sociais. O campo simbolizava a vida: a vida revelada nos frutos da terra, nas coisas verdes que crescem na água pura e no ar limpo, na saudável família humana e na liberdade das coerções sociais e políticas arbitrárias. (TUAN, 1980, p. 273).

Assim, a fala de Tuan (1980) nos dá a ideia de que tudo que vem do campo é bom e saudável. Esse valor permanece como um forte elemento estético em nossas atitudes para com a natureza. O sentimento afetivo ao lugar é estendido aos produtos que vem dele, e os sentidos são aguçados com a memória e registros da experiência vivenciada no lugar.

Outra questão abordada por Tuan (1980), com relação a produtos que vem do campo, se refere ao crescimento da população em um dado país, e situações em que a produção relativamente baixa, não atendendo à necessidade local. Nesse caso o alimento torna-se também elemento de poder e dominação, tornando-se essencial a gestão da produção e distribuição dos alimentos.

Essa preocupação com as questões de produção de alimentos, bem como o acesso a ele, passa a ser uma questão de dominação e controle, principalmente em decorrência das guerras mundiais. A ONU discute esses temas, em encontros internacionais em defesa do direito humano a alimentação. Não vamos aprofundar aqui, estudos a esse respeito, mas trazemos algumas conquistas com relação ao alimento enquanto necessidade humana básica, como um direito consolidado. De acordo com Burity *et al.* (2010), em 2002, o Relator Especial da ONU para o direito à alimentação, Sr. Jean Ziegler definiu o Direito Humano à Alimentação Adequada da seguinte forma:

O direito à alimentação adequada é um direito humano inerente a todas as pessoas de ter acesso regular, permanente e irrestrito, quer diretamente ou por meio de aquisições financeiras, a alimentos seguros e saudáveis, em quantidade e qualidade adequadas e suficientes, correspondentes às tradições culturais do seu povo e que garanta uma vida livre do medo, digna e plena nas dimensões física e mental, individual e coletiva. (BURITY, 2010, p. 15).

Segundo as diretrizes da Declaração dos Direitos Humanos à Alimentação Adequada (DHAA), a alimentação saudável é “[...] aquela que contribui para a promoção e manutenção da saúde e a prevenção de doenças e, portanto, para um estado nutricional adequado das pessoas em qualquer fase do curso da vida.”. (BURLANDY, 2015, p. 160).

O Direito a alimentação, no Brasil, já constava como garantia na Constituição Federal de 1988 em seu Artigo 7º, vinculada aos direitos trabalhistas. A Emenda Constitucional nº 64 o introduziu na categoria de direitos sociais, Artigo 6º, que o garante como um dever do Estado para com todo cidadão, e não somente ao trabalhador. (BRASIL, 1988).

### 3.6 Trabalho

De acordo com o IBGE (2010b), a População Economicamente Ativa (PEA) é composta pelas pessoas de 10 a 65 anos de idade, considerando que trabalho é o exercício de:

[...] a) ocupação remunerada em dinheiro, produtos, mercadorias ou em benefícios, como moradia, alimentação, roupas etc., na produção de bens e serviços; b) ocupação remunerada em dinheiro ou benefícios, como moradia, alimentação, roupas etc., no serviço doméstico; c) ocupação sem remuneração na produção de bens e serviços, exercida durante pelo menos uma hora na semana: em ajuda a membro da unidade domiciliar que tem trabalho como empregado na produção de bens primários (atividades da agricultura, silvicultura, pecuária, extração vegetal ou mineral, caça, pesca e piscicultura), conta-própria ou empregador; em ajuda a instituição religiosa, beneficente ou de cooperativismo; ou como aprendiz ou estagiário; d) ocupação exercida durante pelo menos uma hora na semana: na produção de bens do ramo que compreende as atividades da agricultura, silvicultura, pecuária, extração vegetal, pesca e piscicultura, destinados à própria alimentação de pelo menos um membro da unidade domiciliar; ou na construção de edificações, estradas privadas, poços e outras benfeitorias, exceto as obras destinadas unicamente à reforma, para o próprio uso de pelo menos um membro da unidade domiciliar. (PNAD 1992, 1993, 1995, 1996). Este conceito é mais abrangente que o

adotado até 1990 na PNAD. Até 1990, o conceito de trabalho não abrangia o trabalho não remunerado exercido durante menos de 15 horas na semana nem o trabalho na produção para o próprio consumo e na construção para o próprio uso. (IBGE, 2010b)

Tuan (1980) destaca que o trabalho se organiza de formas diferentes em culturas diferentes. Entende que as concepções de trabalho são de acordo com a história cultural de cada sociedade e do ambiente físico. De acordo com o autor, em algumas culturas o trabalho é dividido entre mulheres e homens, sendo algumas atividades exclusivas das mulheres e outras exclusivas dos homens.

Entretanto, Tuan (1980) exemplifica que há situações em que os condicionantes do ambiente físico favorecem a certas comunidades a se adaptarem às necessidades locais. E isto favorece a uma certa igualdade na divisão das atividades desenvolvidas pelas mulheres e homens. O exemplo apresentado por Tuan (1980) é o das comunidades que vivem próximos aos litorais tropicais e temperados em que tanto as mulheres, quanto os homens, são geralmente excelentes nadadores e mergulhadores. E que ambos apresentam habilidades similares quando realizam trabalhos iguais.

O autor faz referência a algumas relações de trabalho sem remuneração, em que “lugares de trabalho eram fétidos” (TUAN, 1980, p. 210), no entanto os indivíduos suportam essas condições para se manterem no lugar. Também destaca que os estilos de vida variam muito em qualquer cidade. Mesmo morando no mesmo bairro, as pessoas percebem mundos diferentes. Entretanto, o que é comum para todos os moradores “[...] é a separação que existe entre o tipo de emprego e a obtenção de alimentos que sustentem a vida.”. (TUAN, 1980, p. 287).

### **3.7 Lazer**

De acordo com Tuan (1980) a natureza nem sempre despertou muito o interesse do ser humano. No início do século dezenove, a classe hegemônica europeia passou a demonstrar interesse por ela, mais como um passatempo da moda. Assim, ele entende que o envolvimento do ser humano com a natureza, nessa época, era mais no sentido de recreação, do que de aptidão ao trabalho. Afirma também que

o prazer visual da natureza varia, de acordo com cada um, em tipo de valor e intensidade, onde cenas na natureza, mesmo simples e pouco atrativas podem revelar aspectos, antes não observados e “[.novo *insight* na realidade é, às vezes, experienciado como beleza”. (TUAN, 1980, p. 110)

Essa capacidade de sentir e significar o lugar é individual, como já mencionado, sofre influência cultural. Tuan (1980) comenta que na China era um velho costume considerar como parques naturais o terreno ao redor dos túmulos dos imperadores sagrados. Além do caráter sagrado do lugar, pelo espírito do falecido, também atendiam às necessidades humana por religião e recreação.

Corroborando com a abordagem de Tuan (1980) e considerando que um lugar tem múltiplos sentidos e significados, que vão das relações individuais às coletivas, Nogueira (2013) entende que os lugares possuem cor, cheiro, barulho e formas distintas. Cada experiência no lugar, seja ele: montanha, mar, floresta, praças, monumentos, ou cidades se traduz pela sua forma material, simbólica e imaginária. Assim um lugar pode significar, ao mesmo tempo, espaço de trabalho, moradia, amizade, lazer, vida, mistérios, significados místicos e religiosos.

### **3.8 Ocupação**

De acordo com Tuan (1980) foi nos vales e nas bacias, que a humanidade deu seus primeiros passos para a agricultura. No início os povos eram nômades, mais modernamente se tornaram sedentários, quando passam a viver em vilas comunitárias. Entretanto, mesmo vivendo em vilas ou, mais modernamente, em cidades, os sujeitos trazem consigo o valor bucólico, que remete a um passado agradável e tradicional já experienciado.

O autor cita como exemplo algumas comunidades que são pobres e suportam o modo simples de viver. Trabalhando na pesca e na lavoura, não tanto pela recompensa econômica, mas sim pela satisfação e por esse estilo de vida ancestral e tradicional.

Nogueira (2013) enfatiza que o valor e o significado do lugar, dependem de uma relação humana particular, do modo de vida, posto que o lugar vazio de pessoas

não tem significado nem histórico e nem cultural, pois os homens e os lugares se co-pertencem.

### 3.9 Renda

O excedente da produção agrícola no entorno das cidades resulta em um *superávit*. Em termos econômicos esse excedente gera renda para os agricultores desse entorno. Os agricultores urbanos das HC, de alguma forma, também geram renda com sua produção. De acordo com Tuan (1980, p. 173) “[...] a interpretação econômica vê a cidade como uma consequência do superávit econômico: os produtos que as aldeias não podem consumir são trocados em um lugar apropriado, que eventualmente se transforma em vila-mercado e cidade.”. Assim, as cidades normalmente são mantidas pela agricultura de seu entorno.

Sperandio *et al.* (2016) identificam também que há benefícios econômicos para os agricultores urbanos das HC, pois economizam ao consumir os produtos que cultivam e ainda ganham ao vender os produtos para os moradores das proximidades.

Diante do exposto, reconhecemos que compreender questões relacionadas à natureza são emergentes e abrangentes, tornando-se necessário investir em pesquisas com abordagem interdisciplinar em uma vertente fenomenológica. Assim pode-se contribuir para compreender a natureza da experiência humana sobre a terra, buscando valores humanistas que possibilitem ressignificar a relação entre o homem e o ambiente, espaço e lugar em valor do conhecimento.

## 4 PERCURSO METODOLÓGICO

A seguir apresentamos o percurso metodológico utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa.

### 4.1 Tipo de estudo

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, na medida em que procuramos compreender o significado das hortas comunitárias para os agricultores urbanos da cidade de Governador Valadares. De acordo com Yin (2010) o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo em seu contexto de vida real e em profundidade, utilizado especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são sempre distinguíveis. Nesse método o investigador tem pouco ou nenhum controle, enfrentando condição tecnicamente diferenciada em que existirão muito mais variáveis de interesse, do que pontos de dados.

Enquanto estudo de caso, essa pesquisa segue uma abordagem quali-quantitativa, sendo efetuada de forma direta no universo investigado, quando a pesquisadora busca informações em entrevista pessoal com os sujeitos da pesquisa, e de forma indireta, quando busca informações em arquivos. Para Severino (2009) o conjunto de fenômenos humanos não deve ser estudado à expressão limitada de uma relação de causa e efeito. Como paradigma epistemológico, o estudo dos fenômenos parte da pressuposição de que todo conhecimento do real se funda no conhecimento originário de natureza intuitiva. Esse autor considera que a diferença não está na modalidade de metodologia qualitativa ou quantitativa e sim na abordagem qualitativa ou quantitativa, pois essas designações de abordagens, referem-se ao conjunto de metodologias de diversas referências epistemológicas. No caso da abordagem qualitativa, deve ser capaz de apreender importantes aspectos relacionados com a condição específica do sujeito, para tanto, é essencial a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados.

Bardin (2014) corrobora com a compreensão de que a análise qualitativa possibilita elaboração de deduções mais específicas sobre um evento ou variável de

inferências mais precisas e não gerais. A quantitativa funda-se na frequência de aparição de determinados elementos, e com frequência suficientemente elevada para seja possível desenvolver cálculos e levantar problemas ao nível da pertinência do índice, frequentemente, sem tratar todo o conteúdo.

A pesquisa é exploratória-descritiva, que segundo Marconi e Lakatos (2008), tem por objetivo descrever determinado fenômeno para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas, podendo apresentar tanto descrições qualitativas quanto quantitativas e seus procedimentos de amostragem são flexíveis. Busca nos sujeitos da pesquisa, no ambiente em que atuam, as manifestações e observações livres a respeito do tema em questão, como uma fonte de documentação direta, que consiste no levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem.

## **4.2 Local do estudo**

O campo da pesquisa está situado na zona urbana do município de Governador Valadares, localizado na região leste do Estado de Minas Gerais, com população de 263.689 habitantes, sendo que a maioria (95%) vive em perímetro urbano (IBGE, 2010c). Apesar de ser um território urbano densamente povoado, a comunidade apresenta fortes relações com a agricultura, desenvolvem várias atividades da agricultura urbana e entre elas a atividade de horta comunitária (LOVO, 2003; LOVO; COSTA, 2006; LOVO; PESSOA; COSTA, 2008;) que é de interesse dessa investigação.

O *lócus* da nossa pesquisa foi hortas comunitárias em funcionamento até julho de 2018, que são demandas do PROAGRU instituído no município pela Lei nº 5.265 de 29 de dezembro de 2003 e regido pela Lei nº 5.439, de 18 de maio de 2005. Esse Programa é gerido pela Secretaria de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento de Governador Valadares (SEMA).

### **4.3 Sujeitos da pesquisa**

Foram identificados 32 agricultores urbanos como participantes ativos das hortas comunitárias. Todos foram convidados a participar da pesquisa e 26 se dispuseram a participar e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A). A amostra para apreensão dos dados foi então constituída por 26 sujeitos, maiores de 18 anos, de ambos os sexos. No texto, nomes dos sujeitos foram substituídos por nomes fictícios. Essa forma de nomear teve como objetivo resguardar a identidade dos sujeitos, preservando o anonimato dos mesmos.

### **4.4 Coleta de dados e etapas de realização da pesquisa**

Nessa pesquisa utilizamos várias técnicas para a obtenção dos dados. A associação dessas modalidades de dados, bem como de métodos de análises que lhes são próprios produziram uma complementaridade trazendo grandes contribuições a essa investigação. A pesquisa seguiu as orientações de Severino (2009) que consistiu nas seguintes técnicas de pesquisa para coleta de dados: Documentação, Pesquisa de Campo e Entrevista Estruturada. Assim, realizamos respectivamente:

- a) coleta de dados documentais;
- b) geoprocessamento das hortas comunitárias;
- c) entrevista estruturada.

#### **4.4.1 Coleta de dados documentais**

Inicialmente fizemos contato com a SEMA e formalizamos a solicitação para que pudéssemos ter acesso aos arquivos relativos às hortas comunitárias. Nos foi autorizado e disponibilizados os documentos referentes à agricultura urbana do



município, pois as informações sobre as hortas comunitárias estão incluídas nos arquivos do PROAGRU do Departamento de Agricultura e Pecuária. Foram acessados os seguintes documentos:

- a) cadastros das hortas (ANEXO A);
- b) termos de adesão e compromisso do produtor urbano (ANEXO B);
- c) relatórios de visitas técnica (ANEXO C).

A Secretária da SEMA disponibilizou um engenheiro agrônomo para acompanhar e orientar a busca pelos dados e informações necessárias.

Selecionamos os documentos referentes às 22 hortas comunitárias cadastradas. As informações obtidas nesses documentos constituíram a base estrutural para elaboração de uma planilha com os dados de interesse dessa pesquisa: nome da horta, endereço, ano de implantação, propriedade do terreno, número de pessoas no início da horta, nomes dos responsáveis e números de telefone. (Apêndice B). Essa planilha foi construída com o objetivo de planejar o trabalho de campo. Essas informações foram obtidas nos meses de fevereiro e março de 2018.

#### **4.4.2 Geoprocessamento das hortas comunitárias**

Para iniciarmos as visitas às hortas comunitárias fizemos contatos telefônicos com alguns agricultores, agendamos e confirmamos o horário em que os agricultores se encontravam nas hortas. Porém, a maior parte dos contatos dos cadastros já haviam mudado os números dos telefones. Nesses casos, fomos diretamente ao local para identificar a situação da horta cadastrada, sempre acompanhada pelo engenheiro agrônomo da Prefeitura. Perguntamos aos moradores nos arredores do endereço das hortas até obtermos informações quanto ao funcionamento ou não daquela horta. Aquelas que estavam ativas, os vizinhos nos indicavam as residências dos agricultores. Assim, conseguimos localizar 9 hortas comunitárias cadastradas que estavam ativas, com variedade no cultivo e presença de manejo diário. Uma delas

constava no cadastro que estava inativa, no entanto, seus integrantes já haviam retomado os trabalhos e não havia comunicado à SEMA.

Nesse primeiro contato fizemos uma aproximação de forma cordial, apresentei-me como pesquisadora do Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce, informei-os sobre essa pesquisa e o objetivo da visita. O engenheiro também se identificou e informou sobre o trabalho da SEMA.

Solicitamos aos agricultores encontrados que nos informassem os nomes e telefones para contatos posteriores e também perguntamos se eles sabiam de mais alguma horta comunitária em funcionamento. Fomos então informados de mais 3 hortas comunitárias, as quais também localizamos, visitamos e solicitamos os contatos. No momento dessas visitas foi possível observar a variedade das plantas e condição dos cultivos. O engenheiro agrônomo atualizou os dados dos cadastros das hortas, fez orientações técnicas necessárias e registrou as visitas para arquivo da SEMA.

Para realizarmos o geoprocessamento das 12 hortas comunitárias identificadas, agendamos com os agricultores urbanos responsáveis, de acordo com a disponibilidade deles e do engenheiro agrônomo da SEMA. Na realização desse procedimento utilizamos um receptor GPS para coletar as coordenadas dos pontos vértices limítrofes das áreas de cada horta comunitária, atividade que ocorreu no período de março a julho de 2018.

O geoprocessamento é um procedimento integrante dos Sistema de Informações Geográficas (SIG) e baseia-se em um conjunto de tecnologias voltadas para a coleta e tratamento de informações para a produção de mapas e representações cartográficas em geral. De acordo com Fitz (2008), para a localização com exatidão de pontos específicos na superfície da terra faz-se necessária a utilização de um Sistema de Referência, que pode ser baseado em coordenadas geodésicas e coordenadas plano-retangulares. Segundo esse autor, as coordenadas geodésicas são o sistema sexagesimal mais utilizado para localização de pontos na superfície da terra, de forma direta.

Nessa pesquisa, realizamos o geoprocessamento para localizar as hortas comunitárias no território valadarense. Optamos pelo sistema de coordenadas WGS84, com a utilização de *Global Positioning System Navstar-GPS*, e um receptor modelo Etrex 30 da marca GARMIN.

Os pontos foram marcados com GPS e descarregados no computador, por meio do programa *Track Maker*, e com este programa salvamos os arquivos em formato KML e *Excel*. No *Google Earth pro*, abrimos o arquivo formato KML e assim foram gerados os mapas bases. Transferimos os mapas bases para o *Paint* e neste as áreas foram delimitadas e marcadas por linhas amarelas e salvas em formato JPEG. Para finalizar, as imagens em JPEG foram editadas no *Power Point* com a localização das hortas comunitárias em funcionamento até julho de 2018. Esses dados foram coletados nos meses de abril a julho de 2018.

#### **4.4.3 Entrevista estruturada**

Segundo Severino (2009) a entrevista estruturada deve ser conduzida por questões direcionadas e previamente estabelecidas que permitam articulação interna com abertura a outras questões que a aprofundem. Por serem orientadas por um roteiro de questões diretas, o autor considera que as respostas são obtidas do universo do sujeito e também mais facilmente categorizáveis. Elas têm sido utilizadas para o estudo de significados subjetivos e tópicos complexos das percepções, com o objetivo de explorar o processo da gênese dos significados e interpretações.

Optamos pela entrevista estruturada (APÊNDICE C). Para tanto, elaboramos um roteiro em que buscamos a caracterização do sujeito e aplicamos o teste de associação de palavras para coleta das evocações de significados dos sujeitos da pesquisa. Utilizamos este teste que, segundo Bardin (2014), implica em solicitar aos participantes a verbalização do que pensam após terem sido estimulados por uma palavra ou expressão que caracterize o objeto da representação em estudo.

Este teste é utilizado para fazer surgirem espontaneamente palavras ou expressões, por associações subjetivas, culturais e ou emocionais diante da percepção da realidade, cujo elemento simbólico está para além do escrito ou literal de uma palavra ou frase. Para a autora, a frequência em que a palavra ou expressão aparece é utilizada para avaliar o grau de compartilhamento das evocações no grupo pesquisado, assim, quanto mais frequente, mais compartilhada é a palavra ou expressão.

#### **4.4.3.1 Primeira etapa: Teste Piloto**

Antes de iniciarmos a coleta formal dos dados realizamos teste piloto do roteiro estruturado da entrevista, como um passo preparatório. Segundo Yin (2010), o teste piloto é um instrumento capaz de reproduzir eficazmente e em escala reduzida parte significativa dos meios que serão encontrados pelo pesquisador no momento definitivo da coleta de dados. Visa refinar os planos de coleta de dados com relação ao conteúdo dos dados, as linhas relevantes das questões e proporcionar condições de reflexão quanto à sua viabilidade, adequação à proposta e principalmente sua cientificidade.

Seguindo essas orientações, realizamos teste piloto do roteiro estruturado das entrevistas com dois agricultores e duas agricultoras, que atuam em hortas comunitárias de outro município e, sendo assim, não pertencentes ao universo dos que seriam investigados. Com o retorno desse primeiro teste piloto foi possível identificar a necessidade de alterar a sequência de algumas questões, bem como, alguns itens que geraram dúvidas foram reelaborados e receberam nova redação.

Novamente, a entrevista foi aplicada a outro grupo de dois agricultores e duas agricultoras de hortas comunitárias urbanas não pertencentes ao universo dos que seriam investigados. Nesse segundo teste piloto, o roteiro não apresentou itens significativos geradores de dúvida aos respondentes. Os resultados do estudo piloto não foram incluídos nessa dissertação. Foi cronometrado o tempo necessário (média de 20 minutos) para realizar as entrevistas, com o objetivo de, posteriormente, informar aos sujeitos da pesquisa ao agendar com os mesmos, e verificar a disponibilidade de cada um para realizá-la.

#### 4.4.3.2 Segunda etapa: Entrevistas com os sujeitos da pesquisa

Após as adequações do roteiro, iniciamos o agendamento das entrevistas com os 26 sujeitos da pesquisa, que indicaram dia, hora e local de acordo com suas disponibilidades, possibilitando assim que a investigadora não criasse grandes perturbações na rotina dos sujeitos da pesquisa. Foram necessárias várias idas ao local das hortas e nas residências de alguns agricultores, para conhecer os sujeitos, realizar as entrevistas e compreender os significados atribuídos por eles, a partir da experiência em suas relações com o lugar da HC. A coleta desses dados ocorreu nos meses de julho e agosto de 2018, quando realizamos as entrevistas e aplicamos os testes de associação de palavras.

De acordo com o agendamento, realizamos as entrevistas de forma presencial utilizando o roteiro estruturado. Alguns sujeitos preferiram agendar na casa deles, e em horários de acordo com a disponibilidade dos mesmos, pela manhã, ou tarde ou noite. Outros sujeitos preferiram agendar nas hortas comunitárias pela manhã ou tarde, em dias da semana que variaram de segunda a domingo, de acordo com os horários em que eles estariam em atividades nas hortas comunitárias.

A participação ocorreu de forma voluntária, livre e sem delimitação de tempo para responder o roteiro da entrevista. À medida que a pesquisadora fazia a pergunta, o sujeito respondia e a pesquisadora anotava a resposta. Todas as entrevistas foram também gravadas por áudio com a autorização dos sujeitos, cuja intensão foi de garantir a fidelidade quanto à fala do sujeito investigado. O objetivo de gravar é, sempre que necessário, retornar às respostas dos sujeitos.

Após responderem as questões referentes à caracterização dos sujeitos foi aplicado o teste de associação de palavras. A pesquisadora solicitou que os sujeitos citassem 5 palavras ou expressões que viessem imediatamente à mente tão logo que fosse anunciado expressão: horta comunitária. Esse foi o estímulo indutor utilizado.

Percebeu-se que, mesmo após ter sido explicado e serem dados exemplos de como funcionava o teste, em algumas vezes, os sujeitos apresentavam dificuldades para verbalizar palavras isoladas ou frases curtas, expressando-se em falas longas, das quais foram extraídas expressões ou palavras chaves e anotadas.

Em seguida, foi solicitado ao participante que enumerasse as evocações listadas por ordem de importância, de acordo com o entendimento do mesmo. A

pesquisadora leu as palavras ou expressões evocadas e os sujeitos as classificaram. Dessa forma, as evocações foram classificadas pelo grau de importância, com os números de 1 a 5. A palavra ou expressão marcada com o número 1 é aquela considerada pelo sujeito da pesquisa como a de maior importância, e a de número 5, a de menor importância. E de acordo com o desejo dos sujeitos as evocações, bem como a ordenação das mesmas, foram adequadas.

Com o objetivo de obter mais informações sobre o grau de importância da evocação priorizada pelo sujeito, a pesquisadora perguntou qual o significado da palavra/expressão escolhida por ele como a mais importante e porque considerou que essa palavra/expressão era a mais importante.

Após a coleta dos dados da nossa pesquisa, iniciamos o procedimento de análise dos mesmos, seguindo as três fases propostas por Bardin (2014): a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados e a interpretação; seguida pelo processo de categorização. Descrevemos sucintamente essas fases:

A pré-análise consiste em um primeiro contato com o material a ser explorado e tem como propósito elaborar um plano de análise com a seleção e organização do material a ser analisado e sistematização das ideias iniciais. Nessa etapa são realizadas várias leituras, seleção do material que faz interface com a pesquisa, transcrição na íntegra das entrevistas, buscando apreender significados e ideias principais para dimensão e direção de análise.

A fase de exploração do material constitui-se na execução sistemática das decisões tomadas no plano de análise, com investigação dos dados coletados, aprofundamento de conteúdos específicos das informações e evocações coletadas de forma a viabilizar a formulação das interpretações e as abordagens mais frequentes.

Na fase de tratamento dos resultados e interpretação faz-se com que os resultados em bruto sejam tratados de maneira a serem significativos, válidos e fiéis, cujo intento servirá de subsídio para a formulação de interpretações, análise crítica e reflexiva dos conteúdos a propósito dos objetivos previstos.

A categorização consiste em uma operação de classificação de elementos construtivos de um conjunto, por aproximação ou diferenciação entre eles. Faz-se o inventário ao isolar os elementos e, a seguir, elabora-se uma grelha de análise da classificação com a organização das mensagens por proximidade, em função das abordagens temáticas das evocações, de forma a dialogar com os pontos focais de

interesse na investigação. Essa classificação pode ser, por exemplo, por critério de aproximação semântica, sintática, léxica, temática, entre outros. A fase de categorização é subjetiva, ou seja, não existe uma fórmula fixa.

Segundo Bardin (2014, p. 131), “[...] o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisando certos critérios relativos à teoria, que serve de guia à leitura.”. Fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido, que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objeto analítico escolhido.

Para a autora, na análise categorial, a investigação por tema, ou seja, análise temática é geralmente utilizada para estudar motivações de atitudes, valores, e com recorte do conjunto de entrevistas na grelha de categorias, buscando as significações e interpretações que podem conduzir a achados das hipóteses formuladas ou a outras descobertas inesperadas.

De acordo com essas orientações, procedemos a pré-análise. Organizamos todo material coletado para tabular os dados coletados e seguimos as etapas: transcrição na íntegra das gravações, leitura da transcrição na busca de contato com o conteúdo das entrevistas e do teste de associação de palavras e a organização do material a ser analisado, como proposto por Bardin (2014). Construimos uma planilha com as informações coletadas nas entrevistas e no teste de associação de palavras, contendo os dados das evocações na íntegra.

Quanto aos dados sobre as idades dos sujeitos, os organizamos em 6 faixas etárias, iniciando com a idade de 36 anos e com intervalo de 10 anos. A 1ª faixa etária de 36 a 45 anos, a 2ª faixa etária de 46 a 55 anos, assim até a 6ª faixa etária de 86 a 95 anos de modo a incluir a menor idade que é de 40 anos e a maior idade que é de 88 anos. Essa estratificação permitiu analisar as faixas etárias até 65 anos e acima de 65 anos. A partição se deu seguindo a classificação do IBGE (2010b) quanto à PEA.

Na exploração do material, fizemos leituras mais detalhadas das evocações dos testes de associação de palavras ou expressões e verificamos que foram enunciadas 130 palavras ou expressões. Analisamos a frequência em que as palavras ou expressões foram citadas e o grau de importância atribuído a elas pelos sujeitos da pesquisa.

No tratamento dos resultados, reunimos as palavras sinônimas e o primeiro agrupamento estabelecido foi por aproximações semânticas das evocações,

consolidando-as em 31 palavras ou expressões. Antes da categorização final, com o conjunto de respostas tabuladas, foi possível determinar a frequência das evocações, assim, identificamos quais foram as mais citadas pelos respondentes, o grau de importância de cada uma e a seguir fizemos a categorização utilizando recorte de uma análise temática. Esses dados foram tabulados em uma grelha de análise, que conforme Bardin (2014) é utilizada para estudar a relação simbólica e afetiva do sujeito da pesquisa e o objeto de sua relação (horta comunitária).

Diante da amplitude, diversidade das evocações, trabalhamos com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes para classificar as unidades de significação em 9 categorias de significados das hortas comunitárias para os sujeitos da pesquisa.

Essas categorias de significados surgiram de maneira interdisciplinar, por análise temática e pela compreensão teórica apreendida nos estudos sobre percepção, atitudes e valores relacionados ao meio ambiente, conforme propõe Tuan (1980) em suas abordagens em Topofilia e pela perspectiva da experiência, abordada por Tuan (1983) em Espaço e Lugar.

#### **4.4.3.3 Terceira Etapa: Validação dos significados**

Nesta etapa da investigação foi realizada a validação dos significados pelos sujeitos da pesquisa, das 9 categorias construídas pela pesquisadora. Agendamos novo encontro com cada um dos sujeitos da pesquisa de acordo com disponibilidade, para realizarmos essa validação.

Alguns encontros foram na residência dos sujeitos e outros nas hortas comunitárias. Nesse encontro, explicamos que essa validação se tratava de uma etapa para confirmar ou não os significados categorizados atribuídos pela pesquisadora a partir das informações obtidas nas entrevistas. Fizemos essa verificação com todos os agricultores urbanos que participaram da pesquisa. Para tanto, realizamos a leitura das categorias e seus significados e em seguida perguntamos aos participantes se os termos ou palavras atendem ao que a horta comunitária significava para cada um ou se haveria alguma sugestão de alteração.



#### 4.5 Apresentação e análise dos dados

Considerando as experiências nas hortas comunitárias urbanas como um fenômeno social, assim pode ser averiguado com o uso de técnicas de investigação do conteúdo manifesto na comunicação. Utilizamos a análise de conteúdo proposta por Bardin (2014), que busca conhecer aquilo que está por trás das palavras, as variáveis de natureza afetiva, psicológica, sociológica, histórica, entre outras. Essa é a unidade de significação ou percepção a codificar, correspondendo ao segmento de conteúdo e considerado como unidade de base de análise, visando categorização e contagem da frequência. É nessa unidade de base que se pode aplicar a análise de conteúdo.

A caracterização da análise de conteúdo é feita por Bardin (2014) como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2014, p. 44).

Assim, para Bardin (2014), qualquer comunicação como veículo de significados é susceptível de ser escrito e de ser submetido a uma análise de conteúdo. Dessa forma, em geral, considera-se como fonte de coleta de dados qualitativos qualquer documento ou material como leis, regulamentos, normas, pareceres, livros, entre outros. Também constituem o universo de dados, as informações obtidas junto aos sujeitos de uma pesquisa por meio de questionários e ou entrevistas. Na obtenção dos dados há interação do pesquisador com os sujeitos por meio dos instrumentos de pesquisa e da observação nos momentos de contato.

Seguimos essas orientações para efetuarmos deduções e inferências, no conjunto das técnicas de análise utilizadas. No Capítulo 5 partimos da apresentação das informações sobre as hortas comunitárias que foram obtidas junto aos registros da prefeitura e aos relatos dos agricultores. Seguido pela construção de um breve relato histórico de cada horta comunitária, bem como a representação gráfica localizando-as em mapas.

No Capítulo 6, apresentamos a caracterização dos sujeitos da pesquisa quanto ao sexo, por faixa etária, sexo, trabalho, tempo de dedicação à HC, instrução/escolaridade e origem se ou rural ou urbana.

Analisamos os dados coletados no teste de associação de palavras em que utilizamos os procedimentos de análise de acordo com os autores que nos sustentam teoricamente nessa investigação. Avaliamos e analisamos a frequência e o grau de importância dos significados evocados pelos os sujeitos da pesquisa. Buscamos identificar, também, a importância desses significados analisando as três variáveis: sexo, idade e origem, no sentido de verificar se essas variáveis fazem diferença.

Assim, descrevemos cada categoria de significado fundamentando-as em Yi-Fu Tuan e complementadas com estudiosos que também se interessam pelas questões humanistas relacionadas ao ambiente como é percebido, sentido e vivido pelas pessoas. Nesse sentido, apoiamos numa perspectiva humanista, que reconhece os sujeitos como portadores de sentimentos e afetos pelo lugar, respeitando, pois, seus sentimentos, crenças e valores diante das experiências com e no lugar. Na descrição das categorias de significados apresentamos fragmentos das narrações dos sujeitos como corroboração de nossa categorização.

## **5 HORTA COMUNITÁRIA: UM LUGAR NA CIDADE**

Este capítulo apresenta as hortas comunitárias ativas até julho de 2018, em uma perspectiva de lugar, bem como a localização em mapas individuais. Com as informações obtidas junto aos registros da Secretaria de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento (SEMA) da Prefeitura Municipal de Governador Valadares e os relatos feitos pelos agricultores à pesquisadora, construímos um breve relato histórico de cada horta comunitária, bem como a representação cartográfica localizando-as em mapas.

### **5.1 Documentos analisados**

A SEMA nos disponibilizou os documentos referentes às hortas cadastradas junto ao PROAGRU. A seguir apresentamos a relação dos documentos que foram acessados e analisados:

- a) Cadastros da Horta (ANEXO A);
- b) Termos de Adesão e Compromisso do Produtor Urbano (ANEXO B);
- c) Relatórios de Visita Técnica realizados nas hortas pelos técnicos da SEMA (ANEXO C).

Esses documentos são formulários adotados pela Secretaria, impressos em papel timbrado da Prefeitura Municipal e fazem parte da documentação necessária para que haja liberação dos benefícios conforme legislação municipal vigente. Esses formulários são preenchidos pelos servidores públicos da SEMA, responsáveis pelo Programa, de acordo com busca ativa nos locais das hortas comunitárias ou quando demandados pelos agricultores urbanos. Nesse levantamento selecionamos e analisamos apenas documentos referentes às hortas comunitárias, por se tratar de nosso objeto de pesquisa.

### **5.1.1 Cadastro da Horta**

No formulário Cadastro da Horta (ANEXO A) constam os seguintes campos de informação:

- a) número do cadastro;
- b) classificação da horta;
- c) nome da horta;
- d) data de implantação;
- e) área;
- f) endereço;
- g) propriedade do terreno;
- h) benefícios recebidos;
- i) destino da produção;
- j) nome e contato do responsável;
- k) número de pessoas participantes na implantação;
- l) estimativa de pessoas beneficiadas;
- m) número de famílias atendidas; e
- n) campo aberto para observações.

Na pesquisa realizada nesses cadastros identificamos que datam do ano de 2003, e que, inicialmente, foram registradas 22 hortas comunitárias em funcionamento. Em documentos que constam terem sido atualizados em 2013, pela SEMA, foi possível identificar que haviam 8 hortas comunitárias em funcionamento, as quais utilizamos como ponto de partida para localização.

### **5.1.2 Termos de adesão e compromisso do produtor urbano**

Esse Termo de Adesão (ANEXO B) é assinado por um agricultor que é definido pelo grupo como coordenador da horta. Por meio desse termo todos os agricultores urbanos que participam da horta assumem a obrigação de:

- a) cumprir as normas e regulamentos operacionais do PROAGRU conforme legislação vigente;
- b) fazer parte do Fórum Municipal de Agricultura Urbana e Segurança Alimentar;
- c) participar de capacitações promovidas pelo Programa;
- d) receber os técnicos e agricultores do Programa em vistas a horta;
- e) autorizar a divulgação dos resultados de sua produção.

### **5.1.3 Relatórios de visita técnica**

Nesses relatórios (ANEXO C) constam a identificação e registro da situação da horta no momento da visita, bem como as recomendações (orientações) feitas pelo técnico da SEMA responsável por esse acompanhamento. Cabe destacar que foram identificados nos arquivos apenas 25 relatórios de visitas técnicas realizadas no ano de 2011. Não localizamos nenhum registro nos arquivos da SEMA de visitas técnicas anterior ou posterior à 2011. Também foi possível constatar nesses documentos informações a respeito das condições de cultivo, tipo de manejo percebido, aspecto da terra e das plantas, problemas de gestão e de segurança das hortas. Nos documentos também é possível encontrar o registro das orientações técnicas quanto ao preparo da terra, formação dos canteiros, uso adequado do esterco, poda correta das plantas e controle de pragas com caldas naturais entre outras.

## **5.2 Identificação das hortas**

Como não encontramos nenhum registro de acompanhamento das hortas nos arquivos da SEMA, posterior ao ano de 2011, portanto, não havia dados para compreender a situação atual de funcionamento das hortas comunitárias. As informações obtidas, mesmo não atualizadas, foram consolidadas em uma planilha (APÊNDICE C) com os dados referentes às 22 hortas comunitárias cadastradas nos registros do PROAGRU. Dessas 22 hortas comunitárias identificamos apenas 9 que

estavam ativas. Além dessas 9 hortas comunitárias ativas, identificamos mais 3 que se encontram em pleno funcionamento e que não constavam nos cadastros do PROAGRU.

Na Tabela 1 apresentamos as 12 hortas comunitárias que identificamos em atividade em julho de 2018. Nela informamos o nome da horta comunitária; bairro em que está localizada; ano em que iniciou suas atividades; número de pessoas que atuavam na implementação (início das atividades da horta comunitária); e o número de pessoas que participam das mesmas em julho de 2018.

**Tabela 1 - Hortas comunitárias em atividade até julho de 2018**

Horta comunitária	Bairro	Ano de início	Número de pessoas	
			Início	2018
Bom Pastor	Altinópolis	1970	40	6
Vitoriosa	Altinópolis	2002	12	3
Santa Helena	Santa Helena	2003	8	3
São Francisco	Santos Dumont II	2003	20	2
Cantinho do Céu Maria Geralda da Silva	Novo Horizonte	2004	35	2
Renascer	São Raimundo	2004	15	2
Pai e Filho	Santos Dumont II	2008	3	2
Menino Jesus de Praga	Vila dos Montes	2014	2	2
Nossa Senhora do Bom Conselho	São Tarcísio	2014	2	2
Esperança	Porto da Canoas	2015	2	2
Figueira	Figueira	2015	15	2
Mãos na Terra	Jardim Pérola	2015	8	3

**Fonte:** Autoria própria.

A Tabela 1 nos mostra que a horta comunitária Bom Pastor, localizada no bairro Altinópolis, iniciou suas atividades em 1970, dessa forma está em atividade há 48 anos. Inicialmente eram 40 participantes e atualmente são apenas 6. Pelos dados disponibilizados podemos observar que ocorreu uma redução de 85% no número de participantes desde sua implantação.

A horta comunitária Vitoriosa, localizada no bairro Altinópolis, iniciou suas atividades em 2002 com 12 pessoas e atualmente participam apenas 3 pessoas. Com base nesses dados podemos observar que houve uma redução de 75% no número de pessoas participantes em relação ao número inicial.

Em 2003 surgiram 2 hortas comunitária: a Santa Helena, localizada no bairro Santa Helena e a São Francisco, localizada no bairro Santos Dumont II. A horta comunitária Santa Helena iniciou suas atividades com 8 pessoas participantes e atualmente apenas 3 pessoas participam. De acordo com os dados disponibilizados

e com nossa investigação podemos observar que houve uma redução, aproximadamente de 63% no número de pessoas em relação à sua implantação.

A horta comunitária São Francisco iniciou suas atividades com 20 pessoas e atualmente participam apenas 2 pessoas. Esses números nos mostram que ocorreu uma redução de 90% do número de participantes.

Em 2004 mais 2 hortas comunitárias foram implantadas: a Cantinho do Céu Maria Geralda, localizada no bairro Novo Horizonte e Renascer, localizada no bairro São Raimundo. A horta comunitária Cantinho do Céu Maria Geralda iniciou com 35 pessoas e, atualmente, apenas 2 pessoas participam. Números que nos indica uma redução, aproximadamente, de 94% no número de participantes.

A horta comunitária Renascer iniciou suas atividades com 15 pessoas e, atualmente, tem apenas 2 pessoas participando. Essa redução representa, aproximadamente, 87% relativamente ao número inicial de participantes.

A horta comunitária Pai e Filho, localizada no bairro Santos Dumont II, iniciou suas atividades em 2008 com 3 pessoas e, atualmente, tem 2 pessoas que continuam participando. Nesse caso podemos observar que houve uma redução, aproximadamente, de 33% no número de participantes.

Em 2014 2 novas hortas comunitárias iniciaram suas atividades: a Menino Jesus de Praga, localizada no bairro Vila dos Montes e a Nossa Senhor do Bom Conselho, localizada no bairro São Tarcísio. Tanto uma, quanto outra, iniciaram suas atividades com 2 pessoas que permanecem até os dias atuais.

Em 2015 outras 3 hortas comunitárias iniciaram suas atividades: a Esperança, localizada no bairro Porto das Canoas, a Figueira, localizada no bairro Figueira e a Mãos na Terra, localizada no bairro Jardim Pérola. A horta comunitária Esperança iniciou suas atividades com 2 pessoas que permanecem até os dias atuais.

A horta comunitária Figueira iniciou suas atividades com 15 pessoas e atualmente participam apenas 2 pessoas. Os dados nos mostram que houve uma redução de, aproximadamente, de 87% no número de participantes.

A horta comunitária Mãos na Terra iniciou suas atividades com 8 pessoas e, atualmente, participam apenas 3 pessoas, o que representa uma redução de, aproximadamente, 63% em relação ao número inicial de participantes.

Como a participação na horta comunitária não é obrigatória e sim voluntária, o número de agricultores urbanos em cada horta pode e sofre constantes variações no número de sujeitos participantes e colaboradores. Foi possível perceber, também, que

há alguns colaboradores eventuais, os quais fazem alguns serviços pontuais, como capina após período de maior crescimento do mato, transporte de esterco da área externa para a horta, entre outros.

Essas 12 hortas possuem modo de organização e objetivos distintos e são consideradas nesse estudo como hortas comunitárias pelas ações que desenvolvem. Estão de acordo com a descrição feita no manual do PROAGRU sobre hortas comunitárias, como também com a descrição do Ministério da Educação (MEC) (Brasil, 2007) que possui essa mesma compreensão. Como sendo uma atividade da agricultura urbana conduzida por grupo de pessoas de qualquer classe social com interesses distintos, com produção de cunho coletivo em que as pessoas dividem as atividades, a produção e despesas. A seguir descrevemos algumas de suas particularidades.

O terreno destinado a essas 12 hortas comunitárias possui propriedades distintas. Quatro estão em áreas públicas cedidas pelo município, 3 estão em áreas de instituições públicas (2 estão em áreas de unidades básicas de saúde - Estratégia Saúde da Família e 1 está em área de um Centro de Referência de Assistência Social), 2 estão em Área de Preservação Permanente (áreas próximas ao Rio Doce, consideradas área de mata ciliar, uma é cadastrada na SEMA e possui permissão dos órgãos competentes e a outra ainda não possui essa autorização, então não está cadastrada na SEMA), 2 estão em área vinculadas à igreja e 1 em área cedida por uma pessoa física.

Quanto à destinação dos produtos das hortas comunitárias: 4 delas destinam sua produção para consumo dos agricultores, suas famílias e doação para entidades, bem como para famílias necessitadas. Cabe destacar que essas 4 hortas não comercializam seus produtos. Esse nosso achado corrobora com os de Correa e Panachuki (2015) e Moritz e Costa (2016) que identificaram, em suas pesquisas, que a produção, nessas hortas comunitárias, destinava ao consumo das famílias dos agricultores urbanos e também para doação.

Nas outras 8 hortas, os produtos são destinados para consumo dos agricultores, suas famílias, doação para famílias e pessoas carentes e também para comercialização. A comercialização direta ao consumidor tem se mostrado importante para o aumento da renda familiar do agricultor urbano, bem como, o acesso a produtos com preços mais acessíveis para moradores do entorno das hortas comunitárias. Essa realidade encontrada, confirma os achados de Santandreu; Lovo (2007); Arruda



(2011); Sodré *et al.* (2013); Pires (2016); Araújo; Assis (2016) e Lopes; Freitas; Gervásio (2016).

Quanto ao modo de organização das atividades de cultivo e manejo das hortas, verificamos que em 4 hortas comunitárias há uma divisão para que cada agricultor urbano seja responsável por determinados canteiros, onde eles têm autonomia de plantar e colher. Nessas hortas comunitárias é comum um ajude ou outro, por exemplo, trocar: sementes, mudas e cuidados com o canteiro do outro. As outras 8 hortas estão organizadas de forma coletiva. Tomam decisões em conjunto sobre o que plantar, quando e como colher. Merece destaque uma das hortas comunitárias, em que a colheita é realizada somente aos domingos, quando os produtos são distribuídos. Cabe ressaltar que há liberdade de seus integrantes colherem pequenas quantidades, se necessário, em outros dias na semana, para consumo próprio. Essa diversidade na organização e no funcionamento das hortas comunitárias também foi encontrada nos estudos realizados por Medeiros (2014).

Identificamos que as despesas relativas ao custeio das hortas comunitárias são todas bancadas pelos próprios agricultores. O custeio das hortas comunitárias é um desafio, e a comercialização de pequenas quantidades ajuda a cobrir esses gastos. A pesquisa realizada por Feniman e Araújo (2015) também mostra essa mesma situação encontrada por nós em nossa investigação. Entretanto, uma das hortas comunitária é custeada por apenas 1 sujeito, por questões de crença, assumiu o compromisso de arcar com as despesas de cultivo e distribuição dos produtos às entidades filantrópicas. Mesmo assim, os demais agricultores urbanos, dessa horta comunitária, declararam que arcam com pequenas despesas na aquisição de equipamentos de uso individual.

A Lei Municipal nº 5439, de 18 de maio de 2005, regulamenta a concessão de alguns benefícios para hortas comunitárias cadastradas no PROAGRU, tais como, redução do IPTU, da taxa de água, lixo e esgoto. As 2 hortas comunitárias que funcionam em áreas cedidas pela igreja solicitaram, e obtiveram os benefícios da redução do IPTU e das taxas de água, lixo e esgoto. A horta comunitária que funciona em área de propriedade de pessoa física (horta comunitária Nossa Senhora do Bom Conselho) não tinha conhecimento de tais benefícios.

Outra característica que entendemos ser importante é o tipo de manejo utilizado nessas hortas comunitárias. Os agricultores urbanos nos informaram que cultivam de maneira mais natural possível com rega, capina, poda, adubação com esterco de

boi/vaca e restos cultivares advindos de compostagem. Que fazem o controle de pragas com retirada das folhas, pulverização com urina de vaca diluída, calda de fumo ou detergente líquido e também cultivam plantas protetoras que afastam insetos. Segundo eles nenhum tipo de agrotóxico é utilizado nas hortas comunitárias. No entanto, em 2 delas, os agricultores urbanos nos informaram que usam iscas para matar formiga sendo que, em nosso entendimento, isca é veneno. Em uma dessas 2 hortas comunitárias os agricultores urbanos nos informaram, também, que utilizam adubo químico.

Cabe destacar que a pesquisadora observou que em todas as hortas comunitárias eles faziam uso de cobertura morta, utilizando galhos e folhas secas proveniente das podas da própria horta. Resultado semelhante também foi observado por Abreu *et al.* (2013) em seu estudo.

Identificamos que em todas as hortas comunitárias que visitamos há uma diversificação em seu cultivo, algumas com mais variedades e outras com menos. Observamos que, além de cultivarem as verduras mais convencionais, algumas variedades de plantas medicinais, cultivam também flores e diversas plantas frutíferas.

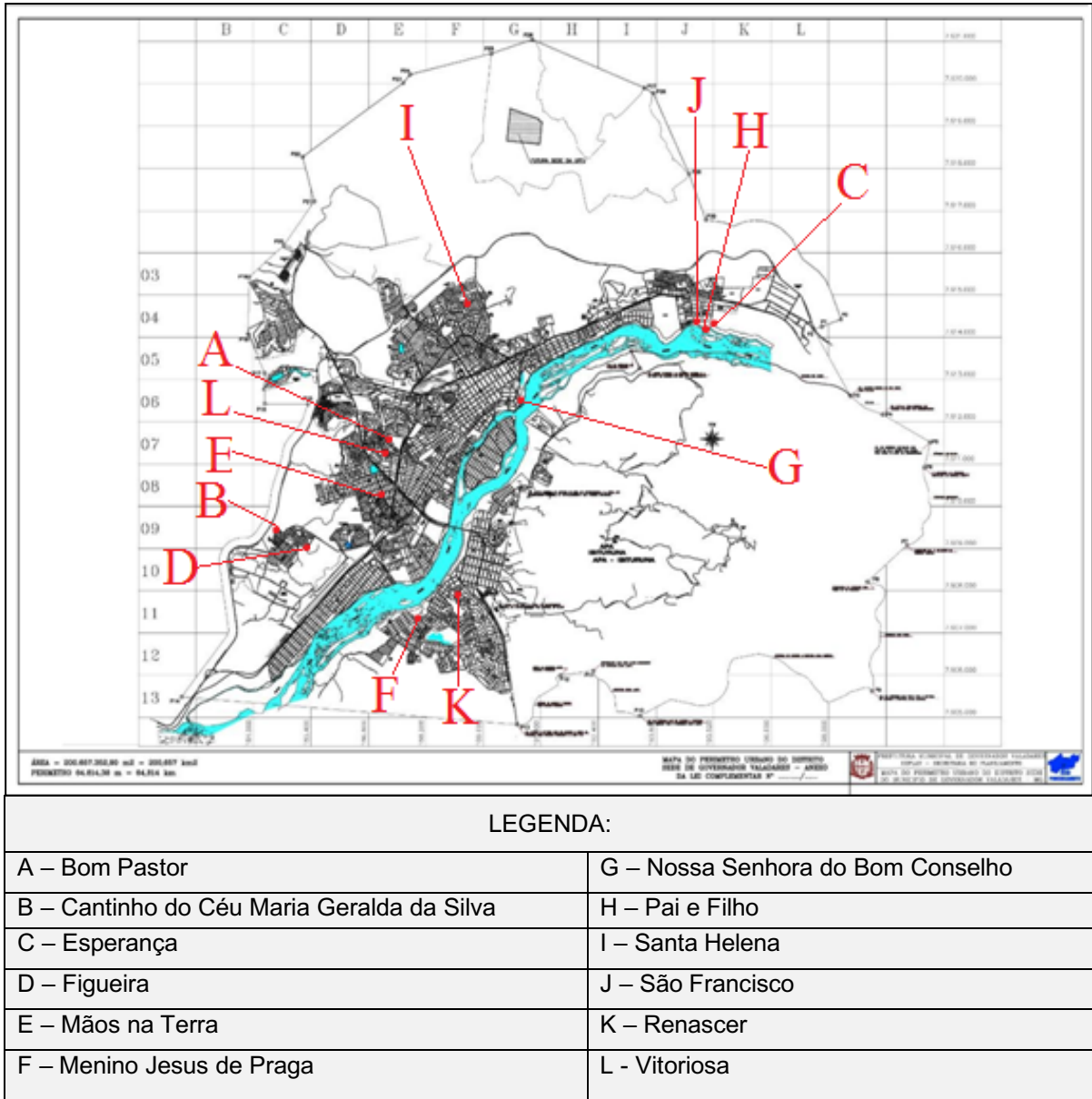
Os agricultores urbanos de cinco dessas hortas comunitárias nos informaram que, com frequência, há depredação por vândalos, que destroem canteiros, danificam as plantas e roubam os produtos por eles cultivados. Esse fato, para uns é desanimador, no entanto, para outros, significa a necessidade de persistência com as atividades na horta comunitária.

### **5.3 Localização das hortas comunitárias**

Coletamos os pontos dos vértices dos perímetros das áreas de cada uma das 12 hortas comunitárias, utilizando um GPS o que nos permitiu criar mapas para localizar visualmente, e individualmente, cada horta comunitária no espaço urbano de Governador Valadares.

A Figura 6 apresenta a localização das hortas comunitárias no perímetro urbano de Governador Valadares em julho de 2018.

**Figura 6 - Localização das hortas comunitárias no perímetro urbano de Governador Valadares em julho de 2018**



Fonte: Prefeitura Municipal de Governador Valadares com adaptação feita pela autora.

Na Figura 6 podemos observar que, em sua maioria, as hortas comunitárias, estão situadas em bairros periféricos, com exceção de uma delas que está situada na área central de Governador Valadares, no bairro São Tarcísio o mais antigo do município.

A seguir, apresentamos as imagens resultantes do geoprocessamento e descrevemos um breve relato histórico de cada horta com as informações obtidas junto aos registros da prefeitura e aos relatos dos agricultores urbanos de cada horta comunitária.

### 5.3.1 Bom Pastor

A Figura 7 mostra marcado em amarelo, a localização da horta comunitária Bom Pastor no bairro Altinópolis.

**Figura 7 - Horta Comunitária Bom Pastor**



Fonte: Google Earth com adaptação feita pela autora.

Em 1970, de acordo com relato dos agricultores urbanos dessa horta, o padre Geraldo, que era o responsável pela Igreja Católica do bairro Altinópolis, mobilizou a comunidade para criar uma horta comunitária, com o objetivo de gerar trabalho e renda para os pais das crianças matriculadas na escola pública próxima da igreja. Outro objetivo foi o de garantir, para as pessoas daquela comunidade, o acesso a alimentos mais naturais. A igreja cedeu o terreno localizado na sua lateral e que ficava atrás dessa escola pública, arcou com os custos da água e materiais necessários para formação inicial da horta comunitária e a comunidade, em mutirão, limpou a área e organizou os canteiros.

Parte da produção, dessa horta comunitária, era utilizada na alimentação escolar e de uma cantina mantida pela igreja. A escola fornecia uma refeição diária,

uma em cada turno, aos estudantes e funcionários e a cantina da igreja fornecia, gratuitamente, uma refeição diária no horário de almoço para pessoas (crianças, jovens e adultos) da comunidade em geral, ambas funcionavam de segunda feira a sexta feira.

O excedente da produção da horta comunitária era destinado ao consumo das famílias que cultivam. Parte era doada para famílias carentes e parte era comercializada pelos agricultores urbanos, dessa forma gerando renda para os mesmos. Cada agricultor urbano tinha como responsabilidade cultivar e administrar uma determinada área do espaço da horta comunitária. Mesmo sendo individualizados os canteiros, o respeito e a parceria entre eles predominam nesse ambiente.

Os agricultores declararam que essa horta comunitária serviu de referência para a criação de outras hortas comunitárias no município de Governador Valadares. Em 2003, foi cadastrada no PROAGRU. Com esse cadastro a horta comunitária Bom Pastor, a partir de 2004, passou a receber os benefícios de acordo com a legislação municipal.

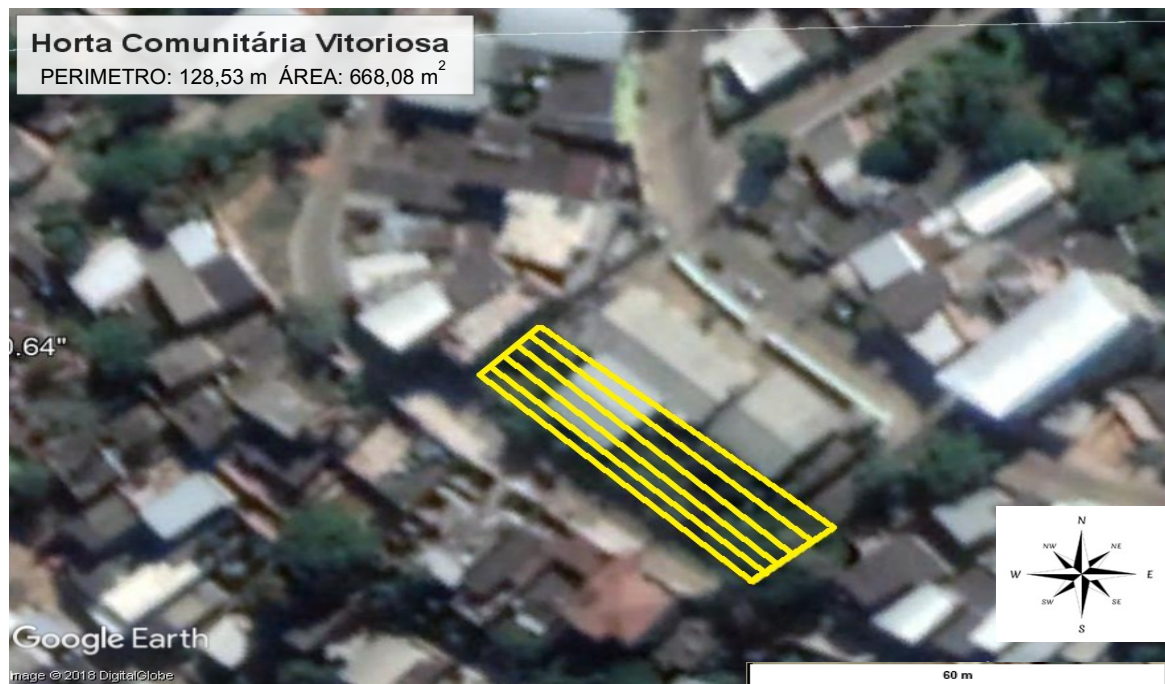
Foi possível observar que a horta comunitária Bom Pastor se apresenta, para seus agricultores urbanos, como um lugar de memória e identidade cultural, prevalecendo o sentimento topofílico proposto por Tuan (1980), e a identidade sendo adquirida por meio da experiência. De acordo com as narrativas dos sujeitos, a preservação das lembranças do passado está contemplada nos canteiros e nas hortaliças. Na horta os indivíduos se identificam com a história, o cotidiano e as simbologias ligadas à história do lugar e aos agricultores urbanos que nela trabalham e convivem. A história dessa horta está inserida na história: da comunidade; da rede de ensino; da igreja; e seus seguimentos que atuam nesse bairro.

Nessa horta se utiliza do manejo o mais natural possível, fazem uso da compostagem e do esterco para adubar os canteiros. O controle de pragas é feito com retirada da parte contaminada e caldas naturais. O cultivo se mostra com uma enorme diversidade de plantas, tais como: medicinais, flores, frutíferas, plantas comestíveis convencionais e algumas identificadas como não convencionais.

### 5.3.2 Vitoriosa

A Figura 8 mostra marcado em amarelo, a localização da horta comunitária Vitoriosa no bairro Altinópolis.

**Figura 8 - Horta comunitária Vitoriosa**



Fonte: Google Earth com adaptação feita pela autora.

A horta comunitária Vitoriosa foi umas das primeiras dentro do PROAGRU. A área no entorno do posto de saúde era abandonada, com muito lixo e mato, o que possibilitava a proliferação de bichos, servia possivelmente como fonte de infecções, proliferadora de doenças e também abrigo para indivíduos suspeitos. Foi feita a limpeza do local e a melhor destinação do local, definida juntamente com a comunidade, foi fazer uma horta comunitária, para recuperar o ambiente que se encontrava degradado e produzir de alimentos. Assim, em 2002, com apoio da Prefeitura, 12 pessoas da comunidade começaram as atividades na horta comunitária com apoio da equipe de saúde das Estratégias de Saúde Altinópolis I e II. A produção é destinada para consumo próprio das famílias dos agricultores urbanos e também para doação.

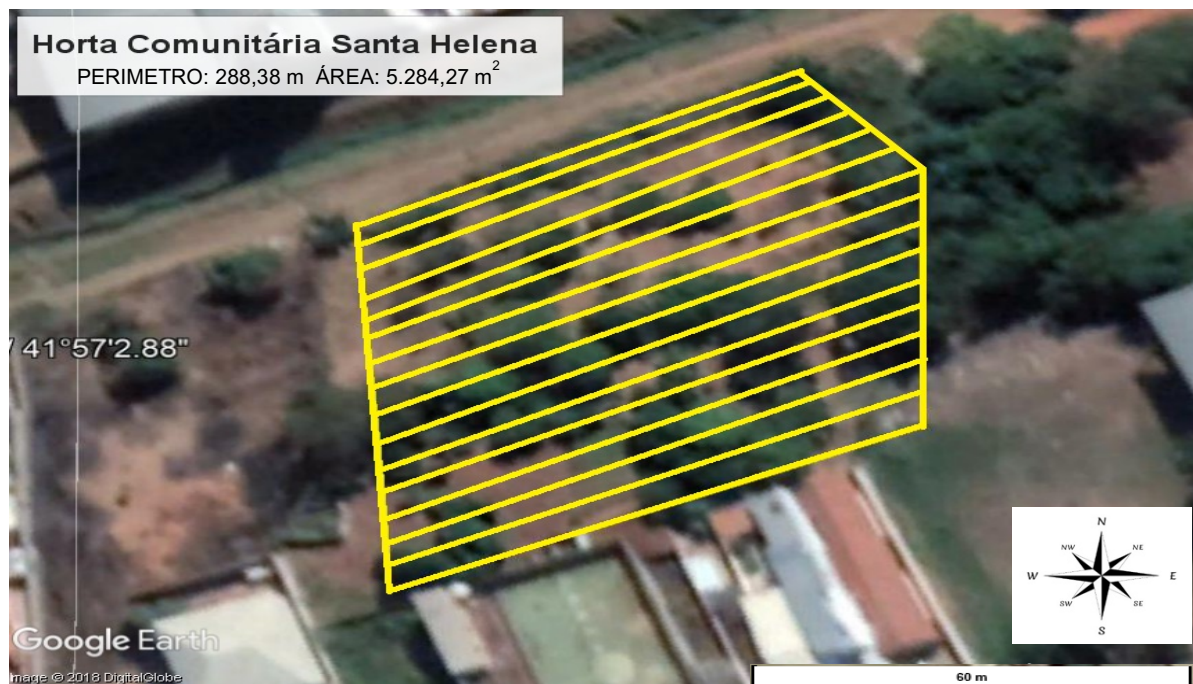
Além da manutenção da memória da horta comunitária, a Vitoriosa, há também o sentimento da identidade cultural, de pertencimento ao lugar, bem como da valorização do ambiente pela conservação e cuidado com o cultivo das plantas.

Na horta, o manejo ocorre de forma natural. Usam compostagem feita com restos de podas do próprio local e esterco para adubação. O controle de pragas é feito com a retirada da parte contaminada e com caldas naturais de: fumo sabão detergente líquido e também armadilhas. Observamos que nessa horta comunitária há pouca diversidade de plantas, tanto as medicinais quanto comestíveis como verduras e legumes mais convencionais.

### 5.3.3 Santa Helena

A Figura 9 mostra marcado em amarelo, a localização da horta comunitária Santa Helena no bairro Santa Helena.

**Figura 9 - Horta comunitária Santa Helena**



Fonte: Google Earth com adaptação feita pela autora.

Essa horta comunitária com, mesmo nome do bairro em que está localizada, iniciou suas atividades em 2003. Ela é resultado de uma mobilização da AUHCOMUT, em articulação com a comunidade e gestão pública municipal. A horta comunitária foi cadastrada no PROAGRU e recebeu o fornecimento da água tratada com isenção das taxas de água, lixo e esgoto. Constituiu-se na conquista de uma importante forma de acesso a alimentos mais próximos de casa. Está situada em uma área pública que se encontrava degradada. Esta área foi cedida para comunidade criar a horta comunitária. Um grupo de 15 pessoas assumiu o trabalho da horta comunitária na sua implantação. A produção era utilizada para consumo das famílias dos agricultores urbanos e para doação a uma escola pública localizada nas proximidades da horta comunitária.

Na criação dessa horta comunitária a SEMA apoiou com o fornecimento de insumos, tais como: húmus, ferramentas, sementes e o serviço de tratores para preparar o terreno para formação dos canteiros e também treinamento de técnicas de cultivo. Esporadicamente, nos anos seguintes disponibilizou assistência técnica e adubo orgânico (esterco).

Nessa horta o manejo é realizado de forma natural. Para adubar, utilizam produtos da compostagem feita com restos de podas do próprio local e também de esterco. O controle de pragas é feito com a retirada da parte contaminada e caldas naturais de: fumo sabão e detergente líquido. Observamos que no cultivo há várias árvores frutíferas, pouca diversidade de plantas, tanto as medicinais quanto comestíveis, sendo produzidas verduras mais convencionais e alguns tubérculos (mandiocas e batatas).

Os agricultores dessa horta relatam que, com frequência, vândalos entram depredam e roubam produtos que cultivam. Fato que colocam em risco a continuidade da atividade, pois desperdiçam água, insumos e até mesmo a retiram parte da cerca, colocam animais como cavalos para pastarem dentro da horta. Quando chegam e deparam com a situação do cultivo praticamente destruído, ficam desmotivados em continuar. No entanto, ainda possuem a esperança de que esse fato possa ser resolvido com a disponibilização de uma cerca pela gestão municipal.



### 5.3.4 São Francisco

A Figura 10 mostra marcado em amarelo, a localização da horta comunitária São Francisco no bairro Santos Dumont II.

**Figura 10 - Horta Comunitária São Francisco**



Fonte: Google Earth com adaptação feita pela autora.

Em 2003, lideranças da comunidade se organizaram e, com apoio da AUHCOMUT trabalharam no sentido de implantar a horta comunitária São Francisco. Um grupo de 20 pessoas iniciou os trabalhos na área cedida pela Prefeitura Municipal. Fizeram a limpeza da área, a formação dos canteiros e o viveiro de mudas.

Essa horta comunitária está cadastrada no PROAGRU desde 2004. Foi uma das pioneiras no Programa, serviu de modelo de produção de hortaliças e várias oficinas de formação e capacitação foram realizadas no espaço.

Por muitos anos o responsável foi o Sr. José, hoje falecido, porém, como expressado pelos agricultores urbanos dessa horta comunitária, ele deixou seu trabalho registrado na memória dos demais agricultores e também no lugar, com várias plantas e árvores frutíferas.

Essa horta comunitária constava, nos registros da SEMA como inativa. Entretanto, com informações obtidas junto a outros agricultores urbanos de outras

hortas comunitárias, foi possível identificar que a mesma tinha sido reativada no início do ano de 2018, após um ano de interrupção em suas atividades. Os agricultores urbanos que a reativaram não comunicaram à SEMA.

Nessa horta o manejo ocorre de forma natural. Usam compostagem produzida com as podas realizadas no próprio local e esterco para adubação. O controle de pragas é feito com a retirada da parte contaminada e com caldas naturais de: fumo, sabão e detergente líquido. Foi possível identificar, por observação, que possuem várias árvores frutíferas e pouca diversidade de plantas, tanto as medicinais quanto comestíveis. Os agricultores estão retomando gradativamente o cultivo na horta.

### 5.3.5 Cantinho do Céu Maria Geralda da Silva

A Figura 11 mostra marcado em amarelo, a localização da horta comunitária Cantinho do Céu Maria Geralda da Silva no bairro Novo Horizonte.

**Figura 11 - Horta Comunitária Cantinho do Céu Maria Geralda da Silva**



Fonte: Google Earth com adaptação feita pela autora.

Essa horta foi implantada junto com a criação do bairro Novo Horizonte. O Fórum de Agricultura Urbana e Segurança Alimentar, em 2004, mobilizou a comunidade local, e a Prefeitura cedeu o terreno, que era uma área pública do loteamento do bairro recém constituído. Ela foi cadastrada no PROAGRU, recebeu o fornecimento de água tratada, com isenção das taxas de água, lixo e esgoto, conforme legislação municipal e também assessoria técnica. Essa horta é o resultado de uma articulação integrando pessoas de diversas áreas do conhecimento, da gestão pública e da sociedade civil.

Inicialmente o nome da horta era apenas Cantinho do Céu. Após o falecimento de uma integrante do grupo, a agricultora urbana Maria Geralda da Silva os demais agricultores agregaram o nome dela ao nome da horta, com o intuito de homenageá-la. A produção dessa horta comunitária se destina ao consumo das famílias dos agricultores urbanos, doação e geração de renda.

O manejo, nessa horta comunitária, é feito de forma natural. Fazem uso da compostagem feita com as podas realizadas na própria horta comunitária e esterco para adubação. O controle de pragas é feito com a pulverização de urina de vaca diluída. Nossas observações, *in loco*, nos permitem afirmar que há pouca diversidade de plantas, tanto as medicinais quanto comestíveis. São cultivadas as verduras de maior aceitação no consumo como alfaces, salsa, cebolinha, coentro.

### **5.3.6 Renascer**

A Figura 12 mostra, marcado em amarelo, a localização da horta comunitária Renascer no bairro São Raimundo.

**Figura 12 - Horta Comunitária Renascer**



Fonte: Google Earth com adaptação feita pela autora.

A Sociedade São Vicente de Paula (SSVP) recebeu como doação um lote no bairro São Raimundo. Em 2004, o presidente do Conselho Metropolitano da SSVP organizou um grupo para iniciar uma horta comunitária, com o objetivo de ajudar ao próximo. Buscou apoio do Fórum de Agricultura Urbana e Segurança Alimentar e da Prefeitura Municipal para concretizar essa iniciativa.

Também foi uma das hortas pioneiras no PROAGRU e recebe os benefícios de isenção das taxas previstas pela legislação vigente. Inicialmente, um grupo de 15 pessoas participava dessa horta. Essas pessoas residiam no próprio bairro ou próximo a ele. Com o passar do tempo a maioria dos agricultores urbanos participantes abandonaram as atividades junto a horta comunitária. Atualmente, apenas dois agricultores urbanos continuam com as atividades de produção.

Os produtos dessa horta comunitária se destinam ao consumo das famílias dos agricultores urbanos, doação para uma cantina, hoje desativada, que atendia pessoas carentes mantidas pela igreja e a uma instituição, também desativada, que atendia crianças carentes.

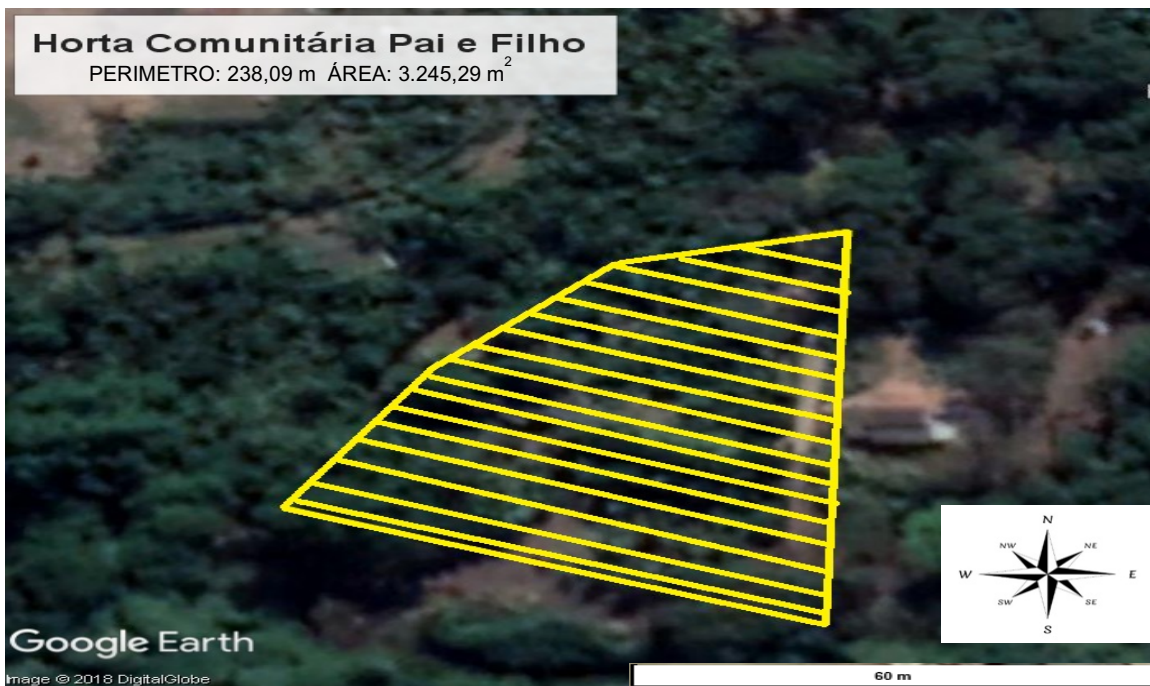
O manejo nessa horta comunitária é realizado de forma natural. Fazem uso da compostagem feita com as podas realizadas na própria horta comunitária e esterco para adubação. O controle de pragas é feito com caldas naturais. Pela observação

que fizemos relativa à plantação, verificamos que há pouca diversidade de plantas, tanto as medicinais quanto comestíveis.

### 5.3.7 Pai e Filho

A Figura 13 mostra, marcado em amarelo, a localização da horta comunitária Pai e Filho no bairro Santos Dumont II.

**Figura 13 - Horta comunitária Pai e Filho**



Fonte: Google Earth com adaptação feita pela autora.

Em 2008 alguns moradores do bairro Santos Drummond II se reuniram e reivindicaram uma área de preservação ambiental para cultivo de uma horta. Após a concessão buscaram apoio na SEMA. Cadastraram-na no PROAGRU e receberam os benefícios com o fornecimento da água tratada e isenção das taxas, de acordo com a legislação vigente, bem como, esterco e assessoria técnica.

A produção se destina ao consumo das famílias dos agricultores urbanos e doação para pessoas carentes. O manejo é feito da forma natural. Por meio das

nossas observações podemos considerar que possui boa variedade de plantas frutíferas, e pouca variedade de verduras, legumes e plantas medicinais.

### 5.3.8 Menino Jesus de Praga

A Figura 14 mostra marcado em amarelo, a localização da horta comunitária Menino Jesus de Praga no bairro Jardim Vera Cruz.

**Figura 14 - Horta Comunitária Menino Jesus de Praga**



Fonte: Google Earth com adaptação feita pela autora.

Essa horta não está cadastrada no PROAGRU. Foi criada por iniciativa dos profissionais do posto de saúde Estratégias de Saúde Vila dos Montes I e Vila do Sol. Em 2014 mobilizaram a comunidade para implantar uma horta num espaço na lateral do posto. Duas pessoas trabalham nessa horta. Um senhor da comunidade assumiu o compromisso de formar os canteiros, capinar, fazer sementeiras e manter a horta cuidada; e uma servidora da unidade também cuida, rega, faz pequenas podas e colheita das hortaliças. Utilizam a produção para consumo próprio e comercializam para custeio de pequenas despesas de custeio e manutenção da horta.

Na horta, é utilizado manejo de forma natural. Usam esterco e adubo químico. O controle de pragas é feito com a retirada da parte contaminada e com iscas para matar formigas. Possuem pouca diversidade de plantas, tanto medicinais quanto comestíveis.

### 5.3.9 Nossa Senhora do Bom Conselho

A Figura 15 mostra marcado em amarelo, a localização da horta comunitária Nossa Senhora do Bom Conselho no bairro São Tarcísio.

**Figura 15 - Horta Comunitária Nossa Senhora do Bom Conselho**



Fonte: Google Earth com adaptação feita pela autora.

Essa horta não está cadastrada no PROAGRU. Um morador do bairro conseguiu a autorização de uso da área de um lote no bairro São Tarcísio. O lote é de propriedade de uma pessoa física que cede o terreno e também arca com os custos da água. Esse morador, seu filho e mais 2 homens, limpam e preparam o terreno para iniciar a horta. De acordo com informações de um agricultor urbano dessa horta, no início foi preciso pegar um empréstimo para comprar os materiais necessários. Atualmente, conseguem manter a horta com a venda dos produtos excedentes e parte da produção é usada para consumo próprio e doação. O espaço também é utilizado

por algumas escolas da região, como ambiente de aprendizagem. As visitas são regulares, quando os estudantes têm a oportunidade vivenciar e ter contato com esse espaço, onde, por meio da interação com o meio, têm a oportunidade de construir conhecimento.

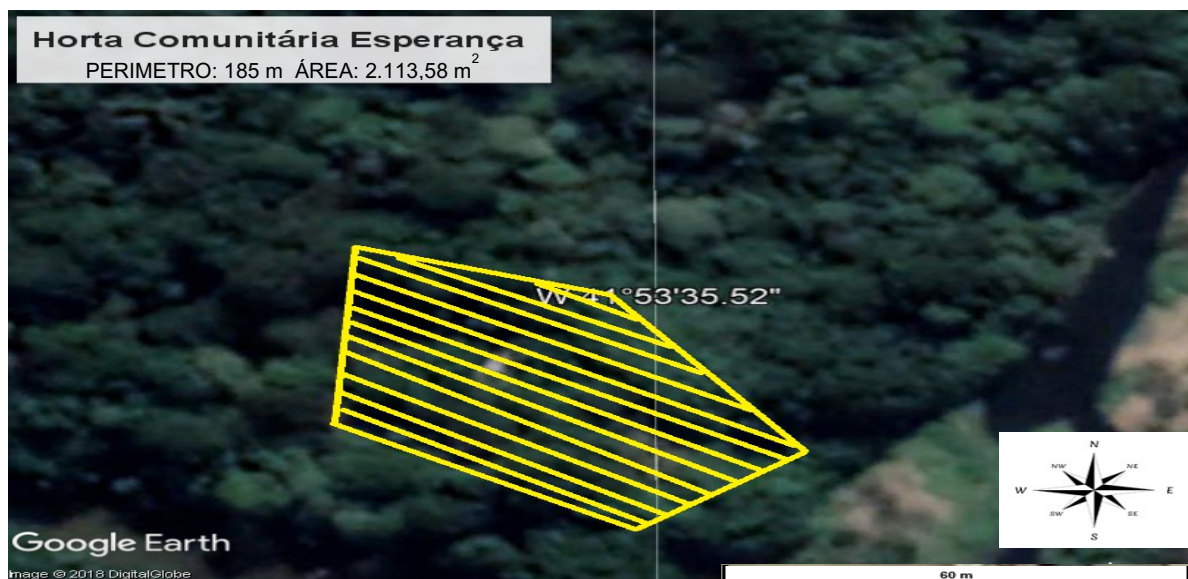
Esse espaço também serve como local de atividades, desenvolvidas em articulação com a unidade de saúde Estratégia de Saúde da Família São Tarcísio para capacitação dos servidores do sistema de Saúde do município de Governador Valadares, ocorrendo troca de experiências e saberes.

Nessa horta o manejo é realizado de forma natural. Para adubar utilizam produtos da compostagem feita com restos de podas do próprio local. O controle de pragas é feito com a retirada da parte contaminada e caldas naturais de fumo, sabão e detergente líquido. Observamos que no cultivo há pouca diversidade de plantas, tanto as medicinais quanto comestíveis.

### 5.3.10 Esperança

A Figura 16 mostra marcado em amarelo, a localização da horta comunitária Esperança no bairro Porto das Canoas.

**Figura 16 - Horta Comunitária Esperança**



Fonte: Google Earth com adaptação feita pela autora.



Essa horta ainda não está cadastrada no PROAGRU. Em 2015, por iniciativa de alguns moradores do bairro Porto das Canoas, às margens do Rio Doce, organizaram, capinaram parte de uma área de preservação, mantiveram várias plantas e árvores nativas e começaram a plantar verduras e legumes. Como ainda não regularizaram a concessão do uso da terra, não cadastraram no PROAGRU. Conseqüentemente, não possuem o benefício da água tratada para regar a horta. Utilizam a água do Rio Doce para regar a plantação. Como recurso, usam um balde, puxado por uma corda, para recolher a água.

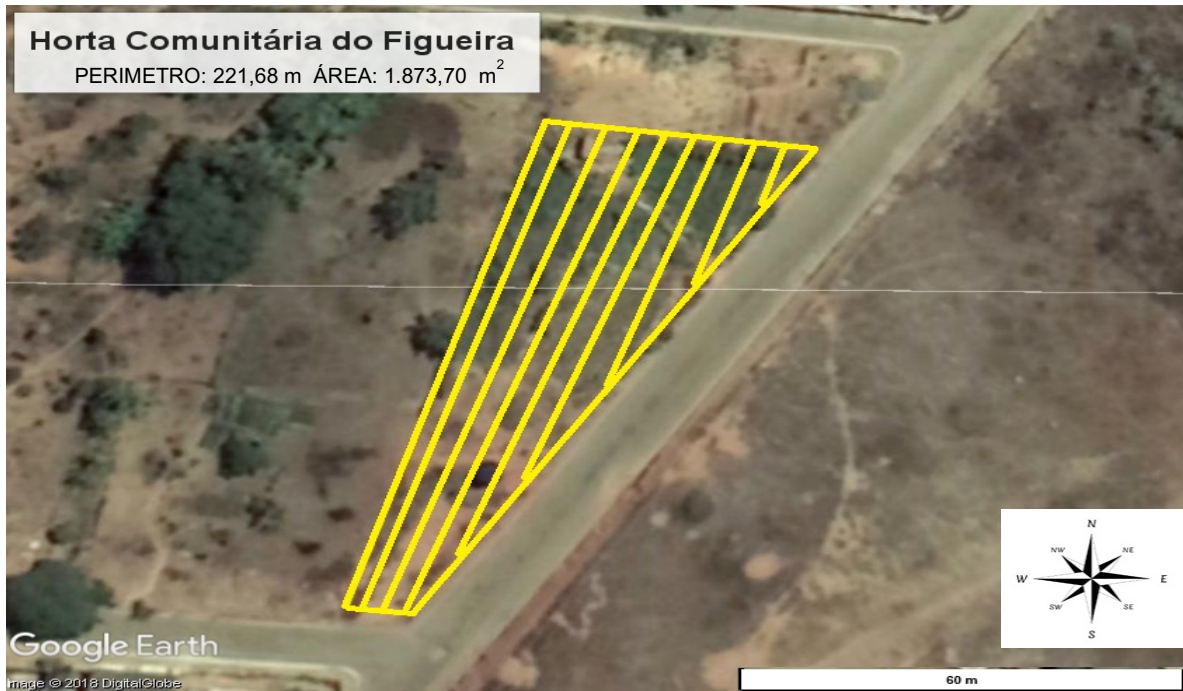
Em 5 de novembro de 2015, com o desastre ocorrido na barragem de Fundão em Mariana, as águas do Rio Doce ficaram contaminadas comprometendo a produção da horta. De acordo com o entendimento dos agricultores, a partir desse fato, a água do Rio ficou inadequada para esse fim, sendo necessário reduzir a produção, pois tinham que buscar água em um lugar distante da horta. Segundo eles, em 2017 os agricultores consideraram que, de acordo com as notícias veiculadas na mídia, a água do rio não mais estava contaminada, assim, voltaram a utilizar a água do Rio Doce.

Os agricultores utilizam manejo natural, com compostagem de restos de podas do próprio local e esterco para adubação. O controle de pragas é feito com retirada da parte contaminada e detergente líquido. Possuem poucas variedades de plantas, tanto as medicinais quanto comestíveis.

### **5.3.11 Figueira**

A Figura 17 mostra marcado em amarelo, a localização da horta comunitária do Figueira no bairro Figueira.

**Figura 17 - Horta Comunitária Figueira**



Fonte: Google Earth com adaptação feita pela autora.

Essa horta que possui o mesmo nome do bairro em que está localizada, foi implantada devido à mobilização e organização popular. Em 2015, lideranças da comunidade, com apoio da AUHCOMUT, solicitaram um terreno à Prefeitura para instalarem uma horta. Essa solicitação foi atendida com a cessão de uma área pública no bairro. A horta foi cadastrada no PROAGRU e também foram concedidos os benefícios de acordo com a legislação vigente.

A SEMA contribuiu com suporte técnico para implantação da horta. Reuniram com a comunidade e organizaram uma lista de nomes dos interessados em participar dessa horta comunitária, levantaram as demandas e planejaram as ações.

Em mutirão, limparam e formaram os canteiros iniciais. No entanto, apenas duas senhoras assumiram o trabalho. Eventualmente outras três pessoas desenvolvem o trabalho de capina, desbaste das plantas e limpeza da área externa. A produção dessa horta comunitária se destina ao consumo próprio, a doação e a comercialização.

O manejo é feito de forma natural. Fazem uso da compostagem feita com restos de podas do próprio local e esterco para adubação. O controle de pragas é feito com a retirada da parte contaminada e caldas naturais de fumo, sabão e detergente líquido. Existe pouca diversidade de plantas, tanto medicinais quanto comestíveis.

### 5.3.12 Mãos na Terra

A Figura 18 mostra marcado em amarelo, a localização da horta comunitária Mãos na Terra no bairro Jardim Pérola.

**Figura 18 - Horta Comunitária Mãos na Terra**



Fonte: Google Earth com adaptação feita pela autora.

Essa horta comunitária teve início em 2015. O Sr. Ruber, um empresário residente no Município, solicitou a cessão de uma área localizada na estrutura do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do bairro Jardim Pérola, com o objetivo de formar uma horta comunitária para servir ao próximo.

A Prefeitura cedeu a área, o uso da água, disponibilizou o serviço de trator para limpeza e preparo do terreno, como também assessoria técnica para formação e manutenção da horta comunitária. Ela foi então cadastrada no PROAGRU.

O Sr Ruber informa que seu investimento inicial foi de R\$ 7.000,00 (sete mil reais), com equipamento de irrigação, sombrite, ferramentas, insumos e demais

materiais necessários. Posteriormente, uma empresa doou uma Caixa d'água de 10.000 litros.

Ele organizou um grupo de 8 de mulheres voluntárias que se revezavam nas atividades da horta, durante a semana. No decorrer dos trabalhos, as mulheres apresentaram dificuldades em dedicar o tempo necessário. Assim, 3 homens da comunidade, também voluntários, assumiram o compromisso com as atividades da horta. Como esses homens trabalham em outro serviço, durante a semana apenas regam a horta, no final da tarde e, aos domingos, fazem a capina e organizam a plantação. Nesse dia, colhem a produção que é destinada a consumo próprio e doação para entidades filantrópicas.

Na horta é utilizado manejo natural. Usam compostagem de restos de podas do próprio local e esterco para adubação. O controle de pragas é feito com retirada da parte contaminada, calda de fumo e extrato de Nim. Possuem pouca diversidade de plantas, tanto as medicinais quanto comestíveis.

## 6 EXPERIÊNCIA DO LUGAR

Neste capítulo apresentamos os dados e a análise das entrevistas na seguinte ordem: caracterização do sujeito, evocações, significados. A análise foi realizada com base nas teorias apresentadas em nosso referencial teórico.

### 6.1 Da caracterização do sujeito

Sobre o sujeito foi feita a caracterização seguindo alguns critérios.

#### 6.1.1 Sobre a faixa etária e sexo

Neste tópico apresentamos a caracterização dos sujeitos que colaboraram com essa pesquisa, no que se refere a faixa etária, sexo e profissão. A Tabela 2 demonstra os dados.

**Tabela 2 - Número de sujeitos por faixa etária e sexo**

	Faixa etária	Mulheres	Homens	Total	Profissões
1 <sup>a</sup>	36 a 45	0	1	1	Agente Comunitária de Saúde, Auxiliar
2 <sup>a</sup>	46 a 55	6	3	9	de câmara fria, Auxiliar de motorista,
3 <sup>a</sup>	56 a 65	1	2	3	do lar, Doméstica, Empresário,
4 <sup>a</sup>	66 a 75	4	3	7	Ferroviário, Fiscal Siderúrgico,
5 <sup>a</sup>	76 a 85	2	3	5	Lavadeira, Mecânico de Carro,
6 <sup>a</sup>	86 a 95	0	1	1	Pedreiro, Pintor, Servente Escolar,
Total		13	13	26	Serviços Gerais e Técnica de Enfermagem.

Fonte: Autoria própria.

A Tabela 2 mostra seis faixas etárias. Quando somamos os números de sujeitos da 1ª, 2ª e 3ª faixas etárias, temos 13 com até 65 anos de idade que, de acordo com a classificação do IBGE (2010b), estão incluídos na PEA. Os outros 13 sujeitos têm idade superior a 65 anos de idade, então, já não são considerados pelo IBGE (2010b) na faixa da PEA. Podemos observar, também, que dos 26 sujeitos da pesquisa, 13 são do sexo feminino e 13 do sexo masculino. Cabe destacar que nessa distribuição percebe-se que há um equilíbrio, tanto das faixas etárias incluídas (50%) ou não (50%) na PEA, quanto do sexo, 50% feminino e 50% masculino.

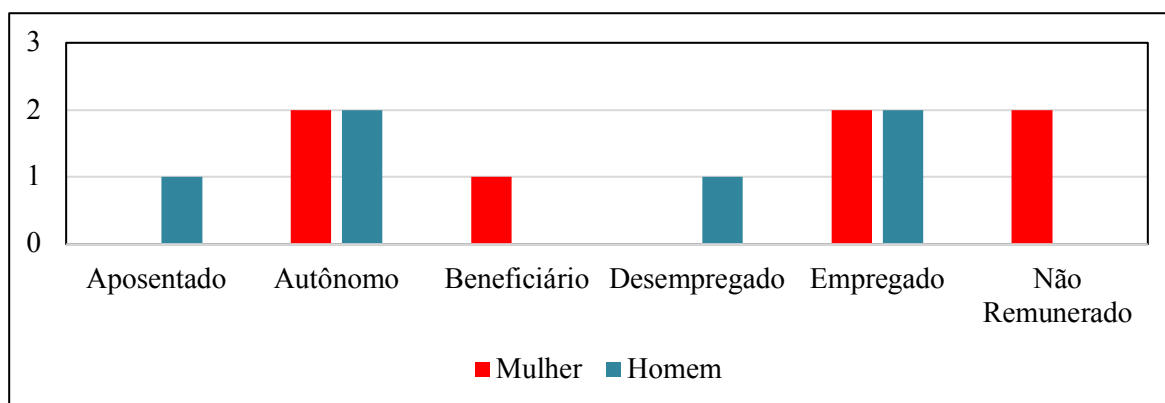
Quanto às profissões listadas nessa tabela esclarecemos que são as declaradas pelos sujeitos, estão dispostas em ordem alfabética e não têm relação com a distribuição, nem por idade e nem por sexo. Cabe destacar que, dentre essas profissões, há um sujeito que se declara empresário.

### 6.1.2 Sobre a situação de trabalho

Quanto à situação atual de “trabalho”, declarada pelos sujeitos, alguns deles não consideraram a atividade nas hortas comunitárias como trabalho. Assim, para melhor visualização apresentamos esses dados em duas figuras, com o divisor de 65 anos de idade.

A Figura 19 apresenta as informações relativas aos 13 sujeitos com idade até 65 anos, não levando em conta o trabalho desenvolvido na horta.

**Figura 19 - Situação de trabalho até 65 anos**



Fonte: Autoria própria.

Na Figura 19 observa-se que, dos 13 sujeitos da pesquisa com até 65 anos de idade, 8 declararam estar em atividade economicamente ativa, sendo 4 mulheres e 4 homens. Uma mulher encontra-se afastada de suas atividades laborais e recebendo auxílio doença. 1 homem aposentado, 1 homem desempregado e 2 mulheres em atividade não remunerada, na verdade são do lar como podemos observar em nas declarações a seguir:

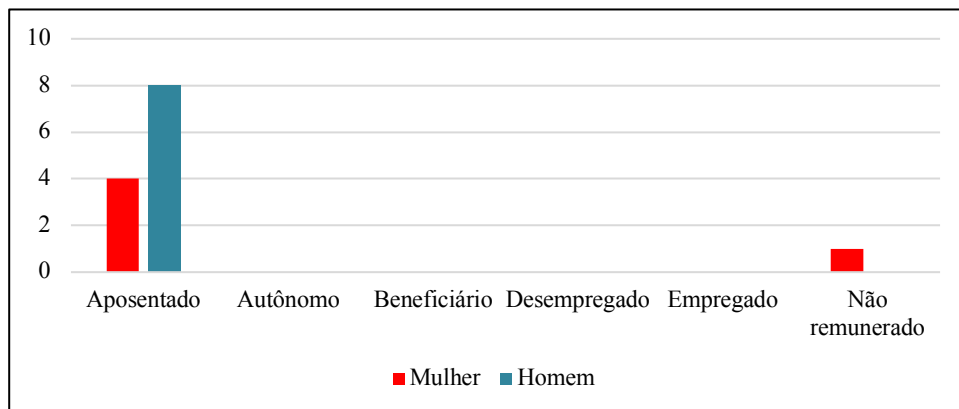
*[...] eu cuido só do lar, já trabalhei, mas hoje não trabalho mais não, cuido da casa e cuido da horta. (Dona Inês)*

*[...] eu não trabalho fora, eu sou do lar mesmo. Não tô fazendo nada não, sou da casa mesmo, né? Eu vou pra horta pra plantar uns matim lá, umas folha, mas não tô fazendo nada. (Dona Luci)*

Percebemos nesses depoimentos que essas mulheres consideram o serviço realizado em casa e na horta, como uma atividade diária e não como trabalho. Entretanto, na fala da Dona Luci, pode-se observar que há uma contradição. Quando ela afirma “eu não trabalho fora”, podemos inferir que ela considera que trabalha em casa. Em seguida ela diz: “Não tô fazendo nada não, sou da casa mesmo, né? Eu vou pra horta pra plantar uns matim lá, umas folha, mas não tô fazendo nada.”. Nesse trecho, nos dá a entender que ela não considera sua atividade em casa e na horta como trabalho.

A Figura 20 apresenta as informações relativas aos 13 sujeitos com idade acima de 65 anos, não levando em conta o trabalho desenvolvido na horta.

**Figura 20 - Situação de trabalho dos sujeitos com mais de 65 anos de idade**



Fonte: Autoria própria.

Na Figura 20 mostramos a situação dos 13 sujeitos considerados acima da faixa etária da PEA. Desses, 12 são aposentados, sendo 4 mulheres e 8 homens e 1 mulher não tem remuneração.

A mulher que declara não ser remunerada também não considera a atividade na horta como trabalho. Em sua narrativa a Dona Aline diz:

*[...] eu já trabalhei, agora minha vida é vim aqui na horta e voltá pra trás, porque eu fico com a cabeça quente de ficar em casa, mas agora não trabalho mais. Gosto de mexer aqui com as planta. (Dona Aline)*

Podemos observar que Dona Aline reproduz a ideia de que a atividade em casa e na horta não é trabalho quando diz “*Já trabalhei, [...], mas agora não trabalho mais*”, reforçando a mesma posição dos sujeitos Dona Inês e Dona Luci quanto a ideia de trabalho.

Cabe destacar que Dona Aline, apesar de declarar que não trabalha, a pesquisadora observou que os canteiros que ela cultivava se apresentam com as verduras viçosas e a terra úmida, o que para nós exige trabalho árduo e contínuo.

A pesquisadora apresentou a ideia de que as atividades desenvolvidas em casa e na horta também são trabalho. Depois disso conseguiu identificar que todas as mulheres, independentemente da faixa etária, declararam trabalhar em casa e na horta. Assim, podemos considerar que a maioria exerce uma jornada dupla de trabalho. Duas delas a Dona Bela e a Dona Leda exercem outra atividade laboral com vínculo empregatício. Dessa forma, essas duas mulheres exercem jornada tripla de trabalho. Por sua vez, 10 dos 13 homens declararam trabalhar somente na horta e os outros 3 declararam trabalhar na horta e em outra atividade laboral. Sendo dois com vínculo empregatício e um em trabalho eventual, por se encontrar desempregado. Da mesma forma que as mulheres, esses três homens também exercem jornada dupla de trabalho.

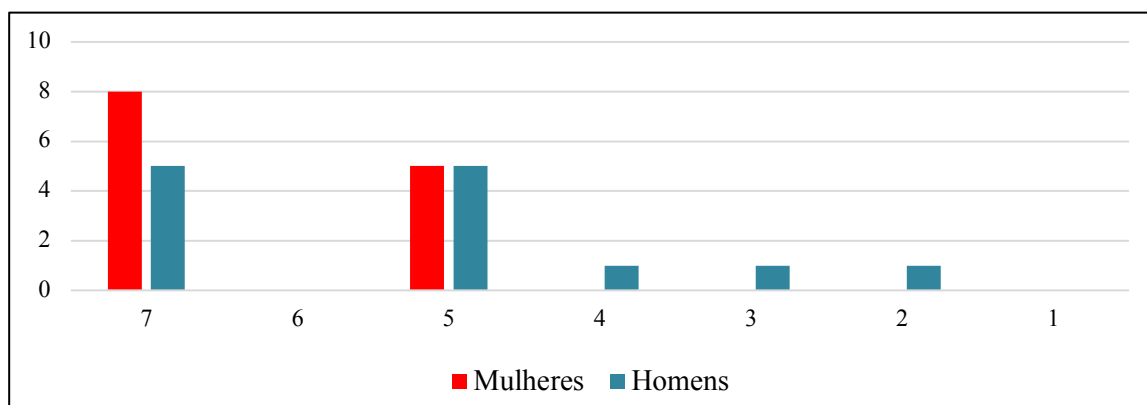
Esse perfil diversificado sobre a situação de trabalho dos agricultores urbanos que participam das hortas comunitárias, se aproxima do mesmo perfil encontrado por Feniman e Araújo (2015) em seu estudo sobre hortas comunitárias em Maringá, PR.



### 6.1.3 Sobre o tempo dedicado

Na busca pela informação do número de dias que os agricultores dedicavam a horta, obtivemos os dados dispostos na Figura 21.

**Figura 21 - Dias dedicados a horta comunitária por semana**



Fonte: Autoria própria.

De acordo os dados dispostos na Figura 21, referentes ao tempo de dedicação à horta comunitária, podemos observar que 13 sujeitos dedicam 7 dias por semana, 10 dedicam 5 dias, 1 dedica 4 dias, 1 dedica 3 dias e 1 dedica 1 dia. Outra informação que obtivemos é que essa dedicação é de aproximadamente 4 horas diárias desses dias trabalhados.

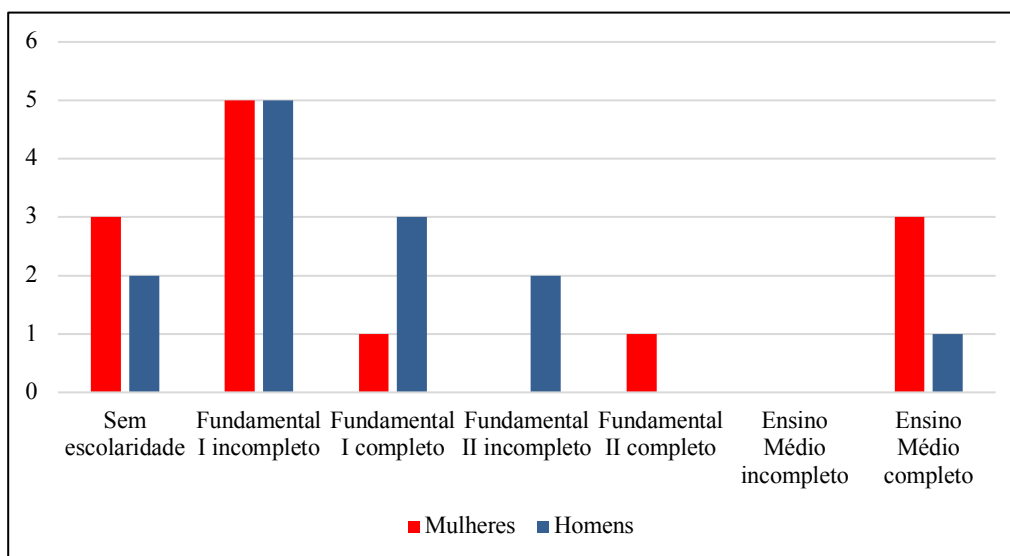
Considerando as horas dedicadas ao trabalho na horta, as mulheres perfazem o total de 324 horas semanais. Por sua vez, as horas dedicadas ao trabalho na horta, pelos homens, perfazem o total de 276 horas semanais. De acordo com essas informações, podemos verificar que as mulheres se dedicam às hortas comunitárias, aproximadamente, 17% a mais do que os homens.

### 6.1.4 Sobre a escolaridade

Outra informação que obtivemos foi a respeito da escolaridade. Os níveis de escolaridade foram agrupados de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei 9394/96). Cabe destacar que consideramos os sujeitos sem

escolaridade aqueles que não frequentaram escola regular e com escolaridade os que frequentaram a escola regular com qualquer tempo de permanência nela. Esses dados estão dispostos na Figura 22.

**Figura 22 - Nível de escolaridade dos sujeitos**

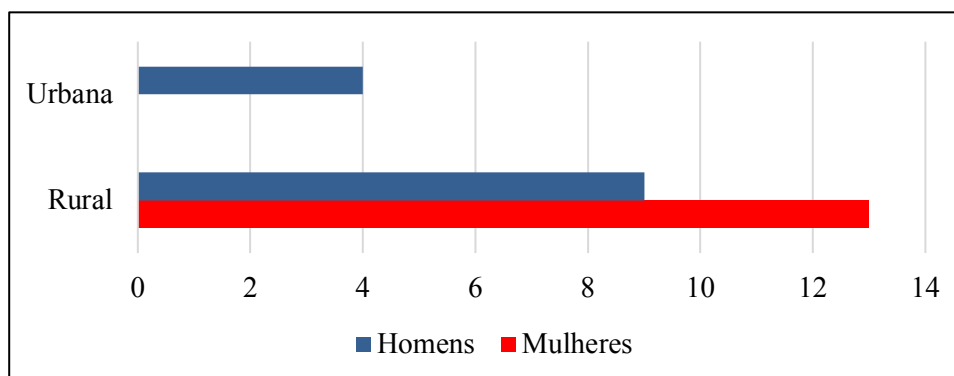


Fonte: Autoria própria.

Pode-se observar na figura 22 que, dos 26 sujeitos, cinco declararam sem escolaridade, sendo três mulheres e dois homens. Um destes homens, apesar de ter declarado que nunca frequentou escola regular informou-nos que sabe ler, escrever e realizar as operações fundamentais da aritmética. Dos 17 que cursaram algum tempo no ensino fundamental, sete são mulheres e somente uma delas completou o ensino fundamental; e 10 são homens. No tocante ao Ensino Médio, os quatro completaram este nível de estudo, sendo três mulheres e um homem.

### 6.1.5 Sobre a origem

Neste tópico tratamos da origem (se área rural ou urbana) dos sujeitos, ou seja, onde nasceram. Esses dados são apresentados na Figura 23.

**Figura 23 - Origem dos sujeitos**

Fonte: Autoria própria.

Os dados da Figura 23 nos mostram que dos 26 sujeitos, 22 são de origem de área rural o que representa 85% dos sujeitos pesquisados, sendo 13 mulheres e 9 homens. 4 homens são de origem de área urbana o que corresponde a 15% do total.

Os dados nos mostram que a maioria dos sujeitos é de origem rural e que conserva, em alguma medida, um passado de familiaridade com a atividade de cultivo. Esse perfil também foi encontrado por Araújo e Assis (2016) ao pesquisar sobre horta comunitária em Lavras, MG.

## 6.2 Das evocações

Nesta parte da investigação buscamos conhecer, a partir das evocações dos sujeitos da pesquisa, os significados da horta comunitária e identificar como percebem e estruturam seu mundo a partir da experiência vivenciada nesse lugar.

Para tanto, aplicamos o teste de associação de palavras, de acordo com as orientações de Bardin (2014). Nesse teste foram evocadas 130 palavras ou expressões pelos sujeitos da pesquisa. Essas palavras ou expressões, ao serem aproximadas semanticamente, foram agrupadas em 31 palavras ou expressões. No tratamento dos dados, por análise temática, essas 31 palavras ou expressões foram então organizadas em nove categorias de significados: Alimentação Saudável, Amor ao Lugar, Doação, Lazer, Ocupação, Renda, Saúde, Terapia e Trabalho.

Essa categorização de significados foi levada aos sujeitos da pesquisa para ser validada por eles. Apenas na categoria Renda houve questionamentos e

considerações referentes a ser ou não um dos significados percebido, pois alguns sujeitos não vendem os produtos da horta comunitária, dessa forma não a entendiam como fonte de renda. No entanto, ao considerarem que, ao consumirem os produtos que eles produziam na horta, deixavam de gastar com a compra dos mesmos refletiram e concordaram que a horta também significa renda.

Uma vez validada a categorização dos significados, organizamos os dados em uma grelha (APÊNDICE D) suscetível de tornar visível os significados percebidos pelos sujeitos da pesquisa com a experiência vivenciada nas hortas comunitárias.

A partir da grelha construímos a Tabela 3 que mostra o número de citações e o grau de importância em que as 9 categorias validadas pelos sujeitos foram evocadas.

**Tabela 3 - Número de citações e grau de importância**

Categoria	Total de citações	Grau de importância				
		1º	2º	3º	4º	5º
Amor ao Lugar	36	7	8	9	7	5
Terapia	19	3	5	2	4	5
Doação	15	6	4	0	3	2
Saúde	13	5	1	3	3	1
Alimentação	13	4	3	2	2	2
Saudável	10	0	2	5	2	1
Trabalho	10	0	2	3	2	3
Lazer	8	1	0	1	2	4
Ocupação	6	0	1	1	1	3
Renda	6	0				
Total	130	26	26	26	26	26

Fonte: Autoria própria.

Dos dados da Tabela 3 verificamos que a categoria Amor ao Lugar aparece com 36 citações, sendo que sete sujeitos a apontaram como a mais importante. Cabe destacar que, apesar de serem 26 respondentes da nossa pesquisa, aqui foram obtidas 36 citações, que supera em 10 o número de sujeitos. Esse fato se deu porque essa categoria foi citada por todos os sujeitos da pesquisa e alguns a fizeram por mais de uma vez. A evocação foi relacionada com sentimento de afeto ao lugar, o que corrobora com o sentimento topofílico apresentado por Tuan (1980), como elo afetivo entre o sujeito e o lugar. Pela frequência com que foi evocada nos depoimentos dos agricultores urbanos pesquisados, sinaliza ser a categoria de maior relevância para eles.

### **6.3 Dos significados**

A seguir apresentamos a descrição das categorias de significados fundamentadas em Tuan (1980; 1983), complementadas com estudiosos que também se interessam pelas questões humanistas relacionadas ao ambiente e como ele é percebido pelas pessoas.

De acordo com Tuan (1980) o Ser humano é predominantemente ecológico e seu comportamento deve ser compreendido em profundidade e não apenas mapeado. É nesse sentido que nos apoiamos em uma perspectiva humanista, que reconhece os sujeitos a partir de suas relações com a vida e o meio ambiente, buscamos compreender os significados que atribuíram ao lugar a partir de suas experiências, valores e atitudes.

Para tanto, recorreremos aos dados da grelha (APÊNDICE D) na busca pela compreensão dos significados desse lugar para os sujeitos da pesquisa. Assim, procuramos verificar se o sexo, a faixa etária e a origem dos sujeitos leva a uma significativa diferenciação na frequência das evocações categorizadas.

#### **6.3.1 Categoria: Amor ao Lugar**

“Amor ao Lugar” surge nas narrativas dos sujeitos com a maior frequência entre as evocações por eles citadas, ou seja, 36 vezes, sendo de forma equânime tanto em termos de sexo, quanto faixa etária e origem. De acordo com Bardin (2014) quanto maior a frequência, maior a significância para o grupo. Essa categoria foi extraída das evocações que remetem a uma ideia de sentimento amoroso ao lugar e também expressa um sentimento de vínculo afetivo com a horta comunitária, devido à experiência vivenciada nela. Tal sentimento é entendido por Tuan (1980) como sentimento topofílico.

Esse sentimento humano de amor ao lugar é fruto das relações construídas no fluxo da experiência, que transformam o espaço em lugar, pode ser percebido nos depoimentos de Dona Bela, Sr. Karlos, Sr. Elmo e Dona Lia:

*A horta é tudo de bom na minha vida. Quando fundaram a horta, tinha muita gente com ideias diferentes, engenheiro agrônomo e tudo, eu nunca tinha visto, eu achei interessante e fui pegano amor mesmo e nuca mais eu saí. (Dona Bela)*

*Conviver com as plantas, ver crescer, cuidar! Tá aqui e ter amizade uns com os outros é muito importante. (Sr. Karlos)*

*Pra gente que tá aqui cuidano, como se diz, pega amor as plantas né? (Sr. Elmo)*

*Tem dia que eu vô pra lá e até esqueço de vim bora. Começo lá e interto, fico feliz! Tenho alegria de podê mexê com as coisa, e saber que aquele lugar tá lá pra gente poder mexer, né? Ter liberdade de mexer. (Dona Lia)*

Nesses depoimentos entendemos que a experiência diária com o manejo da terra na horta, cultivo das plantas, a convivência com e no lugar geram sentimento de amor pelo lugar e felicidade em estar nele. Dona Bela ao se expressar: “quando fundaram a horta, tinha muita gente com ideias diferentes”, nos dá a entender que ela demonstra sentimento de não identificação e não pertencimento ao lugar. À medida que experimentou o convívio na horta, demonstra que foi desenvolvendo um sentimento que não havia no início quando se manifesta dizendo: “fui pegano amor mesmo”. Da mesma forma, Sr. Karlos e Sr Elmo expressam que a experiência do cuidado contínuo e do acompanhar o desenvolvimento das plantas proporcionam o desenvolvimento de sentimento afetivo. E para Dona Lia esse cuidado de “mexer com as coisa”, a envolve a ponto de esquecer a hora de voltar para casa. E, para ela, só de saber que tem a liberdade em retornar àquele ambiente quando bem entender e desejar é prazeroso e motivador no dia a dia da mesma. Percebemos que os agricultores, ao manifestarem seu sentimento pelo lugar, demonstram afetividade para com o ambiente da horta comunitária. Essa ideia de afetividade ao lugar corrobora com o sentimento topofilico como entendido por Tuan (1980).

Da mesma forma que nós, Sperandio *et al.* (2015) constataram que os participantes da horta comunitária criaram um forte vínculo com o lugar da horta. Compreendem que a felicidade e a corresponsabilidade são valores diferenciais para as interações interpessoais e desenvolvimento de projetos de ocupação do vazio urbano, agregando-se a isso os princípios de preservar o bem-estar do cidadão e o equilíbrio ambiental.

O vínculo com o lugar, o afeto pela natureza e pela atividade que exercem na horta, estão presente na vida desses agricultores. Essa afeição é construída no espaço pela perspectiva da experiência. No caso da horta comunitária, demonstra ser

uma experiência que pode remeter a um mundo ideal. Essa idealização do lugar pode ser evidenciada nas declarações do Sr. Antônio, Dona Dora e Sr. Ideraldo:

*Aqui é uma tranquilidade! Aqui é como se fosse na casa da gente. Quando chega aqui cê sente como se tivesse nas nuve ... Passô daquele portão ali, o que escuta aqui é o cantar dos passarim e parece que a gente canta junto com eles também [risos]. (Sr. Antônio)*

*Eu sempre quis participar da horta, tinha vontade, mas tava esperando uma oportunidade. Ai quanto fez uma reunião no negocio de bairro aí, aqui na comunidade, todo mundo inscreveu que ia ajudá [...] mas na hora mesmo, só ficou eu e mais uma. E foi até bom! Lá é um lugar tranquilo, um sossego, e eu fico feliz, quero continuá lá, plantar mais. (Dona Dora)*

*Lá é um lugar sossegado, que eu fico tranquilo. Quando eu vô pra lá eu fico alegre! Some os problema tudo! Eu chego lá e vejo minhas plantas tudo bonita e fico muito alegre! Pra mim lá é tudo! (Sr. Ideraldo)*

Observa-se nas declarações desses sujeitos que o prazer experienciado na horta comunitária gera um encanto pelo lugar, o desejo de permanecer nesse ambiente deleitável. Para o Sr. Antônio o portão de entrada é como um portal em que os problemas não entram. Um divisor imaginário, e conforme Tuan (1980), a construção do mundo ideal é uma questão de remover os defeitos do mundo real. A Dona Dora afirma que sempre desejou participar de uma horta e, com a criação dessa horta, próximo a sua casa, seu desejo foi alcançado, o que lhe propiciou vivenciar a experiência na horta. O lugar proporcionou para a mesma um sentimento de sossego e felicidade. O sentimento topofílico os projeta a um mundo ideal, sem problemas.

Alguns agricultores referem-se à horta comunitária como se representassem a vida deles. Conforme aborda Tuan (1980), o lugar ou o meio ambiente é produtor de imagem para a topofilia, pois representa mais que um sentimento difuso, sem nenhuma ligação emocional. Uma relação de pertencimento ao lugar e posse, como evidenciamos na narrativa da Dona Luci:

*Tem gente que chega lá e acha que é tudo mato. Mais tem muito chá, tem boldo, alecrim, tem cidreira e chega um eu dô. Vô te falá a verdade, é pra compartilhar! Lá pra mim é paz, alegria, amor. É igual uma criação que a gente gosta dela e cuida dela. O lugar é pequeno, mas é um lugar que eu gosto e se tirá um mato, uma flor eu sinto falta, brigo, deixa meu mato! [risos] (Dona Luci)*

Para essa agricultora a horta comunitária é um lugar que requer sua dedicação, seu cuidado. Essa intimidade gera a sensação de ser pertencente ao lugar e de que esse lugar lhe pertence. Além da Dona Luci, o sentimento topofílico também se fez presente na narrativa do Sr. Hélio, sentimento entrelaçado com as lembranças da infância e a paisagem rural por meio da memória:

*“Criado nascido na roça mesmo, aqui é minha paixão. Minhas planta, minhas coisa. Pode vê tudo limpinho! Ah! aqui é meu lugar. Eu gosto mesmo! Venho prá cá de domingo a domingo, minha vida é aqui. (Sr. Hélio).*

Esse agricultor urbano narra, com emoção, a dedicação que ele tem à horta. Expressa uma relação de pertencimento rica em experiências, elementos que nos remetem ao sentimento de Topofilia apresentado em Tuan (1980). O Sr. Hélio como um ser territorializado possui relação com o lugar, com a horta, que traz as marcas da experiência e da cultura, entrelaçados com a paisagem que recebeu seus cuidados. É nesse lugar, a partir de suas experiências que exprime o sentimento topofílico.

A familiaridade, afeição pelo lugar da infância, as memórias trazidas consigo reforçam esse sentimento pela horta comunitária, que pode estar influenciado pelo próprio passado agrícola. A experiência vivida torna-se um elemento importante do amor pelo lugar. Abaixo apresentamos falas da Dona Augusta e Dona Aurora para corroborar com nossa discussão:

*Eu nasci na roça, nunca fui na escola [...] eu gosto de planta e mexê na horta, [...] pra mim é a melhor maravilha vim pra cá, trabalhá aqui e sinto feliz! (Dona Augusta)*

*Eu morava na roça mais perto da rua e eu ia pra escola [...] quando eu vim pra cá é porque eu tinha largado o serviço. Aí eu vim pra cá é pra não ficar em casa e ter uma ocupação. E aqui eu lembro os tempo bom lá da roça. E meu serviço é esse, aqui na horta e na igreja! (Dona Aurora)*

Resgatar o passado é compreender a história e a si mesmo, conferindo-lhes significações para o presente. Estabelecer relação entre a infância vivida na área rural e área de cultivo na horta comunitária traduz laços afetivos de pertencimento ao lugar. Dona augusta e Dona Aurora sentem-se apegadas ao lugar, beneficiadas e privilegiadas por desfrutarem do ambiente que a horta comunitária lhes proporciona.



Suas visões de mundo estão representadas em suas narrativas e nas variantes de experiências pessoais.

### 6.3.2 Categoria: Terapia

A necessidade humana de busca pelo bem-estar, quando em uma situação de tensão emocional, é expressa pelos sujeitos pela palavra terapia. Essa tensão pode se dar pela sensação de stress, tristeza, luto e/ou conflito, ou apenas não se sentir muito bem, o que é possível ocorrer com qualquer pessoa. Conhecer o que está por trás de alguns dos traços de comportamento pode ser difícil e saber lidar com o problema, às vezes, mais difícil ainda. Para Tuan (1980) o sistema endócrino do indivíduo causa variações de personalidade e temperamento e as atitudes ambientais variam quando hormônios são liberados no sangue, pois alteram as emoções e sensação de bem-estar das pessoas.

“Terapia” aparece 19 vezes nas evocações, sendo 12 vezes nas narrativas das mulheres e sete vezes nas dos homens, de forma equânime em relação à faixa etária e origens. Mesmo sem conhecer as reações fisiológicas e endócrinas, em depoimentos dos agricultores urbanos, podemos perceber a importância do ambiente da horta comunitária. Com o sentimento topofílico, os sujeitos percebem a horta como um lugar que propicia sentimentos de bem-estar e alívio da tensão gerada no cotidiano. Podemos citar como referência as falas da Dona Augusta, Sr. Hélio e Dona Leda:

*A gente quando tá aqui, não pensa nada na vida da gente, nem ni doença nem nada! vim pra cá e vê essa verdura crescendo, arrancá uns mato, é uma terapia pra gente! (Dona Augusta)*

*Aqui eu tô fora de confusão, de conversa na rua, aí. Eu tô aqui respirando um ar puro! Com pensamento bom. Esse lugar é uma tranquilidade. (Sr. Hélio)*

*Eu vô te falá, pra mim lá é uma distração pra mente, uma terapia mesmo. A gente vai pra lá, mexe numa planta e ne outra e alivia a mente da gente. (Dona Leda)*

O lugar oferece estímulo sensorial que é percebido gerando pensamentos voltados para o lugar, como na fala de Dona Augusta, sensação de desviar o

pensamento do problema existente e aliviar a tensão. Sr. Hélio também se refere à percepção do ar puro e à sensação de tranquilidade do lugar, afirmando que estimulam pensamentos bons. A fala da Dona Leda evidencia o estímulo tátil, quando “mexe numa planta”, sente alívio da tensão mental. Assim sendo, nossas percepções são dadas pelos sentidos, uma vez que percebemos os estímulos por meio de todos eles. Ao sentir o lugar os agricultores urbanos sentem-se aliviados do estresse, e com sensação de bem-estar. Assim como nós, Fenimam e Araújo (2015) encontraram os mesmos resultados.

Para Tuan (1980), o ser humano é predominantemente visual, porém o contato, mexer com a terra e com as plantas, são uma experiência direta com o mundo, fornecendo uma grande quantidade de sensações e informações sobre o mundo. E essa percepção é experienciada diariamente nas atividades na horta comunitária e relatada por Sr. Antônio e Dona Leda:

*Às vezes ocê tá assim, pensativo, aí ocê vem pra cá e esquece os aborrecimentos. Tem liberdade de mexê no que quiser e mexe numa coisa e mexe ne outra e esquece... (Sr. Antônio)*

*É saúde mental, uma coisa pra quem tá mexeno é uma terapia! E ajuda muito né? (Dona Leda)*

A percepção dos estímulos sensoriais vivenciados na relação afetiva com e na horta que aparecem na narrativa do Sr. Antônio e da Dona Leda reforçam a apreensão dos significados, fazendo com que eles influenciem e recebam influência transformando o meio em lugar.

Essa influência pode ser percebida e proporcionar transformações positivas como expressam Dona Amélia e Sr. Ideraldo:

*Aqui pra mim é muito bom! Mexer com a terra, ah! é muito bom. Em todas as áreas ela [a horta] é boa. Isso aqui é como se fosse um remédio pra curar a alma! Cê pode até tá passando mal e cê chega aqui cê sara. [...] Remédio pra curá a alma. Seja do jeito que ela tivé, ou de doença ou triste de alguma coisa, alguma discussão, algum problema. Cê chega aqui, cê esquece daquilo. (Dona Amélia)*

*Quando eu fui pra lá eu tava com um problema sério de depressão, eu ficava num estado de nervo que Deus me livre, num tinha nada pra eu fazer. Vivia nos canto aí ó! Agora não, eu acordo cedo e vô pra lá, acabou tudo, eu sou outra pessoa. Aquele lugar é uma maravilha. Mexo num canteiro e fica tudo bem. (Sr. Ideraldo)*

Dona Amélia e Sr. Ideraldo assumem que os estímulos sensoriais percebidos na horta comunitária influenciam a uma mudança na condição de vida e proporcionam o restabelecimento da sensação de bem-estar. Esses relatos corroboram com a compreensão de Tuan (1980), sobre o potencial infinito dos estímulos sensoriais. Segundo ele, dependendo do temperamento individual e influências culturais que atuam em determinada época em nossas vidas, prestamos atenção e desenvolvemos ou não, sentimentos afetivos. No caso desses agricultores, não só desenvolveram o sentimento topofílico como também, transformaram o humor, saúde e modo de vida deles.

Um dos benefícios percebidos pelos agricultores, com relação à experiência proporcionada pela horta comunitária, diz respeito aos sentidos e sensações. Ao tocarem a terra e ao cuidarem das plantas, aliviam o estresse e adquirem sensação de bem-estar. Nossos achados corroboram com os de Feitosa *et al.* (2014), Feniman e Araújo (2015) e Sperandio *et al.* (2015) que também identificaram o caráter terapêutico dessa atividade.

### **6.3.3 Categoria: Doação**

“Doação” aparece nas respostas dos sujeitos em frases associadas a outras palavras como: “ao próximo”, “a quem precisa”, “para entidades”. Os sujeitos manifestam o sentimento cristão pela ajuda ao próximo com doação dos produtos, tempo, esforço, trabalho e até mesmo custeio de sementes e equipamentos necessários às atividades.

Nas falas dos respondentes a palavra “Doação” foi citada 15 vezes, sendo cinco vezes pelas mulheres e 10 vezes pelos homens, de várias faixas etárias. Foi citada de forma equânime tanto pelos sujeitos de origem quanto rural ou urbana.

A horta comunitária é percebida pelos sujeitos como um lugar envolvente, que provê tanto as necessidades materiais, quanto as espirituais. Por vezes a horta é tida simbolicamente como um lugar abençoado, que remete ao sagrado. Como podemos observar nas narrativas do Sr. Karlos, Sr. Elias e Dona Luci:

*As vezes alguém precisa comprá uma verdura e não tem o dinheiro, né? E a gente tendo aqui, pode arranjar pra aquela pessoa, né? Eu vim pra ajudar aqui, cuidá, capiná. Eu tenho compromisso de cuidá e mantê tudo limpinho. Acordo cedo e venho, porque eu sô vicentino. A gente planta e reparte com aquele que necessita, né? (Sr. Karlos)*

*O trabalho lá na horta é com Jesus na frente. É pra ajudar o próximo. Eu sinto que Deus gosta desse trabalho na horta comunitária. Agrada a Deus. Eu luto por uma vida melhor em termos de alma, espírito, vendo a parte interna. [...] Foi Deus que me levou pra essa horta. (Sr. Elias)*

*O importante é compartilhar e dividí com o próximo, isso é o que a gente faz aqui. E sente bem de tá fazendo uma coisa boa, que Jesus ensina. (Dona Luci)*

Nas narrativas desses sujeitos podemos compreender que a experiência vivenciada na horta comunitária é mediada por símbolos e atitudes que dão significado ao lugar. Para esses sujeitos, o ato de doar os produtos da horta, simbolicamente os aproxima de Deus. Assim atribuem à horta comunitária um sentido do “bem” com valor cristão de partilha e caridade como referido em Tuan (1980), o espaço tornar-se lugar, a partir do valor que atribuímos a ele.

Corroborando com essa discussão, trazemos os depoimentos do Sr. Hélio, Sr. Kenedy e Dona Leda:

*Antes ia pra escola, agora quase não precisa mais, aqui eu planto e a pessoa chega aqui como que eu vô cobrar 2 reais? Eu doo mesmo, quase que é tudo doado mesmo. Com esses canteiros eu já ajudei muita gente. Fico satisfeito da pessoa precisar e de eu poder doar, e é de coração também, né? (Sr. Hélio)*

*Eu sinto honrado por estar aqui. [...] Ali na frente tem uma placa que mostra desde quando começou. Antigamente nós dava muita verdura, era doação pra cantina que nós tinha aqui, creche, casa das meninas. Já fomos muitos, agora tornou-se em dois só. Mas a gente não vende. A gente doa pras famílias que precisa, né e é só. (Sr. Kenedy)*

*Essa placa tá aqui pra mostrar. Inicialmente a proposta era pra levar pra creche, era muito bom, mas hoje é assim, pra consumo próprio e pra quem precisa, né? Mas não vende não. Tem vez que a gente sabe quem tá doente e a gente doa pra essa pessoa. (Dona Leda)*

Nesses depoimentos os agricultores urbanos expressam o pensamento em si mesmo, como membros de uma coletividade em que os produtos da horta comunitária representam partilha. Alguns símbolos são percebidos e reconhecidos dando sentido do lugar, um simbolismo comum de abundância e uma ação de religiosidade em busca do bem comum. Consideram como registros da história, dão sentido de identidade e pertencimento ao lugar as placas de inauguração e identificação das hortas com

caráter comunitário e até mesmo um canteiro que produziu e produz alimentos para doação. Os agricultores demonstram orgulho e reconhecem a si mesmos, na história da horta. Se sentem incluídos nessa ação de doar sem esperar nada em troca, com laços afetivos de suas vivências na construção de suas trajetórias individuais e do grupo.

Essa experiência de fazer algo para o próximo, uma antiga e sagrada tradição de dividir e repartir o alimento é muito expressada nos depoimentos, possuindo um valor imaterial. O sentido da doação em hortas comunitárias, também está dissertado em Correa e Panachuki (2015) e Moritz e Costa (2016).

Muitas dessas pessoas trazem a marca de épocas em que acontecimentos e símbolos ficaram registrados, impregnados no ambiente e na memória como sensações agradáveis e nostálgicas do cotidiano, e muitas delas até hoje experimentam essa oportunidade de continuarem com essa ação em prol do outro. Mostram as placas de identificação da horta com satisfação de terem participado desde o início, de um movimento coletivo que ajudou muito a comunidade.

#### **6.3.4 Categoria: Saúde**

Dentre as várias evocações relacionadas às percepções da condição de saúde, estão também relatados o bem-estar físico, qualidade de vida e o cuidado, que se constituem nos saberes, cuidado consigo e com a natureza no local em que se cultiva.

“Saúde” aparece nas narrativas dos sujeitos por 13 vezes, sendo oito vezes citada pelas mulheres e cinco vezes pelos homens, de forma proporcional entre as faixas etárias. Quanto à origem dos respondentes, das 13 citações, 11 vezes foi por sujeitos de origem rural.

O sentimento topofílico parece interatuar com a atenção com a saúde. Pelas narrativas dos sujeitos, eles percebem que o ambiente da horta, bem como os alimentos ali produzidos, geram um sentimento favorável à saúde, bem-estar físico e mental. Esse sentimento corrobora com Tuan (1980) quando refere que o sentimento topofílico e de saúde se relacionam e se reforçam. Trazemos assim a fala do Sr. Antônio que corrobora com essa reflexão:

*Saúde é tudo. Sem a saúde não tem como você movimentá. Sem uma saúde boa pra trabalhar não tem como. E com a horta minha saúde ficou melhor, com qualidade de vida. Nasci na roça e sempre gostei de plantá, eu gosto de vê as planta viçosa. As folha grandona e que tá sadia! (Sr. Antônio).*

O sentimento de bem-estar físico expressado por Sr. Antônio, bem como de qualidade de vida, podem ser amparados pelo conceito ampliado de saúde como resultante das condições do meio ambiente, alimentação, educação, habitação, lazer, trabalho, acesso e posse da terra.

Para Sr. Hélio, o lugar traz esse sentimento topofílico e também de ter uma saúde plena, considerando-se capaz de exercer atividades com a mesma disposição da juventude, conforme narra:

*Eu fiquei uns 10 anos tratando de uma ulcera e, pelo menos, depois que eu entrei aqui, com base de um ano, já não sofria nada. Esse lugar é bão. Fico o dia quase todo aqui. O que eu fazia com 18 anos, hoje eu faço com 72 anos e não sinto dor nos braços nem nada. Tô são igual um coco. (Sr. Hélio)*

Conseguiu reestabelecer sua saúde com a cura de uma doença, a qual lhe trouxe muitos anos de busca da cura e esse sucesso, relatado por ele, ocorreu com a oportunidade de experimentar aquele lugar, viver seu dia a dia naquele ambiente agradável e restaurador da saúde.

Em outro depoimento semelhante, que se refere ao reestabelecimento da saúde no ambiente da horta comunitária, quando o sentimento topofílico está presente, em relação direta com o sentimento de saúde, é o de Sr. Ideraldo:

*Eu aposentei, fiquei doente, pressão alta, dei infarto, aí dei depressão. O médico falou pra eu fazer alguma atividade física que eu gostasse. Aí eu fui e entrei pra horta comunitária. Lá eu molho uma planta, pego uma fruta, como alimento sem remédio [agrotóxico]. Num tenho mais nada, sou uma outra pessoa. O pessoal lá perto procura a gente pra podê pega um remédio [plantas medicinais] que lá tem. (Sr. Ideraldo)*

Para esse sujeito, a recompensa declarada com a atividade de cultivar, cuidar e poder colher um alimento sem “remédio”, referindo-se ao uso de agrotóxico, expressa o valor atribuído à qualidade do alimento que pode consumir. O acesso a plantas medicinais, também citado como “remédio”, mesmo que com sentido bem divergente do anterior, é utilizado como outra forma de reestabelecer a saúde,

podendo ele ainda partilhar e disponibilizar esse benefício a outras pessoas. O sujeito passa a sentir-se útil e sociável. Da mesma forma Dona Bela e Dona Diva corroboram com essa compreensão:

*Eu como a verdura natural, é prioridade pra saúde. [...] antes só comia arroz e feijão e com a horta eu como verdura todo dia. Minha saúde também mudou, melhorou muito, porque eu trabalho num ambiente de muito stress, aí eu venho pra cá e desestresso. (Dona Bela)*

*Quando eu fui mexer com a horta, foi bom pra mim, pra minha saúde, graças a Deus! Tenho 71 anos e eu num preciso de tá ne médico, tá ne consulta nem nada, uma maravilha! (Dona Diva)*

A diversificação da alimentação e a oportunidade de aliviar um sentimento de *stress* gerado no ambiente de trabalho geram para Dona Bela um sentimento de uma saúde melhor, com autonomia no autocuidado. A mudança na condição de saúde, gerada pela atividade na horta comunitária, é relatada pela Dona Diva como uma conquista e uma não dependência do sistema de saúde, sente-se livre de doenças buscando o reestabelecimento da saúde. Esses achados com relação ao sentimento de saúde, proporcionado pela horta comunitária, reforçam os encontrados por Costa *et al.* (2015) e Moritz e Costa (2016).

### **6.3.5 Categoria: Alimentação Saudável**

O direito humano à alimentação adequada (DHAA) é um direito constitucional como consta em nossa fundamentação. E como titulares de direito, os agricultores urbanos se preocupam com a qualidade do alimento e que ele seja livre de agrotóxicos e demais contaminantes, como está presente nas falas dos sujeitos.

“Alimentação Saudável” surge nas evocações dos sujeitos por 13 vezes, sendo 6 vezes citada pelas mulheres e 7 vezes pelos homens e de forma equânime entre as faixas etárias. Das 13 citações, 12 foram de sujeitos que possuem origem na área rural.

A preocupação com a qualidade do alimento está diretamente relacionada ao cuidado com a saúde, assim também reforçado pelo sentimento topofílico. Saber a origem do alimento, e cultivá-lo de forma natural, é uma preocupação, e ao mesmo

tempo uma segurança que os sujeitos respondentes manifestaram. Apresentamos alguns depoimentos de Dona Aline, Sr. Guido e Sr. Kenedy:

*Aqui é uma coisa sadia. A gente sabe. Mas se a gente compra uma couve lá no negócio que vende. A couve, compra num dia e no outro dia ela tá amarela. E aqui não, aqui conserva, né! Não tem agrotóxico. Até o sabor é diferente. (Dona Aline).*

*Eu sei de onde tá saindo o alimento, e ... eu também sei que é eu mesmo que faço, então sei ele é realmente saudável. (Sr. Guido).*

*A vantagem da gente ter uma verdurinha que a gente conhece ela, sem agrotóxi. Como é que fala mesmo? [...] Sem veneno, né? E a gente come ela com certeza que é saudável! (Sr. Kenedy).*

Nesses depoimentos é possível perceber que o amor topofílico impulsiona os agricultores na busca por um ambiente ideal, sem contaminantes. Por conhecerem o lugar e o modo como são cultivados, sentem segurança na qualidade e também na disponibilidade desses alimentos. Para esses sujeitos, a horta comunitária é como o campo citado por Tuan (1980), simboliza vida, terra produtiva, água pura, ar limpo e família saudável. Assim o ambiente da horta comunitária, mesmo na cidade, é um lugar onde os sujeitos se consideram capazes de cultivar alimentos saudáveis. O urbano adquiriu alguns dos valores do campo.

A qualidade da alimentação também é abordada por outros sujeitos, como pode se observar nos relatos de Dona Dora, Dona Diva, Sr. Francisco, Dona Inês e Dona Leda:

*Aqui não tem remédio nenhum. As folhas nem é grandona porque não tem veneno nenhum, aquele agrotóxi. (Dona Dora).*

*A gente planta e come as verdura de lá, não tem remédio, a gente planta sem pô veneno nem nada. (Dona Diva).*

*É uma horta que não tem agrotóxico, podemos comer o que vem dela qualquer hora que não faz mal pra ninguém. Pelo menos aqui é sem veneno. Pode comer sem cisma, né? (Sr. Francisco).*

*Eu sinto muito feliz de comer os alimentos que tem lá, uma coisa que passou pelas mão da gente, trabalhou, cuidou ali. (Dona Inês).*

*A alimentação saudável é mais importante porque a gente come tanta porcaria hoje em dia. (Dona Leda).*



Podemos inferir nesses fragmentos que o valor do alimento saudável é importante para os sujeitos que buscam na horta comunitária a garantia dessa qualidade em sua alimentação. Nesse sentido, Tuan (1980) considera que os valores ambientais estão implícitos no comportamento e no estilo de vida, mesmo que nem sempre sejam facilmente observáveis. Esse valor atribuído aos alimentos oriundos das hortas comunitárias corrobora com os achados nos estudos de Sodré *et al.* (2013), Correa e Panachuki (2015), Nocete (2015), Correa Neta *et al.* (2016). Costa; Pereira e Costa (2016) e Bevilaqua (2017). Os agricultores urbanos vivem e sentem o lugar, e assim atribuem à horta comunitária os valores de acordo com a concepção cultural e modo de vida deles.

### 6.3.6 Categoria: Trabalho

A maioria dos agricultores urbanos entrevistados apresentou a compreensão de trabalho diferenciada em relação à definição utilizada pelo IBGE (2010b), como já mencionado no primeiro tópico desse capítulo. A palavra trabalho foi referida como uma atividade remunerada. Em nossa categorização, consideramos a atividade exercida na horta com o sentido referido pelos sujeitos para fidelidade ao significado atribuído por eles. Assim a “ocupação” será tratada mais à frente, com o sentido de atividade independente da remuneração.

“Trabalho” aparece nas evocações dos sujeitos por 10 vezes, sendo quatro vezes nas citações das mulheres e 6 vezes nas dos homens. Aparece mais vezes citada na faixa etária de 66 a 75 anos, com 6 citações e de forma diluída nas demais faixas etárias. Aparece na evocação de 9 sujeitos com origem em área rural.

Percebe-se que o sentimento topofílico, a familiaridade com a atividade laboral no campo registrada na memória do sujeito Sr. Guido, o motiva a trabalhar na horta comunitária, quando narra:

*Eu nasci na roça, com 17 anos mudei pra cidade [...]. Fui pra São Paulo morei lá muito tempo e aposentei. Desde que eu vim pra região eu fiquei na roça plantava maiores quantidade, até mandava pro CEASA. Em 2001 meus meninos foram pros Estados Unidos e me encheram as paciência pra eu vim pra Valadares. Ai em 2003, aqui eu comecei a mexer com horta. E minha saúde mudou completamente, melhorou muito. [...] Era meu sonho, tanto que quando*

*eu trabalhava, (se refere ao período com vínculo trabalhista) eu falava que quando eu me aposentasse ia mexer com esse tipo de coisa. Meus colega ria da minha cara, falava assim: ocê só sabe apertá parafuso, vai mexer com plantação [risos] e eu tô aqui. E me sinto bem demais! (Sr. Guido)*

Para esse sujeito S1G, poder cultivar uma horta dentro da cidade representa uma conquista. Além da experiência afetiva e desejo por essa atividade ele também se adaptou ao ambiente urbano de forma próxima da que tinha em sua infância, “na roça”.

Mesmo valorizando a origem rural e a experiência vivenciada no campo, por vezes, ocorre uma dualidade de sentimentos contraditórios, que também é expressada pelos sujeitos. Sentir prazer em plantar, mas reconhecer que é um trabalho que exige esforço. No relato de Dona Catarina observamos:

*Eu nasci na roça, numa fazenda e eu já acostumei mexê com horta, desde pequeno nós vive nessa luta! mexeno com horta desde pequeno. Eu gosto é de mexer com plantação, e eu gosto mesmo. Mas vô te falá. É pesado. (Dona Catarina).*

Os termos “luta” e “pesado” expressam as dificuldades do manejo e do cultivo da terra, no entanto, o sentimento de esforço árduo é reconhecido, sem anular o prazer de vivenciar essa experiência. Quando ela fala “Eu gosto é de mexer com plantação” demonstra o sentimento de prazer e de afeto por essa experiência. Essa forma de perceber o mundo pode ser como as oposições binárias de Tuan (1980), de contradições na percepção.

O prazer e afeto com o cultivo da terra estão expressos nas narrativas de Dona Aline, Sr. Belmiro, Dona Julia e Sr. Jeremias:

*Está aqui trabalhando é uma felicidade pra mim, a gente tem paz. E mexer com as coisa, né? A gente mexê com um trem que a gente gosta, a gente mexe feliz! (Dona Aline).*

*Através do trabalho aqui, a gente faz muita amizade e socialização também, né? As pessoas que iniciaram explicaram que era importante esse trabalho e que no início não ia ter muita renda não, mas depois ia melhorar e que ia melhorar na saúde da gente também e isso contribuiu pra gente tá trabalhando. (Sr. Belmiro).*

*Pra mim é uma felicidade tá aqui trabaiano! Eu num gosto de ficá parada, eu acho muito bom trabalhá aqui! Aqui a gente tem um compromisso com esse trabalho. (Dona Julia).*

*Pra mim é muito bom porque empregar eu num vô mais não, né? Então pra mim eu vô vivê meu resto de vida aqui mesmo, com meu trabalho aqui na horta com prazer e satisfação. (Sr. Jeremias).*

Nessas narrativas buscamos compreender o modo de vida desses sujeitos, por enfrentarem a vida com trabalho e dedicação em uma atividade que, como já tratamos anteriormente, não lhes confere uma remuneração significativa. Também procuramos estudar o sentimento topofílico, como aborda Tuan (1980, p. 112) por “[...] uma atitude devota para com a terra.” da qual o agricultor obtém alimentos e alguma renda.

Cabe observar que esses últimos sujeitos citados estão aposentados e exercendo uma atividade de trabalho na horta comunitária, mesmo sendo considerados fora da faixa etária da PEA. Apesar do valor comercializado não ser tão significativo, segundo os depoimentos, eles complementam a renda familiar com essa atividade. Esse resultado também foi encontrado nos trabalhos de Feniman e Araújo (2015).

### **6.3.7 Categoria: Lazer**

Podemos perceber o sentimento topofílico no modo de vida dos agricultores urbanos manifestados em atitudes e valores. Esse sentimento está expresso quando se referem à horta comunitária como um lugar de lazer e descanso.

“Lazer” aparece nas citações por 10 vezes, sendo três vezes pelas mulheres e sete vezes pelos homens e de forma equânime tanto com relação às faixas etárias quanto à origem dos sujeitos.

A necessidade de descanso físico e mental é humana, mas a limitação da condição financeira muitas vezes restringe as pessoas de algumas escolhas. Como verbalizado pelos sujeitos, em seu cotidiano, ficam limitados no ambiente da casa e do entorno.

A horta comunitária é percebida pelos sujeitos como um lugar afetivo de contemplação, distração e apreciação das plantas, pássaros, bem como de convívio com outras pessoas, de acordo com nas narrações da Dona Augusta, Sr. Belmiro, Dona Dora, Sr. Eustáquio, Sr. Hélio e Sr. Kenedy:

*Aqui é o divertimento da gente. É isso aqui, um divertimento. Interte a gente e a hora passa a gente nem vê. Fica só dentro de casa não dá não, e eu fico muito feliz de tá aqui. (Dona Augusta).*

*Aqui é um distraimento pra gente, né. Uma paz. (Sr. Belmiro).*

*Lá é tranquilo, eu gosto porque recebo visita, gente de toda idade, e a gente distrai e pega conhecimento de todo tipo. (Dona Dora).*

*É uma satisfação, uma sensação muito boa de estar aqui, cuidá, plantá, molhá e podê colhê. As vezes cê tá cansado, ai cê vem pra cá, chega aqui ocê descansa. Aqui a gente distai, eu passo aqui umas horas no sábado e no domingo e é muito bom. Eu capino, aguo e durante a semana depois que eu saio do serviço, dô uma passadinha aqui. (Sr. Eustáquio).*

*Pra mim é um divertimento, pela minha idade é um lazer que nada me amola. Aqui a gente conversa, ri e diverte. [risos] (Sr. Hélio).*

*Isso aqui é um passatempo na velhice da gente. (Sr. Kenedy).*

Percebemos nessas narrativas que o lugar da horta comunitária é um refúgio e, ao mesmo, um tempo um lugar de recreação. Esse sentimento topofílico é expresso no modo de vida e nas atitudes que valorizam a natureza. Pode também ser percebido nos momentos que expressam o envolvimento social em amizades proporcionado pelo lugar, bem como, quando descrevem o sentimento de felicidade, bem-estar e paz.

A horta comunitária é uma alternativa acessível, de acordo com os sujeitos, é quase que a única opção de lazer e recreação. É um lugar de convivência com as pessoas e com a natureza. Esse resultado também foi encontrado Fortunato e Neffa (2014).

### **6.3.8 Categoria: Ocupação**

O ser humano é um ser social e tem a necessidade de ocupar-se com alguma atividade, movimentar-se, ocupar a mente, relacionar-se com outras pessoas e a natureza. Como já mencionado anteriormente, os sujeitos dessa pesquisa consideraram o trabalho na HC como uma ocupação, ou seja, uma atividade não remunerada.

“Ocupação” aparece 8 vezes, sendo citada quatro vezes pelas mulheres e quatro vezes pelos homens. Quanto a faixa etária, aparece seis vezes em faixas etária acima dos 65 anos e duas vezes abaixo de 65 anos, sendo todos de origem rural.

A horta comunitária propicia a alguns dos agricultores a preservação do modo de vida ativa que tinham quando mais novos. A horta, conforme informam, é uma forma de ocupar o tempo ocioso após a aposentadoria e ter um compromisso e, ao mesmo tempo, ter flexibilidade de horário para dedicar a uma atividade, como relatam Sr. Karlos com 88 anos e Sr. Kenedy com 82 anos.

*Eu já durmo pensano em sai cedo pra vim pra cá [risos] pra limpar, roçá aqui. Acordou, num tem esse negocio de fica deitado. Essa horta me ocupa demais. Num trabalho mais, então eu venho pra cá, eu sinto muito alegre e sastifeito de tá aqui, porque fica parado lá dentro de casa é ruim, né? (Sr. Karlos)*

*Venho pra cá pra ocupação do tempo da agente, um meio da gente não ficá só dentro de casa. Ter uma ocupação daquilo, um compromisso e conviver com as planta. (Sr. Kenedy)*

Assim como esses, vários outros sujeitos, em seus depoimentos manifestam a necessidade de ocupar o tempo ocioso, sair de casa e ter uma atividade para fazer, um lugar para ir. A horta comunitária está, para os sujeitos da pesquisa, assim como os centros comunitários está para os moradores de *West End*, citados por Tuan (1980). O modo de viver tem seu valor, as atividades sociais informais produzem sentimentos afetuosos com o passar do tempo. Participar dessa experiência na horta não é tanto pela recompensa econômica, senão pela satisfação obtida desse estilo de vida que remete a um passado agradável e feliz.

Corroborando com nossa reflexão, trazemos os depoimentos da Dona Aurora com 82 anos, Sr. Ivan com 83 anos:

*Aí eu vim pra cá pra é pra não ficar em casa e ter uma ocupação. E aqui eu lembro os tempo bom lá da roça. E meu serviço é esse, aqui na horta e na igreja. Tenho medo dessa horta acabá, e se ela acabá num sei nem quê que eu arranjo não. Num é por causa de dinheiro não. É por causa da saúde da gente, felicidade e paz. Aqui a gente arruma mais amigo. Aí eu venho pra cá pra num ficá dentro de casa, pra ter uma ocupação qualquer. Porque eu num sô de ficá sentada dentro de casa não. (Dona Aurora).*

*Eu sô aposentado, num faço outra coisa, então eu venho pra cá, passo o tempo, passo umas horas aqui. Capino, fico pensano no serviço e com pensamento bom. Eu era pedreiro e hoje com 83 anos como que eu vô puxa a régua? [risos]. Num faço mais outros serviços, como mexer num telhado, muito difícil por conta da idade da gente. E aqui eu venho e mexo até num sei que horas. (Sr. Ivan).*

A expressão “mexo” se refere ao trabalho. Pode-se inferir que a maioria dos sujeitos aposentados assume não ter mais condições físicas de exercer determinadas atividades laborais, mas sentem a necessidade de exercerem uma atividade produtiva em seu dia a dia. Esse resultado também foi encontrado por Feniman e Araújo (2015).

Dona Catarina de 49 anos relata a importância dessa atividade na horta, considerando ser para ela uma ocupação e também um modo de ter seus filhos próximos e orientá-los para que sejam trabalhadores:

*Eu nasci e fui criada na roça, gosto de plantá [...]. Lá é uma ocupação pra mim e meus filho, eu dou bom exemplo para meus filhos, eu tô tirano meus filho da rua porque eles fica lá comigo, lá e ocupa a mente deles também né! E evita deles ficar mexendo com essa coisa aí né. (Dona Catarina).*

Para essa agricultora a horta comunitária se constitui em uma oportunidade de transmitir exemplos de atitudes, valores e modo de vida para seus filhos, como uma extensão de sua casa.

### **6.3.9 Categoria: Renda**

“Renda” surge nas evocações dos sujeitos por seis vezes, sendo citada por cinco vezes pelas mulheres e uma vez por um homem. Quatro foram na faixa etária de 46 a 55 anos e um na faixa etária de 66 a 75 anos. Todas as citações foram de sujeitos que tem origem em área rural.

A renda foi evocada pelos sujeitos com o sentido de um determinado valor recebido em dinheiro por comercializar um bem ou serviço. Outra forma considerada por eles como renda é que, ao consumirem os produtos da horta comunitária, deixam de gastar com a compra desses produtos, configurando assim um ganho.

De acordo com alguns dos sujeitos, aqueles que comercializam, os valores arrecadados com a venda dos produtos servem como um complemento da renda familiar. Conforme podemos verificar com a fala da Dona Augusta com 71 anos:

*A gente aqui pode plantá um alho, uma cebola evita da gente compra, né? Aqui eu planto, encho o balaio e vendo tudo. Agora eu até juntei uns duzentos reais,*

*mais eu ia vendeno e gastano o dinheiro [risos]. A gente que é aposentada, precisa de um ganhamezinho, né? [risos] (Dona Augusta).*

Essa agricultora além de ter acesso a verduras e legumes produzidas na horta, também comercializa para complementar sua renda familiar e justifica, mesmo não tendo necessidade para tal, que é aposentada, e por isso precisa aumentar sua renda com a venda dos produtos produzidos na horta.

Em outros depoimentos identifica-se essa mesma necessidade de complementação da renda familiar, bem como, obter recursos para custear a horta, como narram Dona Amélia, Dona Diva e Sr. Kenedy:

*A gente vende. Um pouquinho que dá, já ajuda na despesa, né? (Dona Amélia).*

*Mais é vendido para comprar esterco, essas coisa assim. Eu plantano economiza muito pra mim, que eu não preciso de comprar e serve pra minha despesa. Pensa, todo dia comprano cebolinha? Eu entrei na compra fiado e lasquei toda, no final ficou caro, mas eu paguei, né? (Dona Diva).*

*A gente vende um pouco pra compra o esterco, sementes, fazer a manutenção da horta, senão num tem jeito. A gente produz pra despesa da gente. A gente economiza na faixa aí de uns 15 a 20 reais de verdura por semana que a gente leva pra casa. Quem tem a família maior deve ser mis um pouco. Mas lá pra casa deve ser uns 100 reais por mês. [...]E se nós tem essa horta é porque tem a água que a prefeitura fornece, né? Porque se num fosse a água, a gente num tinha isso aqui não, porque a água hoje é muito cara. (Sr. Kenedy).*

As atitudes e modo de vida desses agricultores valorizam o pouco que produzem. A agricultora Dona Catarina relata a necessidade de produzir para autoconsumo e comercializar para complementar a renda familiar.

*Eu tinha que comprá verdura e não tinha dinheiro pra comprá verdura todo dia, então eu vim plantá aqui. Limpei essa área e carrego água pra molhar. Eu tenho lá uns pé de couve, almeirão, cebolinha, taioba, pé de chuchu, pé de banana, pé de limão, laranja, pé de manga, tem um tanto de árvore nativa. Quando não tinha passado essa água lá, que trouxe aquele minério [ela se refere ao desastre de Mariana<sup>10</sup>]. As folhas de taioba estavam bonitas, eu podia vendê que eles compravam na minha mão. Ou pé de alface, almeirão eu podia vendê. Agora com essa água lá. Os trem num tá saino do jeito que tava saindo como era antes. Quando eu chego a vendê hoje é uns 50 reais por mês, por que num ta saíno mais. E eu economizo na base duns 60 reais no mês. Eu preciso é da água lá. Porque ne outra horta a gente tinha água da prefeitura. (Dona Catarina)*

---

<sup>10</sup> Mais informações sobre o desastre de Mariana pode ser encontrado em Espindola et al.(2016).

O sentimento topofílico dessa agricultora, adquirido com a experiência em sua origem rural, associada à experiência vivenciada em outra horta comunitária, a motivou a desbravar a natureza e continuar com essa atividade.

A possibilidade de comercializar os produtos da horta comunitária e assim ter uma fonte de renda para os agricultores urbanos configura-se em uma oportunidade importante também registrada em outros estudos tais como os de: Santandreu e Lovo (2007), Amaral; Von Simson (2013), Pires (2016), Lopes; Freitas; Gervásio (2016) entre outros.

Esse é um dos pontos positivos identificado, por exemplo, nos estudos Feniman e Araujo (2015), porém nem sempre é retratado como o principal objetivo dos agricultores urbanos que participarem dessa atividade.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação partiu de uma revisão da literatura sobre as produções acadêmicas brasileiras relacionadas à horta comunitária em área urbana. Essa revisão nos permitiu identificar que o interesse por “horta comunitária” como objeto de estudo ganhou importância no Brasil, desde o final do século passado. Pesquisadores de várias áreas do conhecimento se dedicam a investigar o potencial dessa experiência, que possui caráter multifuncional e natureza interdisciplinar.

Essas produções acadêmicas serviram de base para fundamentarmos uma proposta de pesquisa que pudesse dar visibilidade a essa experiência de hortas comunitárias, dando voz aos sujeitos, ou seja, aos agricultores urbanos que delas participam.

Buscamos estabelecer as bases para uma proposta metodológica favorável ao conhecimento do território, a partir das relações do ser humano com o meio ambiente, trabalhando com uma concepção mais flexível, ajustada às propostas da geografia humanista.

Destacamos nessa revisão da literatura algumas ponderações feitas pelos autores sobre o caráter multifuncional e a natureza interdisciplinar das hortas comunitárias. Para esses pesquisadores, a horta comunitária é uma das atividades inseridas na Agricultura Urbana que podem:

- a) se constituir em ambiente de aprendizagem como um elo propagador de conhecimento e de aproximação da comunidade com a pesquisa, o ensino e a extensão, sendo capaz de gerar tecnologias de produção sustentável;
- b) promover a educação ambiental, troca de saberes populares e acadêmicos, bem como da vivência entre as comunidades;
- c) subsidiar a elaboração de políticas públicas, com participação social e planejamento do espaço urbano de cidades sustentáveis, e estímulo à formação de parcerias entre diversos seguimentos da sociedade;
- d) promover a saúde com adoção de hábitos saudáveis de alimentação e qualidade de vida;
- e) promover práticas integrativas e complementares de caráter terapêutico;

- f) estimular a formação de laços afetivos entre as pessoas e o meio ambiente, remetendo ao sentimento de topofilia sentido pelos sujeitos que atuam nas hortas comunitárias;
- g) valorizar a biodiversidade e a agroecologia em meio urbano;
- h) promover o processo de sustentabilidade econômica, social e ecológica garantindo o acesso a alimentos;
- i) incentivar a produção de espécies comestíveis e não comestíveis, bem como ornamentais;
- j) promover o exercício da função social da terra em “revoluções tranquilas”.

Entendemos que essas ponderações são relevantes, atribuindo importância à horta comunitária como uma experiência multifuncional, capaz de oferecer uma oportunidade às pessoas na cidade de vivenciar o meio ambiente, e extrair dele o sustento, experimentar sentimentos positivos, e socializar. São muitos os benefícios da horta comunitária para os sujeitos envolvidos com essa atividade, diretamente ou não. Outro item que consideramos relevante é que o meio ambiente também é valorizado, por meio de práticas sustentáveis.

A partir dos estudos realizados, identificamos que Governador Valadares é um Município em que gestores governamentais e lideranças da sociedade civil foram pioneiros em desenvolver atividades buscando institucionalizar ações de agricultura urbana. Nesse estudo, também construímos um breve histórico sobre a constituição e evolução do Município e citamos algumas das experiências de parcerias internacionais, desenvolvidas por projetos políticos de intervenção social, realizados em conjunto com diferentes atores sociais, durante o período de 2001 a 2005. Dessa forma, Governador Valadares torna-se pioneira e referência no reconhecimento e fomento dessa prática no Brasil, com ações concretas que influenciaram a inserção desse tema no contexto das políticas sociais em outras cidades e também no nível Estadual e Federal.

Ao realizarmos esse estudo, identificamos alguns avanços e conquistas constitucionais na regulamentação de direitos humanos básicos, bem como legislação específica para a agricultura urbana. Na legislação municipal detectamos Lei que regulamenta o PROAGRU, a cessão de áreas públicas, a concessão de incentivos

fiscais com redução das taxas de água, lixo, esgoto e IPTU, e disponibilização de estímulos às técnicas sustentáveis no manejo dos cultivos.

Dessa forma, a relevância dessa investigação está na análise de uma importante experiência da política local de agricultura urbana, com um grande potencial intersetorial em estimular vários segmentos da sociedade. Consideramos que foi uma estratégia estruturada e, com passar do tempo, foi reduzida consideravelmente. Então, questionamos: que significados os agricultores urbanos, de Governador Valadares, atribuem às hortas comunitárias? E como questões norteadoras: Quantas e quais são as hortas comunitárias ativas, no perímetro urbano de Governador Valadares, até julho de 2018? Que relações com o lugar compõem nos significados atribuídos pelos sujeitos às hortas comunitárias? Como os significados atribuídos pelos agricultores urbanos se manifestam em seus modos de vida?

A partir dos estudos realizados optamos, então, por uma dessas possibilidades teóricas, que poderia nos levar a entender a riqueza das relações entre os agricultores urbanos e o lugar. Para tanto construímos uma metodologia que pudesse ser aplicada na busca da compreensão dos significados das hortas comunitárias para os agricultores urbanos que nelas trabalham.

A proposta metodológica que desenvolvemos foi de um estudo de caso com abordagem quali-quantitativa e utilizamos das seguintes técnicas de pesquisa: Coleta de dados documentais geoprocessamento das hortas comunitárias e entrevistas com os sujeitos da pesquisa.

Com o propósito de identificar e localizar as hortas comunitárias, ativas até julho de 2018, no Município de Valadares, buscamos informações junto à Prefeitura Municipal de Governador Valadares. Foram acessados e analisados os seguintes documentos:

- a) Cadastros da Horta;
- b) Termos de Adesão e Compromisso do Produtor Urbano
- c) Relatórios de Visita Técnica realizadas nas hortas pelos técnicos da SEMA.

Foi possível constatar que há poucos registros na SEMA a respeito das hortas comunitárias. Fomos a campo, identificamos e localizamos 12 hortas comunitárias em funcionamento. Coletamos pontos geodésicos nos vértices limítrofes de cada horta, conhecemos um pouco da história de cada uma e as apresentamos em uma perspectiva de lugar.

Destacamos a horta comunitária Bom Pastor com início em 1970 e que atualmente possui o maior número de agricultores urbanos participando efetivamente. Identificamos que temos cinco hortas que iniciaram suas atividades no período de 2002 a 2004: Vitoriosa, Santa Helena, São Francisco, Cantinho do céu Maria Geralda da Silva e Renascer. Em 2008 iniciou a Pai e Filho. Nos anos de 2014 e 2015 outras cinco hortas comunitárias tiveram início: Menino Jesus de Praga, Nossa Senhora do Bom Conselho, Esperança, Figueira e Mãos na Terra. Os dados nos mostram que, na maioria das hortas comunitárias, houve uma redução significativa no número de agricultores urbanos, quando comparado com início de suas atividades.

Com relação ao terreno destinado às hortas comunitárias verificamos que estão em áreas públicas cedidas pelo Município, em áreas de instituições públicas, em APP (Área de Proteção Permanente), próximas ao Rio Doce, em áreas vinculadas à igreja e em um lote cedido por uma pessoa física.

Quanto ao manejo das hortas foi possível perceber que todas utilizam o manejo mais natural possível. Fazem o controle de pragas com: retirada das folhas; pulverização com urina de vaca diluída, calda de fumo ou detergente líquido, além cultivarem plantas protetoras que afastam insetos. De acordo com os agricultores nenhum tipo de agrotóxico é utilizado nessas hortas, entretanto, em duas delas, os agricultores urbanos nos informaram que usam iscas para matar formiga que, em nosso entendimento, é veneno. Em uma dessas duas hortas comunitárias, os agricultores urbanos nos informaram, também, que utilizam adubo químico.

Em todas as hortas comunitárias percebemos a diversificação no cultivo, com plantas frutíferas, verduras e plantas medicinais. Percebemos que há ausência de plantas comestíveis não convencionais. Em geral, os alimentos produzidos são destinados para consumo próprio e doação, entretanto em oito das doze hortas comunitárias também se comercializa parte da produção para custear as despesas da horta e complementar parcialmente a renda familiar.

A maioria das hortas recebe isenção das taxas de água, lixo e esgoto. Cabe destacar que duas não recebem esses benefícios, por não estarem cadastradas no PROAGRU. Em uma, o proprietário do terreno arca com os custos dessas taxas e em outra, que está em APP, utilizam a água do Rio Doce para regar as plantas.

Ao fazermos o geoprocessamento apresentamos geograficamente a localização das hortas comunitárias na Figura 6 e percebemos que, em sua maioria, estão situadas em bairros da periferia, com exceção de uma que está situada na área central, a do bairro São Tarcísio.

Entrevistamos 26 agricultores urbanos sendo, coincidentemente, 13 mulheres e 13 homens com idade variando de 49 a 88 anos. De acordo com as informações que eles nos forneceram as mulheres dedicam maior tempo de trabalho às hortas comunitárias do que os homens. Cabe destacar que 5 desses sujeitos nunca frequentaram a escola regular, 16 frequentaram a escola regular por algum tempo no ensino fundamental, 1 concluiu o ensino fundamental e 4 concluíram o Ensino Médio. Dos 26 sujeitos da pesquisa, 22 têm suas origens na área rural e 4 tem suas origens em área urbana.

De acordo com as informações obtidas junto aos agricultores urbanos identificamos suas profissões: agente comunitária de saúde, auxiliar de câmara fria, auxiliar de motorista, do lar, doméstica, empresário, ferroviário, fiscal siderúrgico, lavadeira, mecânico de carro, pedreiro, pintor, servente escolar, serviços gerais, e técnica de enfermagem.

Foi possível perceber que, para alguns sujeitos, trabalho se refere a uma atividade que seja remunerada e com vínculo empregatício. Assim, a atividade desenvolvida na horta comunitária não é considerada, por alguns deles, como trabalho, e sim como uma ocupação. Entretanto, esse mesmo entendimento não é compartilhado por aqueles que comercializam parte da produção.

Durante a realização das entrevistas aplicamos o teste de associação de palavras, de acordo com o proposto por Bardin (2014). Uma vez coletados os dados, iniciamos o procedimento de análise dos mesmos, seguindo as três fases propostas por Bardin (2014), ou seja, a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados e a interpretação seguida pelo processo de categorização.

Com a realização das entrevistas foi possível captar os significados atribuídos, pelos sujeitos da pesquisa, às hortas comunitárias.

Utilizamos como suporte teórico a Geografia Humanista, em sua vertente fenomenológica, cuja base teórica foram os estudos de Tuan (1980; 1983) que

relaciona o sujeito e o ambiente em uma perspectiva experiencial interdisciplinar, centrada no modo como o sujeito cria espaços e lugares. Para tanto construímos as unidades de significação em 9 categorias de significados das hortas comunitárias para os sujeitos da pesquisa: Alimentação Saudável; Amor ao Lugar; Doação; Lazer; Ocupação; Renda; Saúde; Terapia e Trabalho. Essas categorias surgiram de maneira interdisciplinar, por análise temática e pela compreensão teórica apreendida nos estudos sobre percepção, atitudes e valores relacionados ao meio ambiente, conforme propõe Tuan (1980; 1983). Para analisar cada categoria os estudos também foram complementados com outros pesquisadores, que também se interessam pelas questões humanistas relacionadas ao ambiente e como é percebido, sentido e vivido pelas pessoas.

Procuramos na análise argumentar sobre as percepções, valores e atitudes que os sujeitos expressaram diante de sua experiência cotidiana relacionada às hortas comunitárias que se constituem nos significados atribuídos por eles. Reconhecemos os sujeitos como portadores de sentimentos e afetos pelo lugar, respeitando, pois, seus modos de vida, vínculos territoriais, saberes, culturas, memórias e relações sociais.

A evocação “Amor ao Lugar” aparece no discurso de todos os sujeitos da pesquisa e alguns a fizeram por mais de uma vez. Essa evocação está relacionada com o sentimento de afeto ao lugar, como proposto por Tuan (1980) quando se refere ao sentimento topofílico.

De acordo com os dados, entendemos que o sentimento topofílico, em relação às hortas comunitárias, é o sentimento de maior relevância para os agricultores urbanos pesquisados. Percebemos que, pela experiência vivenciada nas hortas, os agricultores sentem o lugar, desenvolvendo um sentimento amoroso que remete à topofilia. Imbuídos por esse sentimento topofílico os agricultores urbanos atribuem significados à horta comunitária.

Os agricultores urbanos que vivem aquele lugar como a casa deles, cuidam do meio ambiente e o ambiente cuida deles. Sentem que o espaço experienciado vai, aos poucos, se transformando em lugar. A experiência diária na horta oferece estímulos sensoriais que são percebidos com o manejo da terra e com o cultivo das plantas.

A convivência com, e no lugar, gera sentimento de amor pelo lugar e felicidade em nele estar. Expressam que a experiência do cuidado contínuo e do acompanhar o

crescimento das plantas desenvolve o sentimento afetivo que os envolve a ponto de perderem a noção de tempo, ou seja, de esquecerem a hora de voltar para casa. Essa afeição é construída pela perspectiva da experiência e transformação do espaço em lugar.

Da transformação do espaço em lugar nos leva a entender que uma horta pode ser um deleite para os cinco sentidos dos sujeitos: visão, audição, olfato, paladar e tato. O sentimento amoroso em experienciar a horta, ver a beleza das verduras viçosas e os frutos amadurecendo; ouvir os sons dos pássaros; cheirar o aroma das folhas e flores; sentir o sabor dos alimentos; ter o contato com as plantas e com a terra, demonstra ser uma experiência que pode remeter a um mundo ideal, sem problemas, e o encantamento pelo lugar desperta o desejo de permanecer nesse ambiente deleitável.

A afeição pelo lugar experienciado na infância e as memórias trazidas consigo daquele tempo, reforçam esse sentimento topofílico pela horta comunitária, e os sujeitos a percebem como um lugar que propicia sentimentos de bem-estar e alívio da tensão gerada no cotidiano do mesmo. Dessa forma, o urbano adquire alguns dos valores do campo que lhes são familiares.

Os sujeitos percebem a horta comunitária como um lugar que os envolve e provê as necessidades humanas: espirituais, físicas, materiais e mentais. Alguns dos sujeitos entendem, simbolicamente, que o ato de doar os aproxima de Deus e percebem a horta como um lugar sagrado.

O sentimento de bem-estar expressado pelos sujeitos, bem como de qualidade de vida pela oportunidade de experimentar aquele lugar é restaurador da saúde, quando podem aliviar a tensão ao sentir o ar puro e a tranquilidade do lugar. Assim o ambiente da horta comunitária, mesmo na cidade, é um lugar que os sujeitos consideram saudável.

De acordo com os sujeitos a horta comunitária serve, por vezes, como refúgio, lugar de convívio social e lugar de recreação. Alguns dos sujeitos, hoje com idade avançada, continuam ativos, ocupando seu tempo com as atividades desenvolvidas na horta comunitária. Para outros sujeitos, a horta comunitária é um trabalho, além de servir como bom exemplo para os filhos. Dessa forma, configura-se como um lugar de troca de experiências entre os sujeitos e de construção de valores culturais e socioambientais.

Ao ampliar o olhar sobre as hortas comunitárias para além de suas funções meramente produtivas, emerge a noção de humanidade no sentido de resgatar a percepção de seu caráter interdisciplinar, que não se reduz apenas à produção de bens agrícolas. Podemos pensar em uma experiência capaz de oferecer oportunidades aos indivíduos de se sentirem em um espaço transformado em lugar, numa área urbana.

Ao privilegiar o indivíduo em suas complexas relações com a sociedade, a noção de interdisciplinaridade incorpora à análise certos fenômenos que se inscrevem em diferentes domínios do universo econômico, social e político que, normalmente, tem permanecido na invisibilidade. A lógica de produção da horta comunitária pode não ser considerada como eficaz ou economicamente relevante pelos formuladores das políticas públicas e por críticos e estudiosos do assunto. Entretanto, cabe destacar sua importância para o sujeito que vive e convive naquele lugar, propiciando a construção e apropriação do sentimento topofilico, que leva à sensação de saúde, bem-estar, alívio das tensões, prazer em estar naquele lugar, entre outros.

A implantação de hortas comunitárias, em áreas urbanas, não resolve todos os problemas enfrentados por cidades em países em desenvolvimento. Mas, pode ser um elemento que favoreça a solução de parte dos problemas vivenciados por elas. Qualquer ação que busque tornar as cidades sustentáveis e melhorar a condição de vida de seus cidadãos deve ser considerada. Dessa forma, cabe destacar que a cidade de Governador Valadares, como pioneira nessa experiência de implantação de hortas comunitárias no Brasil, deu um exemplo prático para gestores públicos, políticos, formuladores de políticas urbanas e para os próprios agricultores urbanos.

Dada a amplitude e riqueza do tema, reconhecemos as limitações de nossa pesquisa, sendo uma delas, em função do tempo limitado para realizá-la. Ressaltamos a necessidade da realização de outros estudos que aprofundem conhecimentos a respeito das questões aqui apresentadas e que se adote, também, um olhar interdisciplinar, bem como considerem o olhar e os sentimentos dos sujeitos na busca pelo entendimento de como se relacionam com o meio ambiente.

Assim, consideramos que a continuidade e o aprofundamento desse estudo sobre hortas comunitárias, devem ser levados a efeito no sentido de trazerem novas contribuições para o debate do assunto. Por que devemos incentivar as experiências de horta comunitária? Entendemos ser fundamental trazer setores do governo e da sociedade civil para dentro desse debate e convencê-los a agir em prol de ações



conjuntas que possam ser concretizadas e favorecerem a formação de mais hortas comunitárias em áreas urbanas.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. J. *et al.* Horta Comunitária Vida Nova: relatos agroecológicos em espaços urbanos. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 8, n. 2, nov. 2013. Disponível em: <[revistas.abaagroecologia.org.br/index.php/cad/article/download/15201/9403/](http://revistas.abaagroecologia.org.br/index.php/cad/article/download/15201/9403/)>. Acesso em: 10 fev. 2018.
- ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. 400 p.
- ALVES, R. A. O quarto do mistério. São Paulo: Papirus, 1995.
- AMARAL, A; VON SIMSON, O. R. M. Memória de horta orgânica comunitária em solo urbano. In: INTERNATIONAL CONFERENCES - CONGRESSO LATINOAMERICANO DE AGROECOLOGIA – SOCLA, 4., 2013. Lima. **Organiceprints...** Lima, 2013. Disponível em: <<https://academic.microsoft.com/#/detail/63549037>>. Acesso em: 24 mar. 2018.
- ARAÚJO, H. M.; ASSIS, T. R. P. Agricultura urbana e segurança alimentar: estudo de caso da horta comunitária da COHAB em Lavras/MG. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 10, n. 3, maio 2015. ISSN 2236-7934. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/18551>>. Acesso em: 24 mar. 2018.
- ARAÚJO, J. I. S. *et al.* Implantação de horta comunitária em escola localizado no sertão Paraibano. **INTESA – Informativo Técnico do Semiárido (Pombal-PB)**, v. 9, n 2, p. 16-18, jun./dez., 2015. Disponível em: <<http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/INTESA>>. Acesso em: 10 fev. 2018.
- ARRUDA, J. **Agricultura Urbana na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: sustentabilidade e repercussões na reprodução das famílias**. Tese (Doutorado em Ciências) -- Instituto de Ciências Humanas e Sociais do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2014.
- BELO HORIZONTE. SMURBE. Mapeamento e caracterização do uso do solo do município de Belo Horizonte. Belo Horizonte: PBH, 2007. Mimeografado.
- BEVILAQUA, Camila. Cultivando Cultura: horta indígena no Rio de Janeiro. **Ponto Urbe [Online]**, [S.l.], v. 21, 2017. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/3532;DOI:10.4000/pontourbe.3532>>. Acesso em: 10 fev. 2018.
- BIZARI, Douglas R.; CARDOSO, Jean C. Água de reuso e horticultura urbana: aliança para a criação de cidades mais sustentáveis. **Horticultura Brasileira. [online]**, [S.l.], v. 34, n. 3, p. 311-317, jul./set., 2016. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext &pid=S0102-05362016000300311&lng=en&tling=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext &pid=S0102-05362016000300311&lng=en&tling=en)>. Acesso em: 12 jan. 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 15 jul. 2018.

BRASIL. **Lei 11.346, de 15 de setembro de 2006**. Disponível em:

<<http://www4.planalto.gov.br/consea/conferencia/documentos/lei-de-seguranca-alimentar-e-nutricional>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**.

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações para implementação da horta escolar**: caderno 2. Brasília: MEC, 2007. 45 p. Disponível em:

<[http://www.fao.org/fileadmin/templates/ERP/docs2010/caderno2\\_red.pdf](http://www.fao.org/fileadmin/templates/ERP/docs2010/caderno2_red.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde do Brasil, Secretaria de Atenção à Saúde.

Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**: atitude de ampliação de acesso. 2. ed. Brasília: MS: SAS: DAB, 2015. 96 p. Disponível em:

<[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_praticas\\_integrativas\\_complementares\\_2ed.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf)>. Acesso em: 29 maio 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Relatório Final da 8ª Conferência Nacional da Saúde**. Brasília: MS, 1986. Disponível em:

<[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8\\_conferencia\\_nacional\\_saude\\_relatorio\\_final.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8_conferencia_nacional_saude_relatorio_final.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2018.

BURITY, V. *et al.* Direito humano à alimentação adequada no contexto da segurança alimentar e nutricional. Brasília: ABRANDH, 2010. 204 p.

BURLANDY, L. Saúde e sustentabilidade: desafios conceituais e alternativas metodológicas para a análise de sistemas locais de segurança alimentar e nutricional. **Tempus, Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, v. 9, n. 3, p-55-70, set. 2015. Disponível em:

<<http://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/1786>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

CABANNES, Yves. A Agricultura Urbana como estratégia para o desenvolvimento municipal sustentável. **Revista de Agricultura Urbana**, [S.l.], 2000. Disponível em: <<http://agriculturaurbana.org.br/RAU/AU01/AU1estrategia.html>> Acesso em: 17 jul. 2018.

CAPES. Ministério da Educação. **Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação**. Brasília: CAPES: MEC, 2017. Disponível em:

<[http://www.capes.gov.br/images/documentos/documentos\\_diversos\\_2017/TabelaAr easConhecimento\\_072012\\_atualizada\\_2017\\_v2.pdf](http://www.capes.gov.br/images/documentos/documentos_diversos_2017/TabelaAr easConhecimento_072012_atualizada_2017_v2.pdf)>. Acesso em: 24 mar. 2018.

COELHO, D. E. P.; BÓGUS, C. M. Vivências de plantar e comer: a horta escolar como prática educativa, sob a perspectiva dos educadores. **Saúde Sociedade**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 761-771, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902016149487>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

COMTE-SPONVILLE, A. **Dicionário filosófico**. Tradução Eduardo Brandão. Martins Fontes: São Paulo, 2003. 658 p.

CORREA NETA, G. *et al.* Horta comunitária como locus propagador do conhecimento agroecológico. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 10, n. 3, maio 2016. ISSN 2236-7934. Disponível em: <<http://revistas.abaagroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/19433>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

CORREA, C. M. A.; PANACHUKI, E. Horta comunitária no asilo “São Francisco”, Aquidauana-MS: uma atividade complementar e educativa. **Anais do SEMEX**, Campo Grande, n. 4, 2015. Disponível em: <<http://anaisonline.uems.br/index.php/semex/article/view/454>> Acesso em: 10 fev. 2018.

COSTA, C. G. A. *et al.* Hortas comunitárias como atividade promotora de saúde: uma experiência em Unidades Básicas de Saúde. **Ciências & Saúde Coletiva**. [online], Rio de Janeiro, v. 20, n. 10, p. 3099-3110, out. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152010.00352015>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

COSTA, R. S.; PEREIRA, R. S.; COSTA, E. S. Educação ambiental por meio de horta comunitária: estudo em uma escola pública da cidade de São Paulo. **Revista Científica Hermes**, São Paulo, n. 16, p. 246-270, jul./dez. 2016. Disponível em: <<http://repositorio.uscs.edu.br/bitstream/123456789/1043/2/270-993-1-PB.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

DECLARAÇÃO DE LA PAZ. In: ASSEMBLÉIA GERAL DE MINISTROS E AUTORIDADES MÁXIMAS DE HABITAÇÃO E URBANISMO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE, 12., FORO IBERO-AMERICANO DE MINISTROS E AUTORIDADES MÁXIMAS DO SETOR HABITAÇÃO E DESENVOLVIMENTO URBANO, 8., La Paz. **Anais eletrônicos**... La Paz: [s.n], 2003. Disponível em: <[https://www.minurvi.org/documentos/Declaracion\\_regional/asamblea\\_2003\\_LaPaz\\_Bolivia\\_portugues.pdf](https://www.minurvi.org/documentos/Declaracion_regional/asamblea_2003_LaPaz_Bolivia_portugues.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2018.

ESPÍNDOLA, H. S. **A história de uma formação sócio-econômica urbana**: Governador Valadares. **Varia História**, Belo Horizonte, n. 19, p. 148-163, nov. 1998.

ESPÍNDOLA, H. S. **Associação comercial de Governador Valadares**: sessenta anos de história. Governador Valadares: ACGV, 1999.

ESPÍNDOLA, H. S. *et al.* Desastre da Samarco no Brasil: desafios para a conservação da biodiversidade. **Fronteiras**, Anápolis, v. 5, n. 3, p. 72-100, 2016.

Disponível em

<<http://revistas.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/2045>>. Acesso em: 7 de fevereiro de 2018.

FAO. **Agricultura urbana y periurbana en américa latinay el caribe: una realidade**. [S.l.]: [s.n.], 2008. Disponível em:

<[http://www.fao.org/fileadmin/templates/FCIT/PDF/Brochure\\_FAO\\_3.pdf](http://www.fao.org/fileadmin/templates/FCIT/PDF/Brochure_FAO_3.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2018.

FEITOSA, V. A. *et al.* A horticultura como instrumento de terapia e inclusão psicossocial. **Verde Pombal**, João Pessoa, v. 9, n. 5, p. 7-11, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS/article/view/3470>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

FENIMAN, S. F.; ARAÚJO, M. C. A política de segurança alimentar e nutricional e o programa de hortas comunitárias: uma etnografia das representações sociais em fluxo. **Eventos Livera**, [S.l.]. Disponível em:

<[http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020579\\_30\\_06\\_2015\\_19-20-48\\_9067.PDF](http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1020579_30_06_2015_19-20-48_9067.PDF)>. Acesso em: 12 jan. 2018.

FERREIRA, L. C. R. P. *et al.* Percepção ambiental dos agricultores quanto ao uso de agrotóxicos nas hortas comunitárias, Teresina, PI. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 5., 2014, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: Instituto Brasileiro de Estudos Ambientais, 2014. Disponível em: <<http://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2014/VII-030.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

FITZ, P. R. **Geoprocessamento sem complicação**. São Paulo: Oficina de Texto, 2013.

FORTUNATO, R. Â.; NEFFA, E. Abordagem complexa e desenvolvimento local por meio do turismo solidário: o caso da rede “Brasilidade Solidária”. **Turismo em Análise**, v. 25, n. 1, abr. 2014. Disponível em:

<<http://www.journals.usp.br/rta/article/viewFile/80672/84324>>. Acesso em: 24 mar. 2018

GOVERNADOR VALADARES. **Lei Complementar nº 002 de 13 de novembro 1992**. Integrante do Plano Diretor de Governador Valadares. Governador Valadares: PrefeituraGV, 1992. Disponível em: <<http://www.valadares.mg.gov.br>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

GOVERNADOR VALADARES. **Lei Complementar nº 004 de 29 de setembro de 1993**. Dispõe sobre o uso e a ocupação do solo urbano no Município. Governador Valadares: PrefeituraGV, 1993. Disponível em: <<http://www.valadares.mg.gov.br>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

GOVERNADOR VALADARES. **Lei Complementar nº 03, de junho de 1993**. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Constituição do Estado de Minas Gerais e na Lei Orgânica do Município. Governador Valadares: PrefeituraGV, 1993. Disponível em: <<http://www.valadares.mg.gov.br>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

GOVERNADOR VALADARES. **Lei Complementar no 051, de 29 de dezembro de 2003**. Altera dispositivos da Lei Complementar Municipal Nº 34, de 14 de dezembro de 2001 (Código Tributário Municipal). Governador Valadares: PrefeituraGV, Disponível em: <<http://www.valadares.mg.gov.br>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

GOVERNADOR VALADARES. **Lei Complementar nº 068, de 17 de novembro de 2004**. Altera Lei Complementar nº003, de junho de 1993 (Plano Diretor Urbano do Município de Governador Valadares). Governador Valadares: PrefeituraGV, 2004. Disponível em: <<http://www.valadares.mg.gov.br>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

GOVERNADOR VALADARES. **Lei Municipal nº 4.526, de 05 de agosto de 1998**. Dispõem sobre a implementação de Hortas Comunitárias. Governador Valadares: PrefeituraGV, 1998. Disponível em: <<http://www.valadares.mg.gov.br>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

GOVERNADOR VALADARES. **Lei No 5.335, de 14 de junho de 2004**. Dá nova redação ao Art. 8, da Lei Nº 3168, de 05 de abril de 1989, que reestrutura o Serviço Autônomo de Água e Esgoto e dá outras providências. Governador Valadares: PrefeituraGV, 2004. Disponível em: <<http://www.valadares.mg.gov.br>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

GOVERNADOR VALADARES. **Lei No 5.439, de 18 de maio de 2005 (Processo No287/5)**. Reestrutura o Programa de Agricultura Urbana do Município de Governador Valadares. Governador Valadares: PrefeituraGV, 2005. Acesso em: 24 mar. 2018.

GOVERNADOR VALADARES. **Mapa do perímetro urbano de Governador Valadares**. Governador Valadares: PrefeituraGV, 2018. Disponível em: <<http://www.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/mapas/12095>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

GOVERNADOR VALADARES. **Relatório do Programa de Agricultura Urbana (PROAGRU)**. Governador Valadares: [s.n.], 2006. Mimeografado.

HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Orgs.). **Maneiras de ler: geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013. 267 p. Disponível em: <[https://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/maneiras\\_de\\_ler\\_geografia\\_e\\_cultural.pdf](https://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/maneiras_de_ler_geografia_e_cultural.pdf)>. Acesso em: 1 mar. 2018.

HORTA, N. C.; MIRANDA, L. A. S. Relato de Experiência do projeto de extensão explorando o potencial da horta comunitária da Vila Pinho. **Percursos Acadêmicos**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 152–154, jan./jun 2014. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/scholar>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Base de informações do Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2010a. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 19 de julho de 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Conceitos**. Rio de Janeiro, 2010b. Disponível em:

<<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm#pea>>. Acesso em: 19 de julho de 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010c. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=31&dados=0>> Acesso em 15 ago. 2018.

LOPES, J. C. A.; FREITAS, H. R.; GERVÁSIO, E. S. Avaliação da adoção de um kit de irrigação de baixo custo e eficiente em uso de água em horta comunitária agroecológica, Juazeiro - BA. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 10, n. 3, mai. 2015. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/18549>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

LOVO, I. C. **Cidade verde**: otimização do uso de espaços vazios para a agricultura urbana através dos planos participativos, planificação e gestão para promover a segurança alimentar e governabilidade participativa municipal. Governador Valadares: [s.n.], 2003. Mimeografado.

LOVO, I. C.; COSTA, Z. R. P. **Fazendo leis para a agricultura urbana: a experiência de Governador Valadares**. Governador Valadares: [s.n.], 2005. Disponível em: <<http://www.agriculturaurbana.org.br/RAU/AU16/AU16valadares.html>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

LOVO, I. C.; PESSOA, K. M. S.; COSTA, Z. R. P. **Experiência de Governador Valadares/ Minas Gerais/Brasil** com a implantação do Programa de Agricultura Urbana. Governador Valadares: [s.n.], 2008. Disponível em: <<http://www.ipes.org/au/artigoValadaresCanadafinal.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

LOVO, I. C. **Agricultura urbana**: um elo entre o ambiente e a cidadania. 2011. 318 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) -- Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95958>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

MACHADO, S. S. **Qualidade de vida e stress de adultos jovens na sociedade contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) -- 2003. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Psicologia, Porto Alegre, 2003.

MADAIANA, R. **Catadora de lindezas**. Porto Alegre, 2017. Blog: Rita Madaiana: Escrevinhadeira. Disponível em: <<https://ritamaidana.blogspot.com/2017/09/catadora-de-lindezas.html/>>. Acesso em: 1 maio 2018.

MAIA, R. S. Casa, pra que te quero? Uma análise sobre as velhas e novas formas e funções das moradias populares. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinó da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Orgs.). **Maneiras de ler**: geografia e cultura. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 256-267. Disponível em: <[https://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/maneiras\\_de\\_ler\\_geografia\\_e\\_cultural.pdf](https://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/maneiras_de_ler_geografia_e_cultural.pdf)>. Acesso em: 1 mar. 2018.

MARANDOLA JÚNIOR, E. Prefácio. In: TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente**. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012. p. 7-11.

MARANDOLA JÚNIOR, E. Prefácio. In: TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013. p. 7-10.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <[http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of](http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of)>. Acesso em: 10 mar. 2018.

MARQUES, G. M. **Percepção de estudantes da educação de jovens e adultos sobre o Rio Doce**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada de Território – GIT, Universidade Vale do Rio Doce. Governador Valadares, 2018.

MARTINS, A. G.; ALMEIDA, A. P. T. Produzindo sementes agroecológicas em uma horta comunitária no campus central da Universidade Federal de Santa Catarina. **Cadernos de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, nov. 2013. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?source>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

MEDEIROS, C. B. N. **Desafios para a implementação de hortas urbanas comunitárias em Natal/RN: perspectivas e diretrizes**. 2014. 159 f. Monografia (Graduação) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2014. Disponível em: <<https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/811/3>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

MORITZ, S. C; COSTA, M. M. Horta comunitária semeando saúde. **Revista de Saúde Pública de Florianópolis**, Florianópolis, ano 3, n. 1, p. 56-61, dez. 2016. Disponível em: <<https://academic.microsoft.com>>. Acesso em: 10 fev.2018.

MOUGEOT, L. J. A. Agricultura Urbana – conceito e definição. **Revista Agricultura Urbana**, [S.l.], n. 1, jul. 2000. Disponível em: <[http://www.agriculturaurbana.org.br/RAU/AU\\_revista\\_httpml](http://www.agriculturaurbana.org.br/RAU/AU_revista_httpml)>. Acesso em: 17 fev. 2018.

MOUGEOT, Luc J. A. **Cultivando mejores ciudades: agricultura urbana para el desarrollo sostenible**. Ottawa: IDRC, 2006. 109 p. (Colección Em\_foco). Disponível em: <<https://idl-bnc-idrc.dspacedirect.org/bitstream/handle/10625/34227/IDL-34227.pdf?sequence=12>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

MOURA, L. O. *et al.* Características físico-químicas de alface roxa colhidas em diferentes idades. **Rev. Caatinga**, Mossoró, v. 29, n. 2, p. 489 – 495, abr./jun., 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcaat/v29n2/1983-2125-rcaat-29-02-00489.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

NAGIB, G. **Agricultura urbana como ativismo na cidade de São Paulo: o caso da Horta das Corujas**. 2016. 434 f. Dissertação (Mestrado Geografia Humana) -- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-18082016-124530/en.php>>. Acesso em: 10 mar. 2018.



NOCETE, E. M. F. B. **Horta escolar agroecológica: incentivadora da aprendizagem e de mudanças de hábitos alimentares no ensino fundamental do Colégio Estadual Semíramis de Barros Braga – Pinhais - Paraná.** 2015. 19 f. Monografia (Especialização em Educação Ambiental) -- Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2015. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/42630>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

NOGUEIRA, A. R. B. Lugar como a representação da existência. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Orgs.). **Maneiras de ler: geografia e cultura.** Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 83-89. Disponível em: <[https://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/maneiras\\_de\\_ler\\_geografia\\_e\\_cultural.pdf](https://laboter.iesa.ufg.br/up/214/o/maneiras_de_ler_geografia_e_cultural.pdf)>. Acesso em: 1 mar. 2018.

O'REILLY, E. M. E; ROSSI, A. M. G. Agricultura urbana: um estudo de caso do projeto Hortas Cariocas em Manguinhos. 2014. 87 f. Monografia (Graduação em Engenharia Ambiental) – Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <<http://monografias.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10009377.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos de 10 de dezembro de 1948.** Disponível em: <[http://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10133.htm](http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm)>. Acesso em: 20 nov.2017.

ONU. Estrategia de la OMS sobre Medicina Tradicional 2014-2023. [internet]. Organización Mundial de la Salud; 2013 [acesso 28 mai. 2018]. Disponível em: <http://apps.who.int/medicinedocs/documents/s21201es/s21201es.pdf>

PÁDUA, L. C. T. **A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências.** 2013. 208 f. Tese (Doutorado em Geografia) -- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-09122013-114313/pt-br.php>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

PAULA, A. M. **Diagnóstico de hortas comunitárias baseado na implantação do projeto Cidade Verde no município de Governador Valadares – MG.** Monografia (Graduação em Tecnologia em Gestão Ambiental) -- Instituto Federal de Minas Gerais, Campus Governador Valadares, 2016.

PINTO, R. B. A. *et al.* A horta comunitária como instrumento pedagógico para a segurança alimentar e nutricional. **Cadernos de Agroecologia. Anais do II SNEA,** [S.l.], v. 12, n. 1, jul. 2017. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/22366/12826>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

PINTO, R. S. B. F. F. **Hortas urbanas: espaço para o desenvolvimento sustentável em Braga.** 2007. 531 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Municipal). Universidade do Minho. Braga, 2007. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7988>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

PIRES, V. C. Agricultura urbana como fator de desenvolvimento sustentável: um estudo na região metropolitana de Maringá. **Revista Pesquisa & Debate**, São Paulo, ano. 27, v. 2, n. 50, dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rpe/article/view/21318>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

PORTO, F. R. C.; SILVA, Jacionira C. Etnobotânica e uso medicinal da pimenta Malagueta (*Capsicum Frutescens* L.) pelos horticultores e consumidores da horta comunitária da Vila Poty. 2013 **Revista FSA**, Teresina, n. 9, p. 139-151, 2012. Disponível em: <<http://www4.fsnet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/18>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

QUEVEDO, T. C. *et al.* Produção agroecológica integrada por meio do Projeto Rondon: oficina de horta comunitária, composteira e construção de cisterna. **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, ano 7, v. 2, 2015. Disponível em: <[WWW.FEEVALE.BR/REVISTACONHECIMENTOONLINE](http://WWW.FEEVALE.BR/REVISTACONHECIMENTOONLINE)>. ACESSO EM: 17 ABR. 2018.

SANTANDREU, A.; LOVO, I. C. **Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção**: identificação e caracterização de iniciativas de AUP em regiões metropolitanas brasileiras. Documento referencial geral – versão final. Belo Horizonte: IPES/RUAF, 2007.

SANTOS, M. J. D. *et al.* Horta escolar agroecológica: incentivadora da aprendizagem e de mudanças de hábitos alimentares no ensino fundamental. **HOLOS**, [S.l.], v. 4, p. 278-290, set. 2014. ISSN 1807-1600. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1705>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, G. F.; JORCELINO, T. M. **Incentivo à escolarização e à inclusão social de trabalhadores adultos e idosos como fortalecimento do bem-estar social e da educação ambiental na Horta Comunitária Girassol – São Sebastião/DF**. 2017. Monografia (Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania) -- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15771/1/2015\\_GetulioFranciscoSilva%20\\_Tallyrand%20Moreira%20Jorcelino\\_tcc.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15771/1/2015_GetulioFranciscoSilva%20_Tallyrand%20Moreira%20Jorcelino_tcc.pdf)>. Acesso em: 7 abr. 2018.

SODRÉ, M. L. S. *et al.* Horta comunitária e agroecologia: a conquista da soberania alimentar. **Revista de extensão Universitária da UFS**, São Cristóvão - SE, n. 2, p. 81-89, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revex/article/view/2311>>. Acesso em: 13 jan. 2018.

SOUZA, T. S.; MIRANDA, M. B. S. Horticultura como tecnologia de saúde mental. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, [S.l.], v. 6, n. 4, p. 310-323, nov. 2017. Disponível em: <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1662>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

SPERANDIO, A. M. G, *et al.* Reverberações sociais e territoriais decorrentes de horta comunitária na perspectiva do planejamento urbano saudável. **ARQUISUR Revista**, ano 6, n. 10, p. 71-83. 2016. Disponível em: <<https://bibliotecavirtual.unl.edu.ar/ojs/index.php/ARQUISUR/article/view/6188/9156>> . Acesso em: 9 mar. 2018.

SPERANDIO, A. M. G. *et al.* Ocupação de vazios urbanos como promotor do planejamento para cidade saudável. **Pesquisa em Arquitetura e Construção**, Campinas, v. 6, n. 3, p. 205-215, set. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/parc/article/view/8635018>>. Acesso em: 9 mar. 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. 288 p.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Tradução Ana Thorell. Porto Alegre: Bookman, 2010.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

<b>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)</b>
--

### 1 – IDENTIFICAÇÃO DO RESPONSÁVEL PELA EXECUÇÃO DA PESQUISA

Título: HORTAS COMUNITÁRIAS: uma análise dos significados atribuídos por agricultores urbanos no território valadareense
--

Pesquisadora Responsável: Jacqueline Míriam Maciel Junqueira Professor orientador da pesquisa: Prof. Dr. Thomas Werner Jeffré
--

Contato com pesquisadora responsável: jacquelinejunqueira@hotmail.com Endereço: Rua Israel Pinheiro, 2000, Campus Universitário Tel.: 3279 5577 Cel: (31) 99102-9163
--

### 2 – IDENTIFICAÇÃO INSTITUIÇÃO:

Instituição: Universidade Vale do Rio Doce
--

Curso: Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Gestão Integrada do Território
---

<b>COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA</b>
------------------------------------

Rua Israel Pinheiro, 2000 – Campus Universitário – Tel.: 3279 5575
--

### 3 – INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE :

3.1) Você, está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa intitulada: HORTAS COMUNITÁRIAS: uma análise dos significados atribuídos por agricultores no território valadareense.

3.2) Esta pesquisa tem por objetivo compreender os significados atribuídos às hortas comunitárias, por agricultores na área urbana do município de Governador Valadares.

3.3) Antes de aceitar participar dessa pesquisa, por favor leia atentamente as explicações abaixo, que informam como o estudo será realizado, se preferir, posso ler para você:

3.3.1) Inicialmente, a pesquisadora irá observar as atividades e cultivos das hortas comunitárias, anotar alguns pontos para identificação da área utilizada para cultivo na horta.

3.3.2) Posteriormente, em local de sua preferência, você irá responder uma entrevista sobre as atividades na horta, a pesquisadora irá anotar as respostas e ao final de cada resposta você poderá verificar se as anotações estão de acordo com suas repostas. A entrevista será também gravada apenas para registrar de sua contribuição com maior precisão.

3.4) Durante sua participação, você poderá se recusar a responder a qualquer pergunta que não seja de sua vontade ou que lhe cause qualquer desconforto.

3.5) Você poderá se recusar a participar da pesquisa em qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo.

3.6) Sua participação se dará de maneira voluntária, não recebendo nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza. Entretanto, lhe serão garantidos todos os cuidados necessários à sua participação de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico.

3.7) Sua participação poderá envolver os seguintes riscos ou desconfortos: dificuldade ou insegurança quanto à melhor resposta a ser fornecida às perguntas do questionário, conflitos entre o que pensa e o que imagina que deve ser respondido, temor de que possa ser no futuro identificado como fornecedor de alguma informação indesejada nesta pesquisa. Nesta situação a entrevista poderá ser interrompida, caso deseje.

3.8) Serão garantidos o sigilo e privacidade aos participantes, assegurando-lhes o direito de omissão de sua identificação e/ou de dados que possam comprometê-lo. Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes.

3.9) Preveem-se como benefícios da realização dessa pesquisa: contribuição com o debate sobre as práticas comunitárias de segurança alimentar e nutricional, em especial, a mobilização e articulação de diversos setores fortalecendo o processo de implementação e manutenção das hortas comunitárias como uma política pública efetiva. Os resultados obtidos serão apresentados à equipe da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento, e caso seja de interesse da SEMA e dos agricultores, poderão ser propostas a realização de atividades, palestras e/ou formações continuadas sobre os temas sugeridos pelos participantes.

3.10) Os resultados obtidos com a pesquisa serão apresentados em eventos ou publicações científicas, artigos e dissertação de mestrado.

Confirmando ter sido informado e esclarecido sobre o conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo com a minha participação nesta pesquisa e por isso dou meu livre consentimento.

Governador Valadares, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Nome do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora responsável: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B – PLANILHA DE CONTATO DAS HORTAS COMUNITÁRIAS**

<b>PLANILHA DE CONTATO DAS HORTAS COMUNITÁRIAS</b>					
Nome da Horta					
Endereço					
Ano de Início					
Propriedade do terreno					
Número de Pessoas					
Nome dos Responsáveis					
Telefones					
Agendamento					

## APÊNDICE C – ROTEIRO ESTRUTURADO DE ENTREVISTA

### UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO

“HORTAS COMUNITÁRIAS: uma análise dos significados atribuídos por agricultores urbanos no território valadarense”

Pesquisadora: Jacqueline Míriam Maciel Junqueira Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Hora de Início: \_\_\_\_\_ Hora de Término: \_\_\_\_\_

#### CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO:

Horta Comunitária: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo:  Masculino  Feminino

Onde nasceu: \_\_\_\_\_  área urbana  área rural

Onde foi criado: \_\_\_\_\_  área urbana  área rural

Se mudou, a partir de qual idade? \_\_\_\_\_

Estado Civil:  solteiro (a)  casado (a)  união estável  separado/divorciado  viúvo (a)

Qual sua cor ou raça?

Branca  Parda  Morena  Negra  Amarela

Quantas pessoas moram na casa: \_\_\_\_\_

Quantas participam na horta: \_\_\_\_\_

Qual a renda média da família: \_\_\_\_\_

Frequentou escola?  sim  não

Se a resposta for sim:

Fundamental I incompleto  Fundamental I completo

Fundamental II incompleto  Fundamental II completo

segundo grau incompleto  Segundo grau completo

terceiro grau incompleto  terceiro grau completo

Fez algum curso de formação profissional? Qual? \_\_\_\_\_

Se a resposta for não:

sabe ler  sabe escrever  sabe operações fundamentais

Qual a sua profissão? \_\_\_\_\_

Atualmente trabalha com quê? \_\_\_\_\_

Qual é a sua condição de trabalho? \_\_\_\_\_

Quantos dias por semana em média, você dedica a atividade na horta? \_\_\_\_\_

Quantas horas em média, você dedica por dia? \_\_\_\_\_

Quais alimentos normalmente são produzidos na horta comunitária? \_\_\_\_\_

Qual o destino dos produtos da horta comunitária?

consumo próprio  comercialização  doação  troca

compostagem  coleta pública

Quanto ganha em reais, em média por mês com a venda dos produtos a horta? \_\_\_\_\_

Quanto deixa de gastar em reais, em média por mês, consumindo os produtos da horta?

\_\_\_\_\_

Quanto gasta em média por mês com a horta?

### IDENTIFICAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS:

- a) Coleta de evocações: Agora, você deverá citar cinco palavras ou expressões que vêm imediatamente à sua mente em relação à expressão abaixo:

HORTA COMUNITÁRIA	
	( )
	( )
	( )
	( )
	( )

- b) Palavras mais importantes

Agora, você deverá ordenar as palavras acima pela ordem de importância, vou ler e você indicará a sequência para que eu preencha os parênteses com a numeração de 1 (a mais importante) até 5 (a menos importante).

#### Significados

Agora, você deverá indicar o significado da palavra/expressão que você elegeu como n° 1, ou seja, a mais importante: \_\_\_\_\_

Significado mais importante:

Porque você elegeu a palavra / expressão (n° 1) como a mais importante?

\_\_\_\_\_



## APÊNDICE D – GRELHA DE SIGNIFICADOS

Grelha de Análise das Categorias de significados e Variáveis								
SUJEITO	SEXO	ORIGEM	FAIXA ETÁRIA	GRAU DE IMPORTÂNCIA DO SIGNIFICADO				
				1°	2°	3°	4°	5°
Augusta	F	Rural	5	Amor ao lugar	Amor ao lugar	Alimentação saudável	Terapia	Ocupação
Aurora	F	Rural	4	Alimentação saudável	Trabalho	Amor ao lugar	Lazer	Alimentação saudável
Aline	M	Rural	2	Amor ao lugar	Doação	Trabalho	Amor ao lugar	Lazer
Antônio	F	Rural	2	Terapia	Renda	Saúde	Lazer	Amor ao lugar
Amélia	F	Rural	5	Saúde	Amor ao lugar	Amor ao lugar	Terapia	Ocupação
Bela	F	Rural	2	Saúde	Terapia	Trabalho	Amor ao lugar	Renda
Belmiro	M	Urbana	2	Saúde	Alimentação saudável	Trabalho	Amor ao lugar	Lazer
Catarina	F	Rural	2	Ocupação	Doação	Amor ao lugar	Terapia	Renda
Dora	F	Rural	4	Amor ao lugar	Amor ao lugar	Saúde	Trabalho	Terapia
Diva	F	Rural	4	Amor ao lugar	Doação	Renda	Saúde	Terapia
Elias	M	Urbana	2	Doação	Amor ao lugar	Amor ao lugar	Terapia	Lazer
Elmo	M	Rural	1	Doação	Alimentação saudável	Amor ao lugar	Amor ao lugar	Saúde
Eustáquio	M	Urbana	4	Doação	Doação	Terapia	Doação	Amor ao lugar
Francisco	M	Rural	3	Terapia	Amor ao lugar	Trabalho	Renda	Amor ao lugar
Guido	M	Rural	4	Saúde	Trabalho	Amor ao lugar	Alimentação saudável	Doação
Hélio	M	Rural	5	Alimentação saudável	Lazer	Saúde	Saúde	Amor ao lugar
Inês	F	Rural	2	Saúde	Amor ao lugar	Alimentação saudável	Ocupação	Terapia
Ivan	M	Rural	4	Amor ao lugar	Terapia	Ocupação	Amor ao lugar	Alimentação saudável
Ideraldo	M	Rural	5	Amor ao lugar	Terapia	Lazer	Ocupação	Trabalho
Julia	F	Rural	4	Doação	Amor ao lugar	Amor ao lugar	Trabalho	Terapia
Jeremias	M	Urbana	3	Terapia	Alimentação saudável	Lazer	Doação	Amor ao lugar
Kenedy	M	Rural	6	Doação	Lazer	Trabalho	Amor ao lugar	Ocupação
Karlos	M	Rural	5	Alimentação saudável	Terapia	Amor ao lugar	Doação	Ocupação
Leda	F	Rural	3	Amor ao lugar	Saúde	Terapia	Alimentação saudável	Doação
Luci	F	Rural	2	Alimentação saudável	Terapia	Amor ao lugar	Saúde	Renda
Lia	F	Rural	2	Doação	Amor ao lugar	Lazer	Amor ao lugar	Terapia

## ANEXO A – CADASTRO DA HORTA



Prefeitura Municipal de Governador Valadares – Mg  
 Secretaria de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento – SEMA  
 Departamento de Agricultura e Pecuária  
 Gerencia de apoio à agricultura

### Cadastro da horta

Programa de Agricultura Urbana – PROAGRU

Nº do cadastro: \_\_\_\_\_

Classificação: ( ) Comunitária ( ) Institucional

Nome (horta): \_\_\_\_\_

Data da implantação: \_\_\_\_\_ Situação: ( ) Ativa ( ) Desativada - data: \_\_\_\_\_

Área total útil para agricultura (m<sup>2</sup>): \_\_\_\_\_ Área cultivada (m<sup>2</sup>): \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Telef: \_\_\_\_\_

Terreno: ( ) Particular ( ) Municipal ( ) Estadual ( ) Federal

Insc. Imobiliária (particular): \_\_\_\_\_ Quadra: \_\_\_\_\_ Lote: \_\_\_\_\_

Beneficiada pela isenção da água pela Lei Nº 5.335, de 14/06/2004?

( ) Sim ( ) Não ( ) A solicitar ( ) Não se aplica

Beneficiada pela redução do IPTU de acordo com a Lei Nº 5.439, de 18/05/2005?

( ) Sim ( ) Não ( ) A solicitar ( ) Não se aplica

Período de dedicação à horta: \_\_\_\_\_ h/dia \_\_\_\_\_ dias/semana

Destino da produção: ( ) Consumo ( ) Doação ( ) Comércio

Tipos de cultura: \_\_\_\_\_

Responsável pela atividade de agricultura:

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Telef: \_\_\_\_\_

Número de pessoas participantes: no início: \_\_\_\_\_ Atual: \_\_\_\_\_

Estimativa de pessoas beneficiadas: \_\_\_\_\_

Número de famílias atendidas: \_\_\_\_\_

Obs:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## Grupo participante

Nome da horta ou instituto: \_\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Carteira de identidade: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_ Número de dependentes: \_\_\_\_\_

Telef: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Carteira de identidade: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_ Número de dependentes: \_\_\_\_\_

Telef: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Carteira de identidade: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_ Número de dependentes: \_\_\_\_\_

Telef: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Carteira de identidade: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_ Número de dependentes: \_\_\_\_\_

Telef: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## ANEXO B – TERMO DE ADESÃO E COMPROMISSO



Prefeitura Municipal de Governador Valadares – MG  
 Secretaria de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento – SEMA  
 Departamento de Agricultura e Pecuária  
 Gerência de apoio à agricultura

### Termo de Adesão e Compromisso do Produtor Urbano

Programa de Agricultura Urbana – PROAGRU

Nome da horta ou instituto: \_\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Carteira de identidade (anexo): \_\_\_\_\_ CPF (anexo): \_\_\_\_\_

Endereço do imóvel: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Produtor (a) urbano (a), abaixo assinado e devidamente identificado, formaliza o presente TERMO DE ADESÃO ao Programa de Agricultura Urbana – PROAGRU junto à Prefeitura Municipal de Governador Valadares, MG, através da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento – SEMA, assumindo as seguintes obrigações:

1º - Seguir e cumprir todas as normas e regulamentos operacionais do Programa de Agricultura Urbana que forem devidamente estipuladas e convencionadas pela Lei nº 5.439 de 18 de maio de 2005;

2º - Participar, quando necessário, de capacitação juntamente com grupos de produtores (as) urbanos (as) instituídos pelo Programa de Agricultura Urbana, pela assessoria técnica e fazer parte do Fórum Municipal de Agricultura Urbana – AU e Segurança Alimentar Sustentável – SANS;

3º - Disponibilizar seu sistema de produção para visitas dos técnicos e demais produtores (as) participantes do programa, quando o mesmo for avisado antecipadamente;


4º - Autorizar a divulgação dos resultados do programa colhidos em seu sistema de produção.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do coordenador da horta

\_\_\_\_\_  
 Diretoria Dep. de Agricultura e Pecuária Gerente de Apoio de Agricultura

Governador Valadares, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**ANEXO C – RELATÓRIO DE VISITA TÉCNICA**

 <p>Prefeitura Municipal de Governador Valadares – MG Secretaria de Meio Ambiente, Agricultura e Abastecimento – SEMA</p>	<p align="center"><b>RELATÓRIO DE VISITA TÉCNICA</b></p>
<b>SERVIDOR:</b>	
<b>PROGRAMA:</b>	
<b>DEPARTAMENTO:</b>	
<b>DESTINO:</b>	
<b>DATA:</b>	
<b>ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:</b>	
<b>RESULTADOS OBTIDOS:</b>	
<b>TRABALHOS A DESENVOLVER:</b>	
<b>CONSIDERAÇÕES GERAIS / JUSTIFICATIVAS:</b>	
<p>_____ Data: ASSINATURA / CARIMBO</p>	